

Extremadura



ROTEIROS ORNITOLÓGICOS









Rabirruivo-preto

Primeira Edição, Janeiro 2009

JUNTA DA EXTREMADURA

Consejería de Cultura y Turismo

Coordenação Geral

Dirección General de Turismo

Coordenador de textos e fotografias

Juan Pablo Prieto Clemente

Textos

Casimiro Corbacho Amado, *roteiros 5, 15, 16 e 19*

Atanasio Fernández García, *roteiros 9, 11, 12, 14 e 17*

Víctor Manuel Pizarro Jiménez, *roteiros 1, 4, 10 e 18*

Javier Prieta Díaz, *roteiros 2, 3, 6 e 7*

Juan Pablo Prieto Clemente, *roteiros 8 e 13*

Fotografias

Juan Pablo Prieto Clemente, *páginas 3, 6, 9, 11, 12, 14, 15,*

18, 26, 30 inf., 31, 37 sup., 42, 45, 56, 62, 64, 65, 66, 67, 74,

75 inf., 78, 79, 90 inf., 92 e 94

Atanasio Fernández García, *páginas 46, 48, 49, 54, 57, 58,*

60, 61, 63, 68, 70, 71, 80, 82 e 83

José Gordillo Caballero, *páginas 4, 5 inf., 27, 35, 36, 44, 52 inf., 87 e 91*

Javier Prieta Díaz, *páginas 16, 19, 20, 22, 23, 34, 37 inf., 38, 40 e 41*

Ricardo Peralta, *páginas 5 sup., 8, 30 sup., 53, 75 sup. e 90 sup.*

Casimiro Corbacho Amado, *páginas 28, 72, 76 e 88*

Víctor M. Pizarro Jiménez, *páginas 24, 50, 52 sup. e 84*

Produção gráfica

XXI Estudio Gráfico

Impressão

Indugratic. Artes Gráficas

Depósito Legal

BA-095-09



Cartaxo-nortenho



Sisão



Jornadas ornitológicas

Introdução

A Extremadura, graças ao leque de habitats que possui, que vão desde a alta montanha de Gredos até às planícies de La Serena ou aos Llanos de Cáceres e Trujillo, e à sua situação geográfica estratégica dentro das rotas migratórias de muitas aves, tem-se convertido no destino de um novo conceito de turismo emergente conhecido como “turismo ornitológico ou Birdwatching”. Tanto assim é, que a internacionalmente conhecida marca de binóculos e telescópios Swaroski, utilizada pelos melhores ornitólogos de todo o mundo, escolheu o nome de Extremadura para dar ao seu último modelo de mochilas de material óptico para naturalistas. A recente declaração de Monfragüe como Parque Nacional, e conseqüente publicidade e atribuição de verbas por parte dos ministérios do Ambiente, Meio Rural e Marítimo e pelo Ministério do Turismo, tem conseguido aproximar um importante e crescente número de visitantes a esta comunidade que poderão contemplar muitas espécies da ornitofauna que não encontrarão noutros destinos. Mas não devemos esquecer que Monfragüe é apenas outra zona dentro de um território bem conservado e repleto de espaços naturais que valem a pena descobrir e conhecer, pelo que este guia de roteiros ornitológicos pretende, de uma forma simples e agradável, aproximar-nos a outros enclaves extremenhos não tão conhecidos como o Parque Nacional de Monfragüe e que, nalguns casos, nem sequer têm nenhum tipo de protecção que os ampare, mas que estão repletos de recursos ambientais e faunísticos que delicia qualquer amante das aves que apenas disponha de uns binóculos ou telescópio terrestre disposto a desfrutar de umas jornadas por estes territórios.

Os roteiros são intencionalmente simples, sem que isso, contudo, revele qualquer falta de rigor. Destinam-se tanto ao ornitólogo especialista, que pode vir de outra comunidade autónoma ou de outro país, como à família extremenha que queira conhecer pela nossa mão algum território que lhe passou despercebido por desconhecimento ou por afastamento do seu domicílio. Para isso, cada roteiro conta com a seguinte informação: um mapa do roteiro, onde poder escolher, de um modo geral, se nos decidimos a fazer o caminho, um quadro com as espécies de aves mais representativas e a melhor época para observá-las, onde aparecem as seguintes categorias:

Residentes: aves que estão no território durante todo o ano.

Estivais: aves nidificantes que estão no território durante a Primavera e o Verão, efectuando a migração aos seus quartéis invernaes no final do Verão.

Invernaes: aves que não nidificam na Extremadura, mas que passam aqui os meses outonais e invernaes.

Migradores de passagem: aves que utilizam a região como zona de passagem desde as zonas de cria a norte da Extremadura, até às áreas de invernaes mais ao sul, pelo que costumam ter duas épocas de passagem, uma depois do período pós-nupcial e outra pré-nupcial.

Além desta informação, aparecem em cada roteiro os seguintes campos:

- **Localização e acessos:** com informação suficiente para chegar ao ponto de partida de cada roteiro.
- **Descrição do roteiro:** com coordenadas GPS nos troços de bifurcação ou pontos de interesse que tornarão possível aproveitar ao máximo o roteiro que vamos efectuar.
- **Valores ornitológicos:** detalhes das espécies mais destacadas que podemos encontrar no roteiro, embora existam muitas mais espécies na zona que se podem observar.
- **Fenologia do roteiro:** momento mais adequado para efectuar o roteiro ou o que podemos encontrar em cada estação
- **Outros valores ambientais e culturais:** informação adicional de recursos que encontramos na zona aos quais podemos aceder como opção.

Depois desta informação, resta desejar a todos aqueles que se decidam a realizar algum destes roteiros que desfrutem de uma óptima jornada de campo, e esperar que a informação apresentada neste guia lhes tenha sido útil.

Juan Pablo Prieto Clemente

Coruja-das-torres





Boas práticas do observador de aves

Devemos ter em conta que o nosso interesse pela observação de aves não deve tornar-se num perigo para estas nem para os demais seres vivos que habitam na natureza, por isso é importante recordar as seguintes normas a seguir no desenrolar destes roteiros ornitológicos:

- Evitar perturbações durante o período de nidificação, devendo manter-nos afastados dos ninhos, pois um adulto assustado durante a incubação ou enquanto as crias são pequenas pode retroceder, arruinando a descendência de um casal.
- Procurar vestir roupas de cores discretas, que se integrem na paisagem, evitando um impacto visual.
- Caminhar silenciosamente, apreciando os sons da natureza, em particular o canto das aves, até porque no caso de muitas das espécies apenas seu o canto nos avisará da sua presença.
- Caminhar, sempre que possível, evitando usar o carro, aproveitando melhor o trajecto ao utilizarmos todos os nossos sentidos.
- Se tivermos apoio óptico (binóculos e telescópio) não precisamos de nos aproximar das aves e será mais fácil distinguir as espécies; é também conveniente levar guias de campo especializados.



Índice



	Page
1 Sierra de Gata	12
2 Vale do Ambroz	16
3 La Vera e o Jerte	20
4 Tajo internacional	24
5 Canchos de Ramiro / Barragem de Portaje	28
6 Parque Nacional de Monfragüe	32
7 Barragem de Arrocampo	38
8 Sierra de San Pedro	42
9 Planícies de Cárces, Magasca e Trujillo	46
10 Villuercas	50
11 Açude do Rio Guadiana	54
12 Cornalvo e Los Canchales	58
13 Barragem de Orellana e Puerto Peña	64
14 Orellana Reservoir and Puerto Peña	68
15 Lagoas e planícies de La Albuera	72
16 Serras centrais de Badajoz	76
17 La Serena e Serra de Tiros	80
18 Montados de Jerez	84
19 Arroio Conejo / Campiña Sur	88



Localização e acessos

O roteiro localiza-se na comarca da Serra de Gata, nas várzeas do Rio Alagón e no vale do Rio Árrago, na vertente sul da Serra de Gata. Podemos iniciar o roteiro na localidade de **Moraleja** (Cáceres), na estrada EX-108, Coria-Moraleja, onde vamos apanhar a estrada que se dirige à localidade de **La Moheda** e à barragem de Borbollón; e também desde a estrada Ex-205, desviando-nos em direcção a Moraleja ou para cruzar o vale do Árrago.



Descrição do roteiro

O roteiro tem cerca de 106 km, ida e volta, num percurso misto de asfalto e trilhos florestais, desde a povoação de Moraleja até ao final do itinerário sugerido. Está pensado para ser efectuado em carro durante um dia, com paragens nos pontos de observação mais interessantes.

O itinerário percorre, por um lado as várzeas, pastagens e cultivos de regadio do Rio Alagón, onde se destaca a população invernante do *grou*. Posteriormente, subimos pelo Rio Árrago, pelo meio de frondosos bosques de freixos e amieiros, entre montanhas como as de Bolla e Gomara, que ultrapassam os 1100 metros de altitude e onde se destaca uma população de mais de meia centena de casais reprodutores de *abutres-pretos*. O roteiro tem o seu ponto mais alto nos Puertos Nuevo e Viejo, já na fronteira provincial com Salamanca, e na Serra de los Ángeles, uma zona de pinheiros, carquejas, urze e giestas. A meio caminho entre a serra e a planície, os montados de azinheira e as matas de carvalho-negral apaziguam os contrastes entre cumes e planícies. A barragem de Borbollón é

um lugar de paragem obrigatória para a enorme quantidade de aves aquáticas invernantes, como *as anátidas*, *os gansos*, *os corvos marinhos*, *as gaivotas* e *os grou*, que utilizam uma ilhota – de Parra Chica ou de Borbollón – como dormitório habitual durante a invernada, além de ser também local de reprodução de *cegonhas-brancas*, *garças-vaqueiras* e *garças-reais* durante a época estival.

Iniciamos o trajecto na localidade de **Moraleja**. Na EX-108 apanhamos a estrada que nos leva à povoação de colonização de Moheda e à barragem de Borbollón. Vimos no desvio à nossa esquerda, no ponto (X:0703715, Y:4442234), seguindo a sinalização em direcção à barragem da ribeira de Gata. Pelo caminho vamos encontrar mosaicos de milharais, pastagens, prados e montados onde podemos facilmente observar os *grou* alimentado-se nos seus comedouros ou o *peneireiro-cinzento*. A paisagem é dominada pelos tradicionais sequeiros de tabaco e no horizonte, a norte, vislumbramos os cumes da Serra de Gata. Voltamos à estrada e viramos à esquerda, para nos dirigirmos à barragem de Borbollón, declarada Zona de Protecção Especial para Aves. Ao chegar ao parque de campismo, apanhamos a estrada de Hoyos e Villasbuenas de Gata, onde nos desviamos à nossa direita no ponto (X:0705617, Y:4445362). Daqui parte um caminho que percorre o perímetro da barragem de Borbollón, onde sugerimos que deixe o carro e caminhe pelas margens, durante o entardecer, depois de realizado o itinerário proposto. É um bom local para observar o trajecto dos *grou* desde o comedouro até à ilhota que utilizam como dormitório. Desde um dos extremos mais próximos à ilha podemos ver as aves pousadas nas margens, assim como os *corvos-marinhos* que usam os eucaliptos como dormitórios.

Esquema do roteiro e espécies nidificantes



Residentes	Estivais	Invernantes	Migradores de passagem
<ul style="list-style-type: none"> • Abutre-preto • Grifo • Águia-perdigueira • Chapim-do-mato 	<ul style="list-style-type: none"> • Cegonha-preta • Abutre-do-Egipto • Sombria, petinha-dos-campos • Chasco-cinzeno 	<ul style="list-style-type: none"> • Ferreirinha comum • Escrevedeira-amarela • Dom-fafe • Grou-comum 	

Continuamos em direcção à EX-205 e viramos à direita, no sentido da localidade de Hervás, e depois à esquerda, no cruzamento de Cadalso e Descargamaria. Subimos o vale do Río Arrago, sombreado por um fresco bosque onde podemos observar o voo nervoso do *melro-d'água*. Ao chegar à bonita localidade de Ro-

bledillo de Gata, declarado Conjunto Histórico-Artístico, apanhamos a estrada estreita que nos conduz ao Puerto Viejo. No ponto (X:0715446, Y:4446783) encontra-se o miradouro de "la Lagartera", onde temos uma bela vista sobre o apertado vale do Arrago e de onde parte uma calçada romana, um pequeno cami-



Chapim-real

nho que sobe pela garganta até às nascentes deste rio. As suas ladeiras são densas, cobertas por pinheiro-larício, carrascos, carvalhos e enormes urzes, um lugar ideal para ver pequenas aves de matagal: *toutinegras*, *ferreirinhas*, *piscos-de-peito-ruivo*.

Ao chegar ao passo de montanha, no ponto (X:0715802, Y:4470009) seguimos pelo trilho florestal à nossa esquerda. Este trilho percorre uma zona de altos cumes onde predominam as repovoações de pinheiro-larício e matagais de urze e carqueija. Neste habitat é possível observar reprodutores estivais comuns como a *sombria*, o *chasco-cinzentos* e a *petinha-dos-campos*, além da *escrevedeira-amarela*, uma invernante que apenas pode ser observada neste longínquo recanto da geografia extremeña. Nalgumas zonas bem localizadas destes pinhais de montanha é possível observar o *chapim-real* e *preto* e são também frequentes os voos de predadoras como o *abutre-preto*, o *grifo* e o *abutre-do-Egipto*. O trilho continua até à estrada do “Puerto Nuevo”, no ponto (X:0710899; Y:4467314) entre as localidades de Descargamaría e Ciudad Rodrigo (Salamanca). Devemos tomar os seguintes pontos e desvios: Ponto (X:07149172, Y:4469784). Vire à direita. Ponto (X:0714467, Y:4469218). Vire à direita. Ponto (X:0713105,

Y:4468702). Vire à direita. Ponto (X:0711596, Y:4468458). Vire à esquerda.

Chegando à estrada, viramos à nossa esquerda, em direcção a Descargamaría. A estrada faz várias curvas, permitindo vislumbrar os vales abruptos e encostas xistosas entre as quais crescem zimbros e carrascos. A presença de *abutres-pretos*, cuja actividade se concentra nas umbrias de **Gomara**, é agora mais frequente. Na estrada existe um bom lugar de observação da serra no ponto (X:0712815, Y:4464117).

Ao chegar a Descargamaría, apanhamos outra vez a estrada para Robledillo de Gata, desviando-nos à nossa direita, no ponto (X:0719312, Y:4464947). O nosso roteiro sobe uma encosta íngreme em direcção ao cume e ao **miradouro “del Chorrillo”**, do qual podemos observar a impressionante queda d’água conhecida como **“Chorro de los Ángeles”**. A proximidade a um aterro (reaberto recentemente e que faz parte da rede de lixeiras autorizadas pela administração extremeña) transforma este local num enclave ideal para a observação da incessante actividade de grandes aves predadoras, especialmente *grifos*, que dormem às dezenas nas ardósias das quedas d’água e penhascos da **“Serra de los Ángeles”**.



Valores ornitológicos

Dada a diversidade de habitats, são muitos e variados os valores ornitológicos deste trajecto. Destacam-se as populações invernantes de *grous*, com uma população estimada em cerca de 4.000 aves. Durante o Inverno é frequente a presença do *peneireiro-cinzento* nos regadios e nas várzeas dos rios. Durante a época estival, a ilha de Borbollón é lugar de nidificação de, entre outras espécies, *garças-vaqueiras* (240 casais reprodutores) e da *garça-real*, que conta aqui com 160 ninhos, a maior colónia nidificante de toda a Extremadura. O *abutre-preto* ultrapassa a meia centena de casais reprodutores nesta comarca e juntamente com os núcleos nortenhos de Hurdes e Granadilla constituem uma unidade que alcança os 100 casais reprodutores. É possível observar outras espécies estivais como a *cegonha-preta*, embora estes habitats lhe sejam pouco favoráveis. Nalguns pinhais de montanha podemos observar o *chapim-preto* e nos matagais de urze e carquejas, espécies reprodutoras típicas destes habitats de montanha como o *chasco-cinzento*, a *sombria* e a *petinha-dos-campos*, além das espécies características do matagal, como *ferreirinhas* e *toutinegras*. Nas massas florestais de pinhais e bosques caducifólios encontramos rapinas diurnas como a *águia-calçada*, o *gavião* e o *açor* e a *coruja-do-mato* e o *bufo-pequeno* entre as nocturnas.



Fenologia do roteiro

Pode realizar-se em qualquer época do ano. Durante o Inverno, podemos desfrutar do espectáculo das aves invernantes, principalmente os *grous*, ligadas aos regadios, aos montados e às massas de água. Durante a Primavera, regressam as aves estivais como a *cegonha-preta*, o *abutre-do-Egipto*, a *águia-calçada* ou a *águia-cobreira*. A Primavera é também a época de reprodução, portanto, não devemos sair do trajecto estabelecido, evitando assim incomodar as aves durante este sensível período. Embora se trate de uma região montanhosa em parte do itinerário, o Verão é muito quente, e devemos evitar as horas centrais do dia que são também as menos favoráveis para observar aves.



Outros valores ambientais e culturais

Miradouro de “El Chorrito” (Torrecilla de los Ángeles)
Conjunto Histórico-Artístico de: Gata, Robledillo de Gata, Trevejo e San Martín de Trevejo.

Textos: Víctor Manuel Pizarro Jiménez

Chasco-cinzento





Localização e acessos

O Vale do Ambroz situa-se no centro norte da província de Cáceres, limitado a sul e a norte pelos contrafortes de **Gredos** e a oeste pelo **Rio Alagón**. O **Rio Ambroz**, que lhe dá o nome, atravessa a comarca em diagonal, de nordeste a sudoeste. O forte contraste de altitudes favorece a presença de numerosos ecossistemas, desde os montados das planícies à alta montanha.

O acesso ao todo o Ambroz realiza-se facilmente, pois a comarca é atravessada de norte a sul pela auto-estrada A-66, também chamada de “Vía de la Plata”, paralela a esta histórica calçada romana. A A-66 entra na Extremadura a norte pelo pitoresco passo de montanha de Béjar, e sai do Ambroz pelo sul, em Plasencia.



Descrição do roteiro

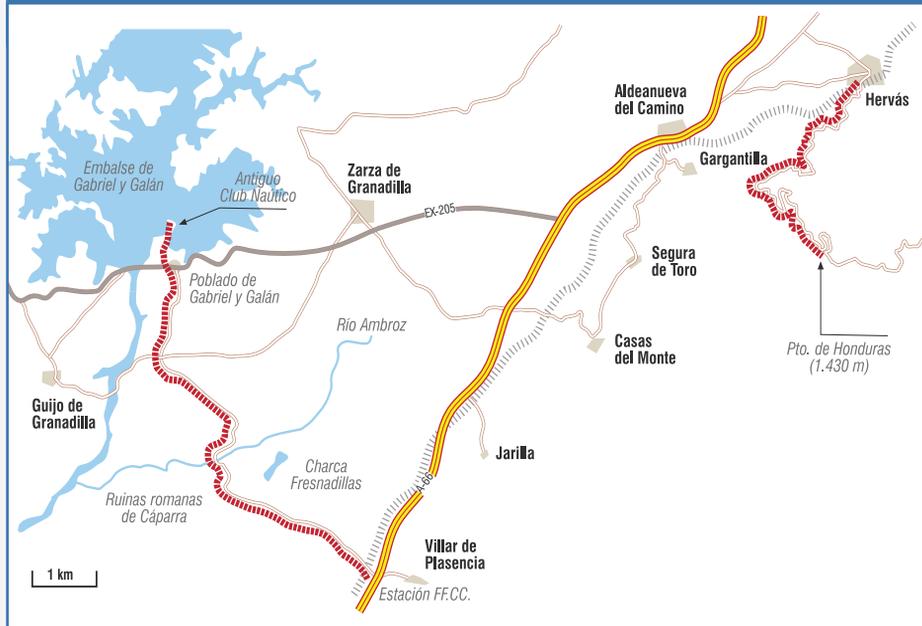
O roteiro aqui sugerido consta de duas partes separadas. Uma é o “**puerto de Honduras**”, um percurso de montanha que se inicia em Hervás; o outro desenvolve-se nas planícies, entre as ruínas romanas de Cáparra e a barragem de Gabriel y Galán.

A subida ao passo de montanha de Honduras realiza-se por uma estrada estreita, com várias curvas e pouco trânsito, o que possibilita circular devagar e sem perigo e parar facilmente nas bermas. Ascendemos desde os 700 metros de Hervás até aos 1430 metros do passo, atravessando os diferentes tipos de vegetação, desde os carvalhos e castanheiros de Hervás, até às giestas no alto. O trajecto começa em Hervás, onde devemos apanhar a estrada que se dirige a Cabezueta del Valle, e que nunca vamos abandonar. As espécies que podemos contemplar são fundamentalmente florestais (*ga-*

vião, açor, bútio-vespereiro, bico-grossudo, papafigos, pica-pau malhado pequeno, trepadeira, trepadeira-azul, gaio-comum, tordeia, papa-moscas preto, felosa de Bonelli), rupícolas (*grifo, falcão-peregrino, águia-real, melro azul e das rochas, rabirruivo-preto, cia*) e de matagal (*papa-amoras, toutinegra-do-mato, sombria, chasco-ruivo, cotovia*). A subida de carro pode ser complementada por trajectos a pé nalguns segmentos, nas zonas de bosques ou nos cumes, e ao chegar ao passo de montanha podemos optar por regressar a Hervás ou descer o vale do Jerte, atravessando paisagens semelhantes, embora sem castanheiros.

A segunda parte decorre por um habitat muito diferente: o montado. Inicia-se na saída da A-66 que nos conduz a **Guijo de Granadilla** e à barragem de Gabriel y Galán, ao lado da estação de comboios abandonada de **Villar de Plasencia**. É necessário estar atento aos sinais de acesso a esta pequena estrada, porque a entrada não é directa. Uma vez iniciado o roteiro, atravessamos um montado típico, onde é possível avistar *grous* durante o Inverno e *charnecos, poupas* e outras espécies durante todo o ano. Nos postes de electricidade há vários ninhos de *cegonha-branca* e alguns de *corvos* (por vezes ocupados por *peneireiros-vulgares*) embora as companhias eléctricas estejam, recentemente, a proceder à sua eliminação. Uma das espécies presente, contudo escassa, é o *rolieiro*, que costuma pousar nos fios eléctricos ou em edifícios rurais. A 4,4 km do início do roteiro surge outra estrada à esquerda, que leva a um açude agrícola (cuidado, pois pouco antes aparece uma outra estrada à esquerda que não devemos apanhar). Estamos agora na zona de *Fresnadillas* e podem ver-se *cegonhas-pretas* durante todo o ano, *colhereiros* e *garças-brancas-grandes* de passa-

Esquema do roteiro e espécies nidificantes



Residentes	Estivais	Invernantes	Migradores de passagem
<ul style="list-style-type: none"> • Grifo, abutre-preto, açor, falcão, águia-ral, peneireiro-cinzento, cegonha-preta, garça-real, mergulhão-de-crista, alcaravão, pica-pau malhado pequeno, melro-d'água, ferreirinha, charneco, melro azul, toutinegrado-mato, estrelinha-real 	<ul style="list-style-type: none"> • Bútio-vespeiro, águia-cobreira, águia-calçada, abutre-do-Egipto, rolieiro, abelharuco, cuco, andorinhão pálido, papa-amoras, papamoscas preto, felosa de Bonelli, sombria, papa-figos 	<ul style="list-style-type: none"> • Grou-comum, águia-pesqueira, ganso-bravo, anátidas, guincho comum, gaivota-de-asa escura, tarambola-dourada, abibe, corvo-marinho 	

gem, abibes, grou e tarambolas-douradas no Inverno; e rolieiros e pardais-franceses na Primavera. Não obstante, a presença destas espécies é irregular e ocasional. De regresso à estrada anterior, continuamos em

direcção à barragem de Gabriel y Galán, passando junto às ruínas e ao **arco romano de Cáparra**. A seguir atravessamos o **Rio Amboz** e vamos dar a uma clareira onde podemos ver o *alcaravão* e a *tarambola-dourada*

no Inverno, assim como o *grou-comum* e o *peneireiro-cinzento*. Circulamos sempre pela mesma estrada, até que finaliza na EX-205, junto à barragem de

Gabriel y Galán. Aqui recomendamos observar desde a represa (existe um grande parque de estacionamento à direita) a jusante, onde há uma colónia de *garça-real*



Papa-moscas preto



Abelharucos



Cegonha-preta

nos choupos que servem também de dormitórios de Inverno para o *corvo-marinho* (com sorte, podemos ver também a *cegonha-preta* e a *águia-pesqueira*; e a montante, o extenso espelho de água da barragem. A melhor zona para ver aves aquáticas situa-se a sudeste da barragem, um bom lugar para observar a península onde se encontrava o **Clube Náutico** (transformado em centro desportivo). É um local excelente para ver a chegada dos *grous* e *gaivotas* aos seus dormitórios e para contemplar *patos*, *gansos* e *mergulhões-de-crista* na época invernal. O *grifo*, fácil de observar, nidifica a norte da barragem, numa área que foi também outrora o melhor lugar para o *lince ibérico* na Extremadura.



Valores ornitológicos

A diversidade do **vale do Ambroz** permite conjugar num pequeno espaço a observação de aves florestais, de montanha, de matagal, de montado, de cultivos e aquáticas. Trata-se, em geral, de uma zona pouco visitada pelos amantes das aves, facto que se deve principalmente ao desconhecimento da sua existência. Não alberga grandes populações de espécies emblemáticas, mas a diversidade é bastante, acompanhada pela possibilidade de conhecer um rico património monumental e poder desfrutar de bonitas paisagens.



Fenologia do roteiro

Os trajectos propostos podem ser visitados em qualquer época do ano, complementado-se entre si. A subida ao passo de montanha de Honduras será melhor durante a Primavera e Verão, entre Março e Setembro, sendo os melhores meses entre Maio e Julho. Por

outro lado, as melhores épocas para percorrer os montados e, sobretudo, observar os *grous* e aves aquáticas na barragem, são durante o Inverno.



Outros valores ambientais e culturais

O vale do Ambroz oferece vários lugares de grande beleza paisagística ao visitante, entre os quais a zona de La Garganta, os pinhais de Granadilla ou os montados de Oliva de Plasencia. Na comarca encontram-se várias árvores peculiares, a *bétula do Puerto de Honduras* (perto do topo, no lado norte), o *carvalho do Acarreadero*, em Cabezabellosa (o maior da região), os enormes *castanheiros* de Casas del Monte e Segura de Toro e o *sobreiro de La Fresneda* em Aldeanueva del Camino.

Quanto ao interesse monumental, destaca-se o conjunto de **Hervás**, especialmente o bairro judeu e as igrejas; as *ruínas romanas de Cáparra* (com um centro de interpretação); o *palácio dos Duques de Alba em Abadía*; o complexo termal de **Baños de Montemayor**; a localidade de **La Garganta**; e a aldeia abandonada e amuralhada de **Granadilla**, transformada actualmente em centro educativo (convém informar-se dos horários de visita). Como produtos típicos são conhecidas as *cerejas* e *castanhas*, os *morangos* de **Casas del Monte**, as *carnes de cabrito*, as *trutas*, os *enchidos* e os tradicionais *vinhos de "pitarra"*. As festas a assinalar são o "**Outono Mágico**" celebrado em Novembro em toda a comarca, os pitorescos *carnavais* em várias povoações e, em **Hervás**, as representações teatrais de origem judia, no Verão.

Textos: Javier Prieta Díaz



DO MOSTEIRO DE YUSTE AO PUERTO DE PIORNAL

Localização e acessos

A Extremadura está coroada pelos cumes de Gredos. Este bloco granítico é partilhado por três comarcas: o **vale do Ambroz**, o **vale do Jerte** e **La Vera**. O vale do Jerte situa-se em posição central, formando um longo vale de 40 km protegido por dois grandes contrafortes montanhosos: a norte, Tras-la-sierra e o vale do Ambroz e a sul, Tormantos e La Vera. As zonas altas estão protegidas pela Rede Natura 2000 como LIC “*Valle del Jerte e Sierra de Gredos*”, com uma pequena zona do vale do Jerte de 6800 ha declarada Reserva Natural “Garganta de los Infernos”. La Vera e o vale do Jerte gozam de um estatuto de originalidade dentro da Extremadura, por serem as únicas zonas de alta montanha e por albergarem as melhores áreas florestais autóctones, basicamente de carvalho negral.

Os acessos a ambas comarcas efectuam-se por duas estradas que percorrem a maioria das povoações de cada comarca. O vale do Jerte articula-se ao longo da N-110 entre **Plasencia** e o **passo de Tornavacas**, continuando em direcção a Ávila. Por outro lado, a maior parte das localidades de La Vera situam-se ao longo da EX-203, entre Plasencia e Candeleda (Ávila). Para iniciar o roteiro proposto em **Cuacos de Yuste** é recomendável dirigir-se primeiro a **Jaraíz de la Vera**, pela EX-203 desde Plasencia (a 32 km) ou pela auto-estrada EX-A1, com saída em **Casatejada**. Desde **Jaraíz**, pela EX-203, a uns 5 km a norte, encontra-se Cuacos de Yuste.

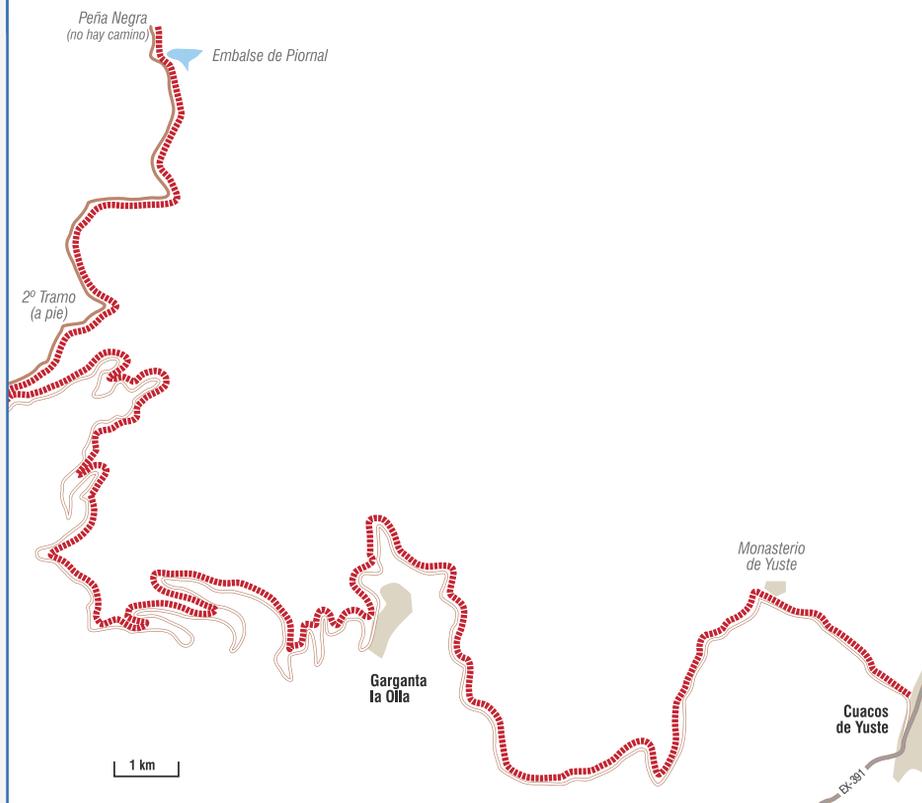


Descrição do roteiro

O roteiro sugerido consta de um trajecto em veículo de 22 km entre **Cuacos de Yuste** e o **passo de Piornal** e um percurso pedestre de uns 5 km de ida até à **Peña Negra** de Piornal. O itinerário é todo de montanha, ascendendo desde os 600 metros de Cuacos aos quase 1500 de Peña Negra, através de diferentes vegetações, em especial carvalhais na parte de estrada e urze e giesta na parte pedestre. As estradas utilizadas são estreitas e com pouco trânsito, pelo que se poderá circular devagar e parar facilmente e sem perigo nas bermas.

O ponto de início encontra-se em Cuacos de Yuste, no cruzamento entre a travessia e o desvio ao **mosteiro de Yuste**. Seguindo por esta pequena estrada chegamos ao referido mosteiro, através de um denso carvalho. Parando no mosteiro ou nos arredores, deparamos com as primeiras observações de aves florestais (*bico-grossudo*, *papa-figos*, *pisco-de-peito-ruivo*, *tentilhão comum*, *chapim-real* e *chapim-azul*, *trepadeira*, *trepadeira-azul*, *gaio*, *tordeia*, *chapim-rabilongo*, *toutinegra-de-barrete*, *gralha*, etc.) que encontramos durante todo o caminho. Depois do bosque, passamos por uma zona de penhascal com matagal rasteiro. Nesta zona é possível ver o *chasco preto* e *ruivo* e a *cotovia-escura*. A pedra que se encontra no lado esquerdo da estrada, pintada com um triângulo verde, é um bom local para esta observação. O roteiro continua num entorno florestal e depois entre cultivos de cerejeiras e oliveiras, interessante durante o Inverno para ver *tordos comuns* e *ruivos* e, em alguns anos, o *tentilhão-montês*. Mais à frente cruzamos a **Garganta Mayor**, um arroio de montanha rodeado de sombrios amieiros, adequado para ver o *melro aquático* e a *alvéola*.

Esquema do roteiro e espécies nidificantes



Residentes

- Grifo, gaivão, falcão, coruja, pica-pau malhado, cotovia-escura, andorinha-das-rochas, chasco-preto, melro-d'água, ferreirinha comum, chameco, melro-azul, toutinegra-domato, estrelinha-real, gralha

Estivais

- Búfio-vespeiro, águia-cobreira, águia-calçada, cuco, noitibó-europeu, mocho d'orelhas, andorinhão-pálido, chasco-ruivo, felosa-poliglota, toutinegra-tomilheira, papamoscas preto, felosa de Bonelli, sombria, papa-figos

Invernantes

- Galinhola, estrelinha-de-poupa, lugre, tordo-ruivo comum, tentilhão-montês

cinzenta (ou para tomar um banho, porque há uma piscina natural). Pouco depois alcançamos a pitoresca localidade de **Garganta la Olla**. Aqui temos que estar

atentos para encontrar o caminho adequado, que será à direita, em direcção a **Piornal**. Daqui subimos até ao passo de montanha de Piornal, durante 12 km de es-

trada estreita e com acentuadas curvas (cerca de uma dúzia), mas de grande beleza, através de um magnífico carvalho. Em todo este troço deve circular-se devagar e com atenção, parando em sítios pitorescos (fontes, cascadas, grandes castanheiros) ou onde se observem aves de interesse. A certa altitude começam a ouvir-se as abundantes *felosas de Bonelli* e os escassos *pica-pau malhados* e *papa-moscas pretos* (melhor em zonas de arvorado velho) e, com sorte, rapinas como o *bútio-vespeiro* e o *gavião*. Uma vez alcançado o passo de montanha, fora do bosque e numa falsa planície, terminamos o trajecto em veículo.

O segmento pedestre começa no primeiro trilho à direita depois de chegar ao passo, dotado de um “passo canadiano” (uma estrutura para impedimento da passagem do gado) e uma ampla entrada (ponto quilométrico 167; coordenadas 30-266050-4445600). Contudo, recomenda-se visitar o pequeno pinhal situado a uns 500 metros à esquerda, onde é possível ver *charneco*, *chapim-preto*, *chapim-de-poupa*, e *estrelinha-real* em época de nidificação (e casos esporádicos de criação de *cruza-bico comum*) aos que se juntam *estrelinha-real* e *lugre*, no Inverno (ocasionalmente *tentilhão-montês* e *tordo-zornal*). O *papa-amoras* é habitual nos arredores do pinhal, e também se criaram ocasionalmente a *felosa-das-figueiras* e *ibérica*. Regressando ao ponto quilométrico 167, o per-



Toutinegra-tomilheira

curso pedestre tem início num troço asfaltado e segue depois por um trilho de terra durante uns 3,5 km até à barragem. Atravessamos bonitos urzais ao princípio e giestais ao final, com um ou outro carvalho disperso. Na Primavera é fácil ver *ferreirinha comum*, *cotovia*, *rouxinol*, *carriça*, *toutinegra-do-mato*, *toutinegra-carisqueira*, *papa-amoras comum*, *sombria* e *cia*. Devemos seguir sempre o mesmo trilho, até chegarmos a uma pequena casa (“Villa Martín”), onde viramos à esquerda. Neste cruzamento pode ver-se *toutinegra-tomilheira*, em direcção recta, e inclusive *melro-das-rochas* nas rochas ao sul. Na Primavera e Verão, os *francelhos* de **Jaraíz de la Vera** sobem para caçar nesta zona, e em Agosto e Setembro pode ver-se o *tartanhão-caçador* de passagem. No referido caminho à esquerda que nos leva à barragem, vamos encontrar uma grande formação rochosa, **Peña Negra**, onde teremos que subir a corta-mato porque não



Pica-pau-malhado-pequeno

existe outro caminho. Aqui temos uma magnífica vista do vale do Jerte e podemos observar *melro-das-rochas* e *azul*, *toutinegra-tomilheira*, *rabirruivo-preto*, *peneireiro-vulgar* e com sorte, rapinas como o *gavião*, *bútio-vespeiro*, *falcão*, *águia-calçada* e *cobreira* e *ógea*. O trajecto acaba aqui e deve regressar-se pelo mesmo caminho. Se regressemos pela localidade de **Piornal**, convém estar atentos aos *andorinhões*, pois aqui nidifica um grande número de *andorinhões-pálidos*.



Sombria



Valores ornitológicos

As comarcas de **La Vera** e do **vale do Jerte** albergam uma avifauna singular dentro da comunidade extremeña, com a melhor representação regional de aves florestais e de montanha. São na sua maioria aves próprias das zonas nortenhas (*gralha*, *pica-pau malhado pequeno*, *ferreirinha comum*, *bico-grossudo*, *tordeia*, *papa-moscas preto*, etc.) mas complementadas com certas espécies da montanha mediterrânea, tanto florestais (*felosa de Bonelli*) como, sobretudo, de matagal (*toutinegra-do-mato*, *toutinegra-tomilheira* e *carrisqueira*, *sombria*, *cotovia*) e de rochedos (*andorinha-das-rochas*, *melro-das-rochas* e *azul*, *chasco-ruivo* e *preto*). Entre as rapinas, destaca-se a facilidade em ver *bútio-vespeiro*, e a presença escassa do *falcão-peregrino*, *ógea* e *gavião*, e a curiosa estampa dos *francelhos* e *tartanhões-caçador* na alta montanha.



Fenologia do roteiro

Ao contrário da maioria dos percursos de interesse ornitológico na Extremadura, este aqui proposto é bastante adequado para realizar no **Verão**. Os melhores meses para a visita são entre Abril e Outubro, e em especial Maio, Junho e Julho. Não obstante, o **Inverno** é apropriado para efectuar a primeira parte do roteiro, altura em que também se poderão avistar outras espécies (*lugre*, *estrelinha-de-poupa*, *tordo*); no entanto, a parte final a pé pelo matagal de montanha costuma albergar poucas espécies. Outra aliciante à época invernal é a presença de neve, um fenómeno habitual. Neste caso convém prevenir-se e informar-se com antecipação, já que o passo de montanha de Piornal costuma estar fechado ao trânsito em caso de nevoões.



Outros valores ambientais e culturais

Tanto **La Vera** como o **vale do Jerte** albergam lugares de grande beleza paisagística e várias zonas de banho. Para nomear alguns, recomendamos a visita a **Los Pilonos** (Garganta de los Infernos) e a **cascada del Caozo** (na descida de Piornal em direcção ao Rio Jerte). Existem várias árvores especiais: os grandes **castanheiros de Casas del Castañar** (com um itinerário sinalizado que começa na referida localidade), o **carvalho de la Solana** em **Barrado** e de **Prado Sancho** em **Cabezuela del Valle** e o **pinheiro de Aldeanueva de la Vera**. O passo de Tornavacas é muito interessante para observar outras aves reprodutoras como a *laverca*, o *chasco-cinzeno* e o *picanço-dorso-ruivo*.

As localidades dos arredores, sobretudo de La Vera, oferecem bons exemplos de arquitectura popular, pelo que é recomendável visitar **Garganta la Olla**, **Cuacos de Yuste** e o mosteiro (última residência de Carlos V), **Jarandilla de la Vera** e o castelo transformado em Parador Nacional, **Guijo de Coria** e **Madrigal de la Vera**. No Jerte, vale a pena visitar **Tornavacas**, **Jerte** e o Museu da Cereja de **Cabezuela del Valle**.

No que se refere aos produtos típicos, qualquer visita ficaria incompleta sem provar as famosas **cerejas** do Jerte, o **colorau** de La Vera e as **castanhas**. São também conhecidos os **queijos de cabra** de La Vera, os **enchidos** de Piornal, as **trutas** e os **doces e licores artesanais**. As festas a assinalar são “**El Peropalo**” de Villanueva de la Vera (no Carnaval), “**Los Escobazo**” de Jarandilla de la Vera (a 7 de Dezembro), “**El Jarramplas**” de Piornal (20 de Janeiro), “**Los Empalao**s” de Valverde de la Vera (Quinta-feira Santa) e “**El ce-rezo en flor**” de todo o vale do Jerte (com datas variáveis de ano para ano).

Textos: Javier Prieta Díaz



Localização e acessos

O roteiro localiza-se a sudoeste da província de Cáceres, na raia fronteiriça que o Rio Tejo marca com Portugal, um troço do rio conhecido como Tejo Internacional e declarado Parque Natural no ano de 2006. O acesso ao trajecto efectua-se pela estrada N-521 (Cáceres-fronteira com Portugal), onde vamos apanhar o desvio da EX-374 em direcção à localidade de Cedillo, ou desde a localidade de Membrío, pela CC-126. O acesso a norte efectua-se pela EX-117.



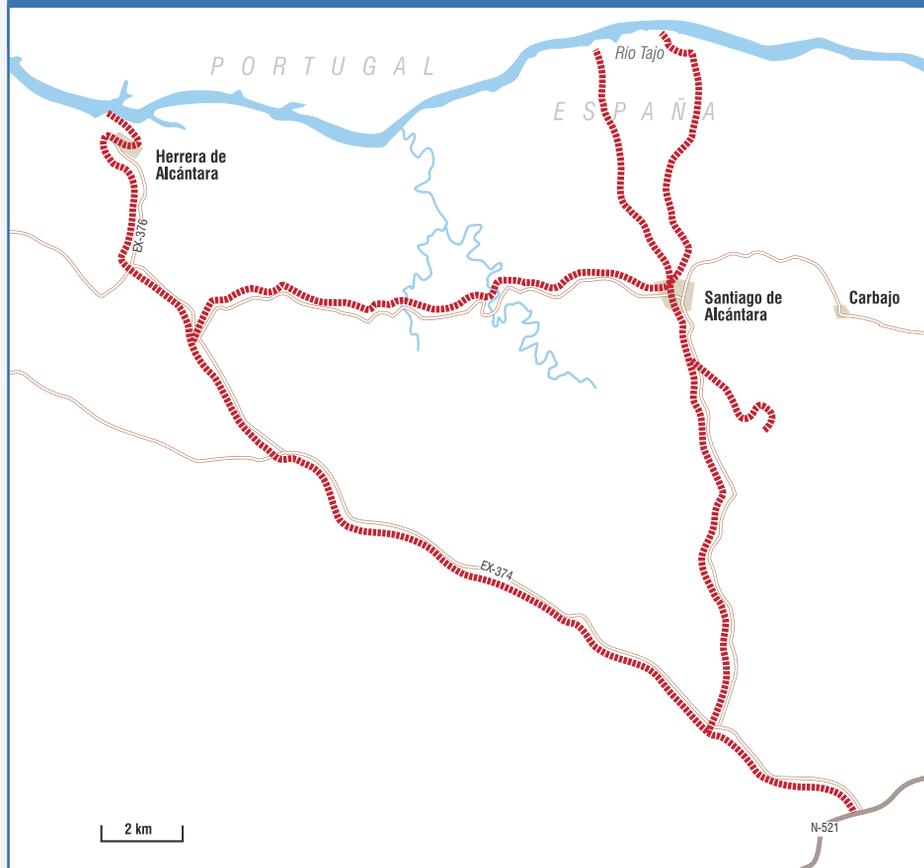
Descrição do roteiro

O roteiro proposto é um trajecto circular onde se combinam estradas e caminhos de terra. O trajecto está desenhado para ser realizado em carro e num único dia, efectuando paragens estratégicas nos pontos de observação mais interessantes.

O itinerário percorre zonas de planície, com pastagens e extensos giestais ricos em caça menor, razão pela qual são muito frequentados pelas rapinas que vêm das serras e ribeiros próximos. É uma zona de pecuária, pelo que se podem observar diversas espécies de aves necrófagas como o *grifo*, o *abutre-preto* e o *abutre-do-Egipto* a patrulhar o terreno à procura de alimento. À medida que avançamos surgem montados de azinheira e/ou sobreiro, muito ricos em açudes frequentados pela *cegonha-preta*. Sobre os postes de electricidade é habitual a silhueta do *milhafre-real*, da *águia-de-asa-redonda* e da *águia-cobreira*. O predomínio dos relevos suaves dá lugar às margens irregulares e intransitáveis do Rio Tejo, encaixadas na paisagem de uma forma tão violenta e espectacular

que são invisíveis ao longe. De facto, desde Espanha podem ver-se os campos e povoações portuguesas, mas não as margens do Tejo, muitas vezes apenas detectadas pelos bancos de névoa que se colam ao vale durante o Inverno. Nestas margens encontra refúgio uma das mais importantes populações reprodutoras de *cegonha-preta* e *abutre-do-Egipto*, além de outras rapinas como o *grifo*, o *abutre-preto*, a *águia-real*, a *águia-perdigueira* e o *bufo-real*. Na margem vizinha e nas serras próximas nidifica a *águia-imperial ibérica*, o que completa o catálogo das aves que maior admiração causam ao ornitólogo. Já fora das margens, o trajecto inicia a subida pela Serra de Santiago, a qual alcança uma vasta paisagem do montado. Se o voo das grandes aves rapinas e a graciosa silhueta da *cegonha-preta* é algo espectacular, não menos o são os bandos de dezenas de milhares de *pombos-torcazes* que invernam nesta zona e formam nuvens que se deslocam diariamente em direcção aos comedouros, para se alimentarem de pequenas bolotas, ou aos dormitórios nos eucaliptais das serras e das margens do rio. Desde **Valencia de Alcántara**, pela N-521, apanhamos o desvio em direcção a **Cedillo** pela EX-374 e depois até **Herrera de Alcántara** pela EX-376 para descer às margens do Rio Tejo internacional, onde vamos observar a paisagem e os habitats mais representativos deste espaço natural protegido em todo o seu esplendor. No ponto (X:0636373; Y:438969) existe um miradouro ao pé da estrada que tem vista para o vale do Rio Tejo. A magnífica umbria que envolve este entorno, com massas de medronheiros, folhados, lentiscos e oliveiras que crescem sobre socalcos xistosos fazem deste enclave um lugar memorável para observar pequenas aves de matagal como *tordo*, *bico-grossudo* e *dom-fafe*, principalmente durante o Outono e Inverno,

Esquema do roteiro e espécies nidificantes



Residentes	Estivais	Invernantes	Migradores de passagem
<ul style="list-style-type: none"> • Águia-imperial • Abutre-preto • Grifo • Águia-perdigueira • Bufo-real • Galha preta 	<ul style="list-style-type: none"> • Peneireiro-cinzento • Cegonha-preta • Abutre-do-Egipto • Águia-cobreira • Águia-calçada 	<ul style="list-style-type: none"> • Ferreirinha comum • Dom-fafe • Pombo torcaz 	

quando há abundância de frutos para milhares destas pequenas aves invernantes.

No percurso até Herrera de Alcántara podem observar-se numerosos bandos de *charnecos*, além de *peneireiros-cinzentos* e *galhas-pretas*, uma espécie

residente muito localizada na nossa região.

Daqui vamos regressar à localidade de **Santiago de Alcántara** pela CC-37, onde percorremos as margens encaixadas como as do Rio Alburrel que serpenteia entre as margens xistosas à procura da sua desembocadura



Milhafre-preto

não muito longe, no Rio Tejo. Sobre as rochas é fácil observar o atractivo *chasco-preto*, habitualmente ligado aos habitats rochosos. Ao chegar a Santiago de Alcántara, dirigimo-nos ao **Centro de Interpretação da Natureza “El Péndere”** seguindo a sinalização urbana. Daqui parte o caminho em direcção à **fonte da Geregosa**, um pequeno trajecto (PR CC-59) de 7 quilómetros que nos conduz até às margens do Tejo e à famosa nascente de águas medicinais. O percurso não apresenta dificuldades porque conta com sinalização homologada e o caminho está em bom estado. Não obstante, no ponto (X:0650063; Y:43486053) vamos seguir em frente. Chegando à margem do Tejo, vamos encontrar alguns equipamentos públicos, como um miradouro e painéis de informação da zona. O lugar oferece boas possibilidades para observar de perto o voo das aves do rio: *garça-real*, *corvo-marinho*, *grifo*, *cegonha-preta*, *abutre-do-Egipto*, etc.

De regresso a Santiago de Alcántara, apanhamos a estrada CC-126 em direcção à localidade de Membró. Ao sair da povoação, seguimos pelo caminho à esquerda no ponto (X:0651072; Y:4386209) que nos vai

levar até ao lugar conhecido como “**Las Viñas**”. O percurso não apresenta nenhuma dificuldade e está sinalizado em todo o trajecto (PR-CC 96). No final do caminho, existem vários equipamentos públicos, como um parque de estacionamento, um miradouro e uma espectacular torre de observação da qual é possível admirar a beleza da paisagem mais agreste e genuína do Tejo internacional. Desde o miradouro podem ver-se perfeitamente as encostas xistosas que chegam até ao rio e onde nidificam o *grifo*, a *cegonha-preta* e o *abutre-do-Egipto*.

De volta a Santiago de Alcántara, apanhamos a estrada CC-37, que nos vai levar de novo até à N-521, ponto de início deste roteiro e fim do trajecto. No ponto (X:0651077; Y:4384412) apanhamos um caminho à esquerda que nos leva até ao cume da **Serra de Santiago**. É recomendável deixar o carro no sopé da serra e subir ao miradouro que se encontra no alto e do qual se divisa uma espectacular paisagem de montado. Na subida podemos ver a **Peña de los Barreros**, uns penhascos quartzíticos onde existe uma colónia de *grifos*.



Valores ornitológicos

Cabe destacar a *águia-imperial ibérica* e a *cegonha-preta*, espécies em “perigo de extinção” e que contam com importantes elementos reprodutores, tanto na serra como nos montados e margens da zona. A *águia-imperial* estende-se desde esta área até ao leste, seguindo os relevos da Serra de San Pedro, dando lugar ao núcleo reprodutor mais importante da Extremadura. A *cegonha-preta* conta ainda com numerosos lugares de concentração pré-migratória espalhados pelos charcos dos montados e pelas margens da zona. O *abutre-preto*, ligado às espessas e impenetráveis manchas de matagal mediterrâneo, tem uma importante presença na zona, continuada também das numerosas colónias da vizinha Serra de San Pedro.

Não é difícil avistar espécies como *águia-perdigueira*, *águia-real*, *águia-cobreira*, *águia-calçada*, *grifo* e *bufo-real*, que contam com numerosos casais que nidificam na segurança dos penhascos e árvores. Destaca-se também o *abutre-do-Egipto*, que tem aqui um dos núcleos de criação mais importantes da Extremadura.

O excelente grau de conservação dos matagais das margens do rio e das umbrias da serra servem de abrigo e alimento para uma infinidade de espécies de pequeno tamanho: *toutinegra*, *pisco-de-peito-ruivo*, *ferreirinha*...

Nos montados, é frequente a presença do *peneireiro-cinzento*, da *gralha-preta* – muito escassa e localizada na nossa região – e numerosos bandos de *charnecos*. Durante o Inverno, são espectaculares os bandos de dezenas de milhares de *pombos-torcazes* que formam nuvens espessas quando se deslocam. A região do Tejo internacional, juntamente com a Serra de San Pedro, é, sem dúvida, a melhor zona de invernada na Extremadura. Nas águas do Tejo dão-se ainda importantes concentrações Invernantes de *corvo-marinho*.



Fenologia do roteiro

Pode realizar-se em qualquer época do ano. Durante o Inverno podemos apreciar o espectáculo dos bandos de *torcazes* e durante a Primavera, regressam as aves estavais: *cegonha-preta*, *abutre-do-Egipto*, *águia-calçada*, *águia-cobreira*... A Primavera é também o período reprodutor, portanto deve circular-se apenas pelos trajectos estabelecidos, evitando assim incomo-



Águia-perdigueira

dar as aves durante este período sensível. O Verão é muito quente, pelo que devemos evitar as horas centrais do dia, que são as menos favoráveis para a observação de aves. Durante esta época produzem-se concentrações pré-migratórias de *cegonha-preta*.



Outros valores culturais e ambientais

Dólmenes (Santiago de Alcántara, Herrera de Alcántara e Cedillo)

El Buraco, Caverna com pinturas rupestres (Santiago de Alcántara)

Brama de Veado, no Outono

Alcántara, localidade onde se destacam edifícios religiosos como a igreja de Nossa Senhora de Almocóvar, o Convento de San Benito, a igreja de San Pedro de Alcántara e uma das pontes romanas mais bem conservadas.

Textos: Víctor Manuel Pizarro Jiménez

5 Canchos de Ramiro e Barragem de Portaje



Localização e acessos

Localidades de referência **Torrejuncillo**, **Portaje** e **Cachorrilla**, todas na comarca de Coria. Como acessos, recomenda-se a auto-estrada A-66 (N-630), apanhando o desvio Torrejuncillo-Coria (EX-371) em Puerto de los Castaños (Cañaverál); chegando a Torrejuncillo, segue-se em direcção a Coria (EX-109) e a pouco mais de 4 km o desvio à esquerda por uma estrada local leva-nos às povoações de Portaje (5 km) e Cachorrilla (15 km); depois de nos desviarmos em direcção a Pescueza). Folhas 1.50.000 números 621 e 622 do IGN.



Descrição do roteiro

Canchos de Ramiro: Próximo das serras e margens da zona, os Canchos de Ramiro foram declarados como LIC e ZPEA e formam parte da Rede de Espaços Naturais Protegidos da Extremadura graças à sua excepcional riqueza em termos de fauna e flora. Constituem uma espectacular passagem de quartzito sobre o Rio Alagón, actualmente represado pela **Barragem de Alcántara**. O trajecto proposto tem uma longitude de 10 km (ida e volta), podendo realizar-se perfeitamente em meio dia, tanto a pé (recomendado) como de carro. O acesso a Canchos (ou ao Boquerón) é muito simples, bastando seguir um trilho sinalizado que parte de **Cachorrilla**. Nesta localidade deve apanhar-se a estrada para Ceclavín e a 200 metros, no ponto onde se encontra a **Ermida del Cristo** e um pequeno charco (29S-699309-442090) encontra-se no lado direito um caminho (chamado Caminho del Chorrillo) que, atravessando bonitas paisagens de montados e margens, nos leva aos Canchos.

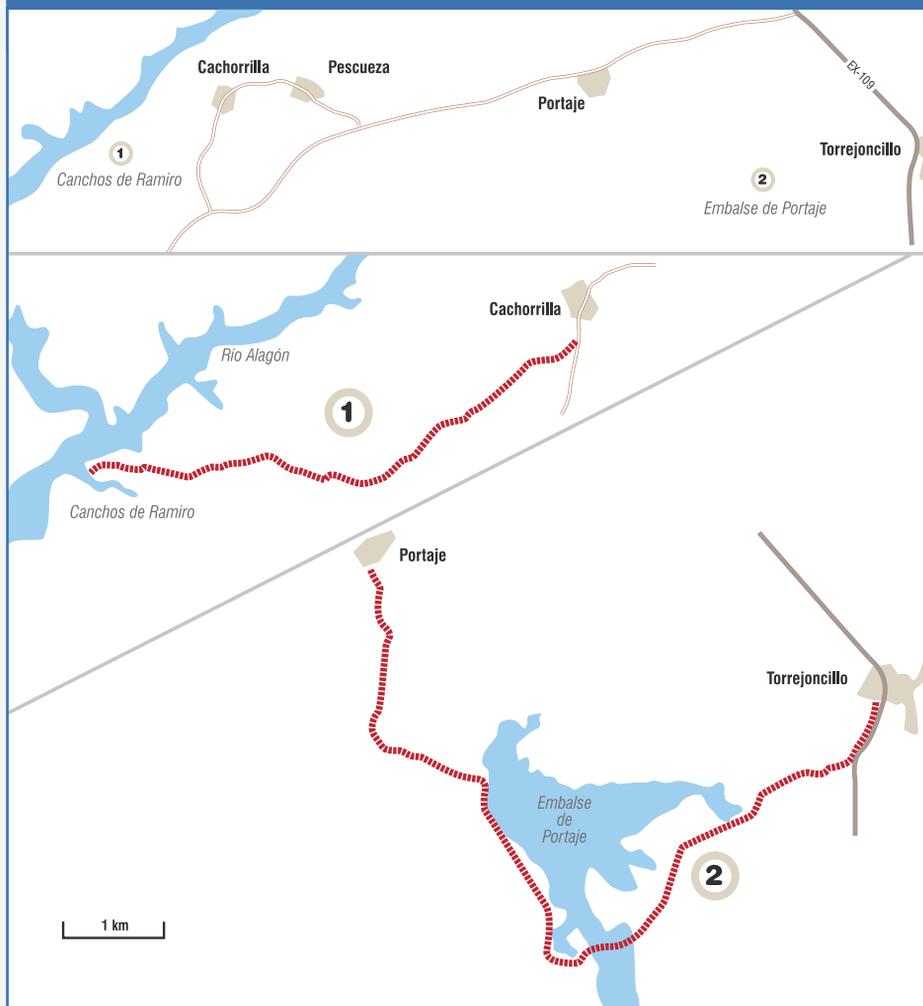


Barragem de Portaje: Pequena zona húmida artificial de grande relevância ornitológica, encontra-se muito perto das localidades de Portaje (4,5 km) e Torrejuncillo (3 km) desde as quais se pode aceder à barragem por estradas asfaltadas. No conjunto, o trajecto tem uma longitude de 17 km e está desenhado para ser efectuado de carro durante meio dia. Desde a primeira localidade, apanha-se (junto à Ermida del Cristo) o caminho de serviço à barragem em direcção sul, durante uns 2,5 km; neste ponto, e chegando a um cruzamento (29S-70852-441903) viramos à esquerda, e depois de atravessarmos **Ribera de Fresnadosa** a 800 m, chegamos à barragem (onde se encontra a Ermida da Virgen del Casar). Já na represa, e virando à direita, seguindo o referido caminho, contornamos totalmente a margem esquerda da barragem. Depois de atravessarmos uma ponte num dos extremos chegamos à localidade de **Torrejuncillo**. Num dos cruzamentos anteriores (29S-714624-441808), muito perto da massa de água, podemos seguir outro trilho que contorna a margem direita da zona húmida.

Valores ornitológicos

Canchos de Ramiro: Grande densidade e concentração de grandes rapinas que nidificam nas escarpas quartzíticas da passagem. Destaca-se a colónia de *grifo* (+100 casais), assim como a presença de vários casais de *águia-real*, *águia-perdigueira*, *abutre-do-Egipto*, *bufo-real*, *peneireiro-vulgar*, *falcão peregrino* ou *cegonha-preta*. Pelas margens, fauna típica do montado (*águia-cobreira*, *águia-calçada*, *charneco*, entre muitas outras espécies de passeriformes ligados a este habitat mediterrâneo). Nos montados e serras

Esquema do roteiro e espécies nidificantes



Residentes	Estivais	Invernantes	Migradores de passagem
<ul style="list-style-type: none"> • Grifo • Abutre-preto • Águia-imperial • Águia-perdigueira • Águia-real • Garça-real • Pato-de-bico-vermelho 	<ul style="list-style-type: none"> • Cegonha-preta • Abutre-do-Egipto • Milhafre-preto 	<ul style="list-style-type: none"> • Pombo-torcaz • Grou-comum • Anátidas 	<ul style="list-style-type: none"> • Aves aquáticas



Maçarico bique-bique

da zona nidificam também a *águia-imperial*, o *milhafre-real* e *preto*, e o *abutre-preto*, enquanto que na massa de água da Barragem é possível avistar numerosas espécies de aves aquáticas, destacando-se o *corvo-marinho*, a *garça-real* ou diferentes espécies de *anátidas*.

Barragem de Portaje: Esta zona húmida demonstrou ser uma das zonas húmidas de maior importância para a avifauna aquática (em abundância e diversidade) da bacia extremeña do Tejo, tendo-se levado a cabo acções de gestão dos habitats (açudes nas extremidades da barragem, ilhas artificiais, observatórios, etc.). Durante a invernada alberga em média mais de 2500 aves, com uma grande diversidade de espécies (anátidas, podicipedidae, fulica, etc.). na época reprodutora destaca-se o *pato-bico-vermelho*, sendo umas das poucas localidades reprodutoras para esta espécie na Extremadura; ao lado desta, destaca-se a colónia de ardeidae (*garça-real*) e *cegonha-branca* no extremo da Barragem.



Garça-real



Fenologia do roteiro

Este roteiro pode ser efectuado em qualquer altura do ano, em especial na época reprodutora primaveril e durante a invernada.



Outros valores ambientais e culturais

Valores ambientais. Magníficos e frondosos bosques de azinheira e sobreiro cobrem toda a comarca, principalmente as várzeas e planícies à volta da Ribera de Fresnedosa. Este e outros cursos fluviais albergam excelentes bosques de freixos nas suas margens.

Valores etnográficos. Arquitectura popular nos pequenos núcleos urbanos (Cachorrilla, Pescueza, Portaje, etc.), bem como as típicas construções agro-pecuárias da zona (muros de pedra, cabanas, poços, etc.).

Festas populares. Destacam-se as festas declaradas de Interesse Turístico de **Las Carantoñas** (Acehuche, 19 e 20 de Janeiro), os **Sanjuanés** (Coria, 24 de Junho) e a **Encamisá** (Torrejuncillo, 7 de Dezembro).

Conjuntos monumentais. O centro histórico-artístico da cidade de Coria, declarado de Interesse Turístico, alberga um dos conjuntos mais destacados da Extremadura (muralhas e ponte romanas, castelo, catedral palácios, conventos, etc.). O **Mosteiro del Palancar** (Pedroso de Acim), definido como o “mosteiro mais pequeno do mundo” é um maravilhoso exemplo da arquitectura religiosa.

Textos: Casimiro Corbacho Amado



Falcão-peregrino

6 Parque Nacional de Monfragüe



Localização e acessos

Monfragüe situa-se aproximadamente no centro da província de Cáceres, na confluência dos rios **Tejo** e **Tiétar**. É actualmente o único **Parque Natural** da Extremadura, estando sob esta protecção 18.118 ha. O Parque e os seus arredores imediatos, um total de 116.151 ha, estão protegidos pela Rede Natura 2000 como ZPEA. O núcleo do Parque é formado por vários alinhamentos de pequenas serras paralelas, entre as quais se encaixa o Rio Tejo. O Rio Tiétar e outros caudais menores escavam desfiladeiros profundos no seu caminho em direcção ao Tejo, criando um espectacular sistema de penhascos rochosos onde se reproduz uma grande quantidade de aves. Os dois cursos fluviais estão represados actualmente pelas barragens de Alcántara, Torrejón-Tejo e Torrejón-Tiétar. Apesar da sua escassa altitude, o relevo irregular e a barreira fluvial permitiram a conservação de áreas de bosque e matagal mediterrâneo de grande valor faunístico e ambiental. Contudo, o que realmente confere um enorme valor ao conjunto é a ampla superfície de montados que se estendem a norte e a sul do Parque Nacional, verdadeiro cofre-tesouro onde se alimentam as aves mais valiosas de Monfragüe.

Os acessos a Monfragüe são fáceis e estão bem sinalizados. No interior do Parque existe um único núcleo de povoação, de dimensões reduzidas, **Villarreal de San Carlos**, que pertence a **Serradilla**, e que está totalmente vinculado ao Parque, albergando os centros de visitantes e de interpretação. O acesso ao interior do Parque efectua-se por estrada seguindo três vias. A norte, pela EX-208, a uns 20 km de **Plasencia** e a 15 km da auto-estrada EX-A1. A sul, pela referida EX-208 desde **Trujillo**, a cerca de 50 km depois de atravessar **Torrejón el Rubio**. Por último, a nordeste, por uma pe-

quena estrada desde a auto-estrada EX-A1, com saída na zona do Rio Tiétar. A sul, existe ainda a estrada EX-390, que une a capital de Cáceres a Torrejón el Rubio; e a EX-385 estabelece a ligação entre a EX-208 e a auto-estrada A-5, passando por Jaraicejo.

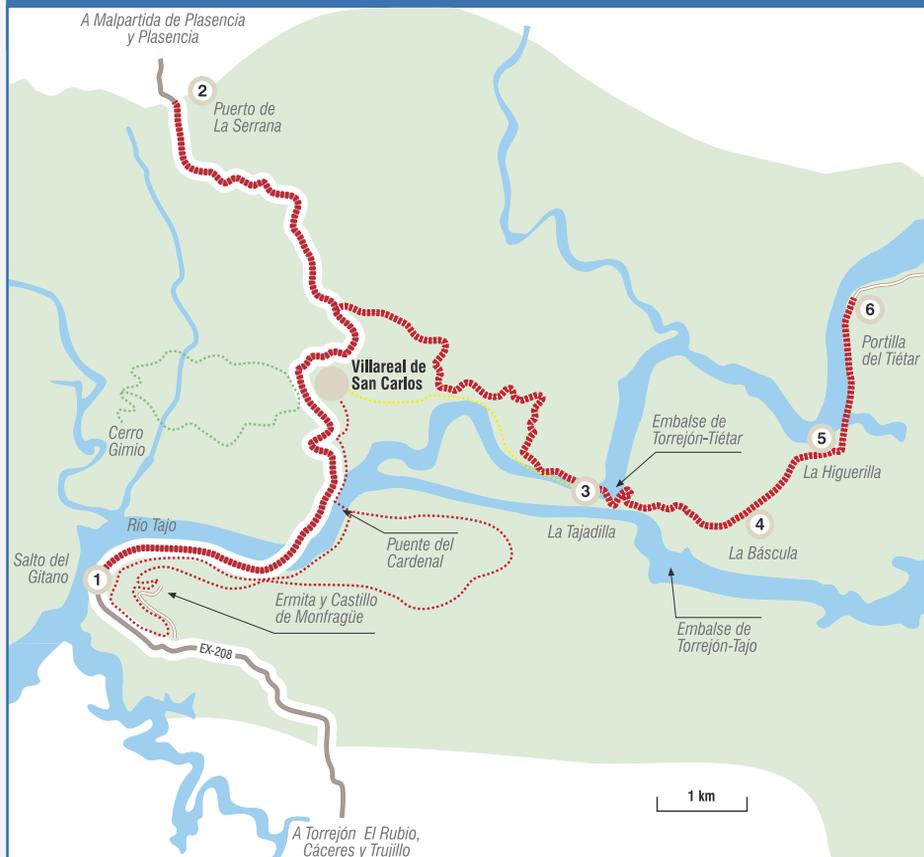


Descrição do roteiro

A maior parte do Parque está fechada aos visitantes, pelo que a área de utilização pública é relativamente reduzida. Contudo, a zona visitável oferece o melhor das aves de Monfragüe, existindo lugares de fama ornitológica mundial graças à facilidade de observação, em condições excepcionais, de algumas aves emblemáticas. Devido às restrições, a melhor forma de aproveitar uma visita ornitológica a Monfragüe é percorrendo os principais miradouros, todos ao longo da estrada e bem sinalizados e equipados com estacionamento. Em caso de uma visita de vários dias, as opções habituais são repetir o itinerário dos miradouros ou realizar algum dos percursos pedestres existentes no Parque e arredores. As espécies que se podem avistar nos diferentes lugares podem variar ligeiramente segundo os anos, pois como todos os acontecimentos biológicos, estão sujeitos a um certo dinamismo. Os principais miradouros do Parque, de sul a norte são:

Salto del Gitano-Peña Falcón. Na entrada desde Trujillo. Impressionante penhasco rochoso e sem dúvida a paragem mais simbólica e fotografada de Monfragüe. A comunidade de aves que alberga é igualmente impressionante, com a maior colónia de *grifos* em zona pública (mais de 100 casais entre os dois lados e mais de 400 exemplares em certas ocasiões), *cegonha-preta* (2-5 casais nos últimos anos), *águia-impe-*

Esquema do roteiro e espécies nidificantes



Residentes

- Garça-real, perdiz, milhafre-real, grifo, abutre-preto, açor, águia-imperial, águia-real, águia-perdigueira, falcão-peregrino, bufo-real, pica-pau-malhado pequeno, chasco-preto, andorinha-das-rochas, cotovia-escura, melro-azul, charneco, gralha-de-bico-vermelho, bico-grossudo

Estivais

- Cegonha-preta, cegonha-branca, milhafre-preto, abutre-do-Egipto, águia-cobreira, águia-calçada, noitibó-de-nuca-vermelha, andorinhão-real, andorinhão-cafre, andorinhão-pálido, abelharuco, andorinha dáurica, chasco-ruivo, toutinegra-real, toutinegra-carrisqueira, toutinegra-tomilheira, toutinegra-do-mato, papa-figos

Invernantes

- Corvo-marinho, ferreirinha, dom-fafe, tordo-ruivo comum, estrelinha-real, estrelinha-de-poupa, lugre



“Salto del Gitano”

rial, *águia-perdigueira*, *falcão-peregrino*, *abutre-do-Egipto* e *bufo-real*. É também possível ver *águia-real*. Entre as aves pequenas, devemos estar atentos à presença de *andorinhão-cafre* e *chasco-preto*.

La Serrana. Na entrada desde Plasencia. Alberga *grifo*, *abutre-do-Egipto* e nalgumas ocasiões *águia-perdigueira* e *andorinhão-cafre*.

La Tajadilla. Perto das barragens de Torrejón e dotado de um observatório, zona de merendas e amplo esta-

cionamento. Trata-se de um pequeno desfiladeiro que permite boa observação de *grifo* e *abutre-do-Egipto*, sendo também uma boa zona para ver a *águia-perdigueira*. Instalaram-se recentemente *cegonha-preta* e *andorinhão-cafre*, mas esta presença pode ser temporária.

La Báscula. Lugar apropriado para observar *abutre-preto* e com sorte *águia-imperial*.

La Higerilla. Proporciona uma bonita vista panorâmica do Rio Tiétar, onde se pode ver *cegonha-preta* e *abutre-do-Egipto*. No lado oposto, criam-se *abutres-pretos*.

Portilla del Tiétar. Na saída nordeste do Parque. Embora de dimensões mais modestas que a Peña Falcón, é outro “ponto quente” em Monfragüe. Um lugar excepcional para ver e ouvir o *grifo*, assim como a *águia-imperial*, o *bufo-real* (o melhor lugar do Parque) e o *abutre-do-Egipto*.

É recomendável seguir a estrada até La Bazagona e a auto-estrada EX-A1, circulando devagar, inclusive com cuidado, por este troço que percorre primeiro um velho bosque de sobreiros onde se cria o *pica-pau-malhado pequeno* e, talvez, a *felosa-ibérica*. Segue-se uma área de montado muito apreciada pelo *veado* durante a brama e com uma colónia de *cegonha-branca*

Poupa





Grifo comum

e *graça-real* a oeste, junto ao Rio Tiétar. A parte final de montados e terrenos de regadio de interesse durante o período invernal pela recente presença de ruidosos *grous*, assim como *tentilhão-montês* nalguns anos.

A visita aos miradouros pode ser complementada com os três percursos pedestres principais:

Itinerário vermelho: Entre Villarreal de San Carlos e o castelo de Monfragüe. Permite várias opções, com trajectos entre 10 e 16 km (entre 3h30 e 6h). Atravessa zonas variadas, como olivais, estevais, azinhais e, especialmente, denso bosque de medronheiros e quercíneas na umbria do castelo. A visita ao **castelo de Monfragüe** é obrigatória, sendo outra das opções o acesso a sul, através de um trilho asfaltado entre azinhais e azambujeiros. A vista panorâmica desde o castelo é excepcional, salpicada pelos voos dos *abutres* e a possível presença de *andorinhão-cafre* e *gralha-de-bico-vermelho*.

Itinerário amarelo. Entre Villareal e La Tajadilla, cerca de 8,5 km e 3h, ida e volta. Atravessa montados e estevas.

Itinerário verde. Entre Villarreal e Cerro Gimio, cerca de 7 km e 2h30, ida e volta. Percorre as típicas paisagens de Monfragüe, terminando num miradouro com uma bonita vista panorâmica.



Valores ornitológicos

Monfragüe é possivelmente o melhor lugar para ver aves, sobretudo rapinas, de toda a Extremadura. Os números ilustram plenamente a sua variedade e abundância. A espécie mais característica talvez seja o *abutre-preto*, com um máximo de 339 casais assegurados e estimativas superiores aos 400. A *águia-imperial* mantém elementos estabilizados nos 12 casais, com alguns recém-instalados perto dos melhores miradouros. O *abutre-do-Egipto* conta com mais de 30 casais, número a que se aproxima a *cegonha-preta*. A rapina mais visível é, sem dúvida, o *grifo*, com 635 casais confirmados e quase 800 estimados. Mais escassas são a *águia-real* (6-7 casais), a *águia-perdigueira* (6-7 casais) e o *falcão peregrino* (3-4 casais). Para outras rapinas não existem números exactos, mas contam-se várias dezenas de casais de *bufo-real*, *milhafre-real*, *águia-de-asa-redonda*, *águia-calçada* e *águia-cobreira* que habitam Monfragüe, em especial nos montados dos arredores. Bastante mais comum é o *milhafre-preto*, com 150-200 casais; e mais escasso e difícil de observar o *açor*, o *gavião* e o *peneireiro-cinzento*. Rapinas aparte, outras aves de interesse são as de hábitos rupícolas, como o *andorinhão-cafre*, a *gralha-de-*



Águia-imperial

bico-vermelho, o *chasco-preto*, o *melro azul*, o *pardal-francês*, a *andorinha dráulica* e o *rabirruivo-preto*. As aves florestais são menos singulares, pois a maioria são habituais em grande parte da Extremadura, não obstante destacam-se a *toutinegra-real*, o *pica-pau-malhado pequeno*, a *felsa ibérica*, o *bico-grossudo* e o *dom-fafe*. Maior importância têm alguns pássaros de zonas abertas e estepárias, fáceis de encontrar nas clareiras do Parque onde se estão a eliminar eucaliptos. Falamos do *chasco-ruivo*, da *cotovia-escura*, das *toutinegras tomi-lheira*, *carrasqueira*, *dos-valados* e *do mato*.



Toutinegra-dos-valados

vezes submersa nas águas do Tejo) e as pinturas rupestres pré-históricas para as quais existem visitas guiadas concretas. Nos municípios imediatos ao Parque, vale a pena citar as estelas e o povoado pré-romanos de Torrejón el Rubio, o Convento de Santo Cristo e o museu etnográfico de Serradilla, as igrejas paroquiais de Serrejón e Malpartida de Plasencia, o castelo de Mirabel e a arquitectura tradicional de Casas de Miravete, entre outros. Um pouco mais longe encontram-se os conjuntos monumentais de Plasencia e Trujillo.

Quanto à gastronomia, destacam-se os queijos, o mel, as migas extremeñas e pratos de caça. As festividades a assinalar são Las Candelas de Torrejón el Rubio e o Cristo de la Victoria em Serradilla. No artesanato, podem encontrar-se trabalhos de madeira e têxteis (rendas, trajes típicos) nalgumas localidades dos arredores.

Textos: Javier Prieta Díaz



Fenologia do roteiro

A época que oferece maior facilidade para observar toda a variedade de aves é a Primavera, entre Março e Maio. Contudo, é também o período com maior fluxo de visitantes, especialmente nos fins de semana e pontes de feriados da Páscoa e Maio. De qualquer forma, qualquer época do ano permite a observação de espécies características, embora nos meses de Julho e Agosto seja melhor aproveitar as primeiras e últimas horas do dia, pois as horas centrais costumam ser muito quentes. O Outono e Inverno têm a aliciante de incorporar espécies não reprodutoras na zona. Por último, entre Setembro e Outubro decorre a espectacular brama dos abundantes veados da zona.



Outros valores ambientais e culturais

Além das aves podem observar-se em Monfragüe outros animais, como o veado, algumas raposas mansas perto dos miradouros, os esquivos javalis e, sobretudo no Inverno, as lontras. Do emblemático lince, infelizmente não se conhecem observações fiáveis recentes. Outros aliciantes são a paisagem, espectacular nalguns lugares, e as formações geológicas, com painéis explicativos nos lugares de maior interesse. Há também duas árvores especiais: o Lodão de Lugar Nuevo (perto de Villarreal de San Carlos, no horto do Ojaranzo, com um percurso circular e uma pequena zona de merendas) e o Sobreiro Abuelo de Toril (junto à estrada entre a Portilla del Tiétar e La Bazagona).

Os principais elementos artísticos dentro do Parque são o castelo de Monfragüe, a ponte del Cardenal (às

Abutre-preto



7 Barragem de Arrocampo



Localização e acessos

A Barragem de Arrocampo situa-se no nordeste da província de Cáceres, no limite oeste da comarca de Campo Arañuelo e muito perto de Monfragüe. Actualmente, encontram-se protegidas dentro da Rede Natura 2000, com a categoria de ZPEA, 687 ha da barragem e do perímetro das suas margens. Desta forma, foi criado o **Parque Ornitológico em Saucedilla**, com o objectivo de facilitar as visitas.

Arrocampo é uma barragem com características singulares, o que a converte num enclave único dentro da Extremadura, com uma avifauna peculiar e difícil de observar em grande parte do interior peninsular. A barragem tem como função refrigerar a central nuclear de Almaraz e por este motivo o nível de água é bastante regular graças às constantes descargas do Rio Tejo, não estando submetido às flutuações típicas de outras represas. Por esta razão, grande parte da margem está ocupada por massas de vegetação pantanosa; ainda a temperatura da água, mais alta que o normal, e um entorno plano dedicado ao cultivo de sequeiro e regadio favorecem a diversidade de aves.

O acesso é bastante fácil, ao encontrar-se perto das auto-estradas. A norte, desde a auto-estrada EX-A1, entre Navalmoral de la Mata e Plasencia apanhamos o desvio em direcção a Casatejada, continuando até Saucedilla, onde, na saída sul, se encontra o Posto de Informação do Parque Ornitológico. A sul, desde a auto-estrada A-5 entre Navalmoral de la Mata e Trujillo, existem duas opções: apanhar a saída 190 em direcção a Saucedilla; ou através de Almaraz, que conta com três saídas desde a A-5 entre os quilómetros 193 e 200. A estrada entre Almaraz e Saucedilla atravessa um dos extremos da barragem por uma ponte de pouca altura.

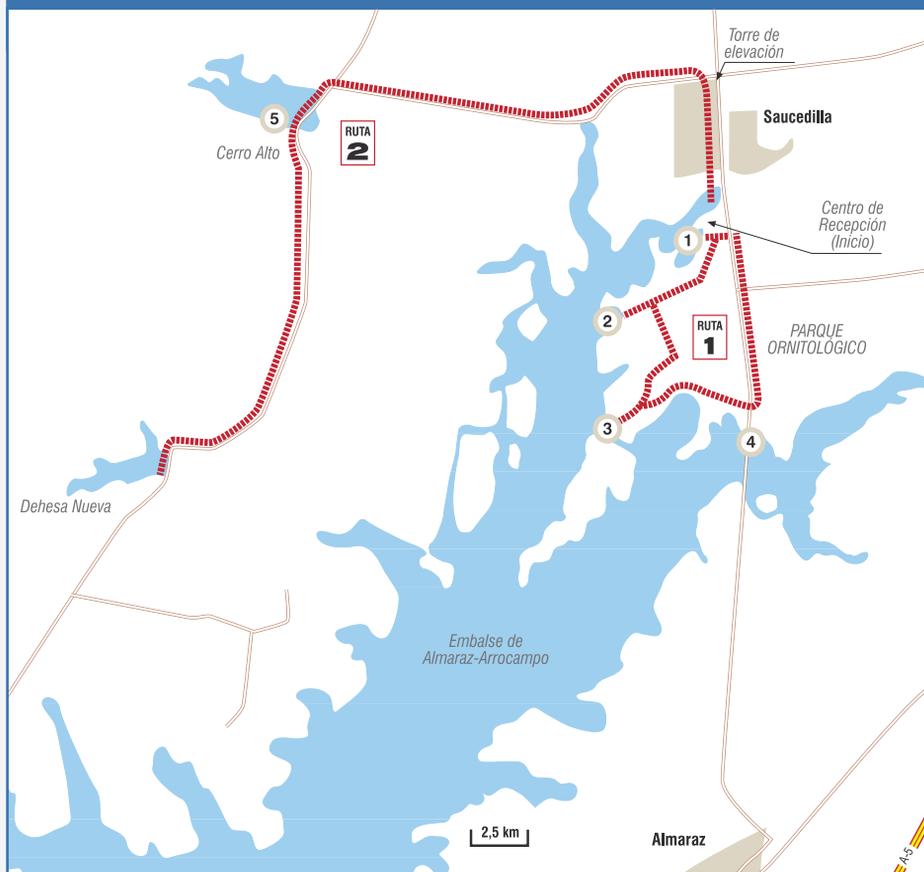


Descrição do roteiro

O plano de visita proposto coincide com os dois percursos oferecidos pelo **Parque Ornitológico de Saucedilla**. O **percurso nº1** é um trajecto de uns 4 km por caminhos de terra, com paragens em quatro observatórios. Pode completar-se a pé ou em veículo, se o estado da via o permite. O **percurso nº2** é uma breve deslocação em veículo entre **Saucedilla** e um tanque de rega próximo. O início de ambos percursos encontra-se no **Posto de Informação**, no extremo sul da povoação de Saucedilla e adjacente a um canal e ao campo de futebol. Dentro do Posto há um painel descritivo dos trajectos, fáceis de seguir, pois encontram-se bem delimitados e assinalados. Existem cinco observatórios no total, relativamente pequenos e que a não ser que estejam a ser utilizados, se encontrarão, provavelmente, fechados à chave. Estas chaves devem ser pedidas no Posto de Informação, que tem horários um tanto irregulares e que por vezes não se ajustam às melhores horas para observar aves (por exemplo ao amanhecer). No caso de encontrar os observatórios fechados, a alternativa é utilizar a rampa de subida como miradouro. Embora no texto se indiquem determinadas espécies em cada ponto de paragem, na realidade é possível, com tempo e sorte, ver estas aves em todo o trajecto.

O **percurso nº1** inicia-se no referido Posto e apenas a 200m situa-se o **observatório nº1**, dotado de uma ampla perspectiva e com possibilidade de avistar aves palustres como o *camão*, o *frango d'água*, a *garça-pequena*, a *felosa unicolor* e o *papa-ratos*. Seguindo em direcção sudoeste alcançamos o **observatório nº2**, talvez o mais interessante, com a presença, durante o Inverno, do difícil *abetouro* e *pisco-de-peito-azul* e na

Esquema do roteiro e espécies nidificantes



Residentes

- Garça-real, garça-branca, garça-branca-grande, garça-pequena, papa-ratos, camão comum, mergulhão-de-crista, galeirão comum, frisada, tartanhão-ruivo-dos-pauis, milhafre-real, abutre-preto, peneireiro-cinzeno, chapim-de-mascarilha, chapim-de-bigode, bengalim-da-Índia

Estivais

- Cegonha-branca, colhereiro, goraz, milhafre-preto, águia-cobreira, águia-calçada, francelho, tagaz, noitibó-denuca-vermelha, abelharuco, rouxinol-pequeno-dos-caniços, rouxinol-grande-dos-caniços, felosa-unicolor

Invernantes

- Corvo-marinho, abetouro, águia-pesqueira, esmerilhão, tarambola dourada, piso-de-peito-azul, escrevedeira-dos-caniços

Primavera, a *garça-imperial*, *chapim-de-bigode* e *chapim-de-mascarilha*. Novamente em direcção sudoeste, encontra-se o **observatório nº3**, com uma ampla visão do espelho de água da barragem e do paredão interior, lugar de nidificação de *cegonhas-brancas* e de descanso para *corvos-marinhos* e *garças*. É também um bom lugar para divisar *anátidas*, *fulicas*, *garça-branca-grande* e *mergulhão*. Voltando na direcção leste, chegamos ao **observatório nº4**, situado junto à ponte da estrada. Embora as janelas principais dêem para uma massa de juncos povoada por aves palustres habituais, a vista em direcção leste, que dá para um dos extremos da barragem muito apreciada pelo *tartanhão-ruivo-dos-pauis* e por todos os tipos de *garça*, é mais interessante. Também se podem fazer observações na ponte da estrada que dispõe de um parque de estacionamento improvisado e onde também se pode caminhar. Em ambos os lados da ponte podemos ver o espelho de água, um bom lugar para observar as aves em voo, como a *garça* (e também o *abetouro*), *tagaz* e *águia-pesqueira*. O regresso ao ponto inicial efectua-se a pé, por um caminho paralelo à estrada. O trajecto permite variantes, como fazer o caminho inverso, limitar-se apenas a alguns observatórios ou efectuar paragens ao longo das margens.

O **percurso nº2** tem início no Posto de Informação, atravessando Saucedilla no sentido norte e virando à esquerda na última rua da localidade. Continuamos por uma via de terra e alcatrão que percorre 3,8 km de terras de cultivos, pastagens e montados. Neste troço é possível ver *peneireiro-cinzento* e *cuco-rabilongo*, entre



Papa-ratos

outras aves. No final da pista há uma grande torre de cimento (para elevação das águas de rega), onde viramos à esquerda, ficando ao nosso lado direito o tanque de rega de Cerro Alto, onde se situa o **observatório nº5**. Dentro do tanque de rega aparecem restos de azinheiras secas que acolheram em tempos uma colónia de *garça-real* e que actualmente serve de poleiro para o *corvo-marinho* e, ocasionalmente, *garça-branca-grande* e *águia-pesqueira*. O percurso nº2 termina neste ponto; contudo, a uns 2,5 km a sul encontra-se o tanque de rega de Dehesa Nueva, e vários quilómetros depois outro extremo da barragem de Arrocampo. Esta ampliação traz-nos novos avistamentos de mais aves aquáticas: *abelharuco*, na época de criação; *gansos*, *tarambola-dourada* e *alcaravão* no Inverno; e diversas rapinas em todas as estações. Por último, recordar que as povoações da zona (Saucedilla, Casatejada, Almaraz) albergam nas suas igrejas colónias de *francelhos*, aves que abundam em todo o trajecto.

Observadores de aves





Valores ornitológicos

A barragem de Arrocampo é o melhor lugar para observar aves palustres na Extremadura. Aqui localizam-se as melhores populações regionais, e às vezes, únicas, de diversas espécies, como é o caso do *camão*, *garça-imperial*, *papa-ratos*, *felosa unicolor* e *bico-grossudo*. A observação de *tartanhão-ruivo-dos-pauis* está praticamente assegurada, sendo possível ver *tartanhão-azulado* durante o Inverno. Durante as deslocações migratórias aumenta a riqueza de espécies, com o aparecimento de *pisco-de-peito-azul* (presente no Inverno), *felosa aquática*, *colhereiro*, *garça-branca-grande* e *franga d'água grande*, *bastarda* e *pequena*. Entre as aves aquáticas, as *garças* são, em geral, as melhor representadas, com a possibilidade de ver todas as espécies ibéricas; a família *rallidae* é numerosa (*camão*, *frangas*, *frango-d'água*, *galinha-d'água*, *galeirão*); o mesmo acontece com os patos (sobretudo *frisada* e *pato-real*), *corvo-marinho*, *cegonha*, *mergulhão-pequeno* e de *crista*). Tudo isto converte, sem dúvida, Arrocampo no melhor lugar da Extremadura para observar passeriformes palustres.



Águia-pesqueira



Outros valores ambientais e culturais

Entre Arrocampo e Monfragüe existe uma vasta extensão de montados. Para poder apreciá-los, é melhor circular pelas estradas pequenas, como a que liga Serrejón e La Bazagona ou as que conduzem a Toril. Neste município situa-se o sobreiro centenário El Abuelo e em Navalморal de la Mata a enorme azinheira La Marquesa. Próximo está também o corredor ecológico dos pinhais do Tiétar, com os únicos pinhais autóctones extremenhos. Encontram-se nas margens do Tiétar, nos municípios de Talayuela, Casatejada, Majadas e Toril. Alguns destes pinhais acolhem magníficas colónias de *cegonha-branca*, *garça-real* e *milhafre-preto*. As localidades dos arredores oferecem pequenos fragmentos de arquitectura popular e monumental, como as igrejas paroquiais de Saucedilla, Casatejada e Almaraz e o sugestivo castelo medieval de Belvís de Monroy, datado dos séculos XIII e XIV. Podem ver-se restos de outro castelo em Almaraz. Gastronomicamente destacam-se os queijos, enchidos, as migas extremenhas e os pratos de caça. As festas a assinalar são a romaria de Rocamadour em Almaraz e os carnavais de Navalморal de la Mata.

Textos: Javier Prieta Díaz



Fenologia do roteiro

Arrocampo pode ser visitada durante todo o ano, embora nos meses de Julho e Agosto as altas temperaturas possam ser incómodas nas horas centrais do dia. Nesta altura é aconselhável realizar as visitas ao amanhecer ou ao entardecer. Durante a **Primavera**, o maior aliciente está na observação de *garças* reprodutoras (*garça-pequena*, *garça-imperial* e *real*, *papa-ratos*, *goraz* e tentativas recentes de criação de *colhereiro*) e aves palustres (*felosa unicolor*, *felosa-dos-caniços*, *bico-grossudo*, *camão*, *chapim-de-mascarilha*). No **Inverno**, pode observar *abetouro* e *águia-pesqueira* e são numerosos os *tartanhões-ruivos-dos-pauis* e os *corvos-marinhos*. As singulares condições de temperatura da água favorecem a presença ocasional no Inverno de aves tipicamente estivais, como várias espécies de *andorinhas*, *papa-ratos* e *garça-pequena*. Na época de migração (de Agosto a Outubro e Março e Abril), uma mistura de numerosas aves migratórias aumenta a riqueza ornitológica de Arrocampo.



Localização e acessos

O Roteiro encontra-se na comarca da Serra de San Pedro, na divisória das províncias de Cáceres e Badajoz, embora o troço que vamos percorrer se encontre por completo nesta última. Partimos da localidade de Alburquerque, onde podemos chegar desde Badajoz pela estrada EX-110, desde Herrerueta pela EX-324, desde Aliseda pela EX-303, ou desde San Vicente de Alcántara pela EX-110.



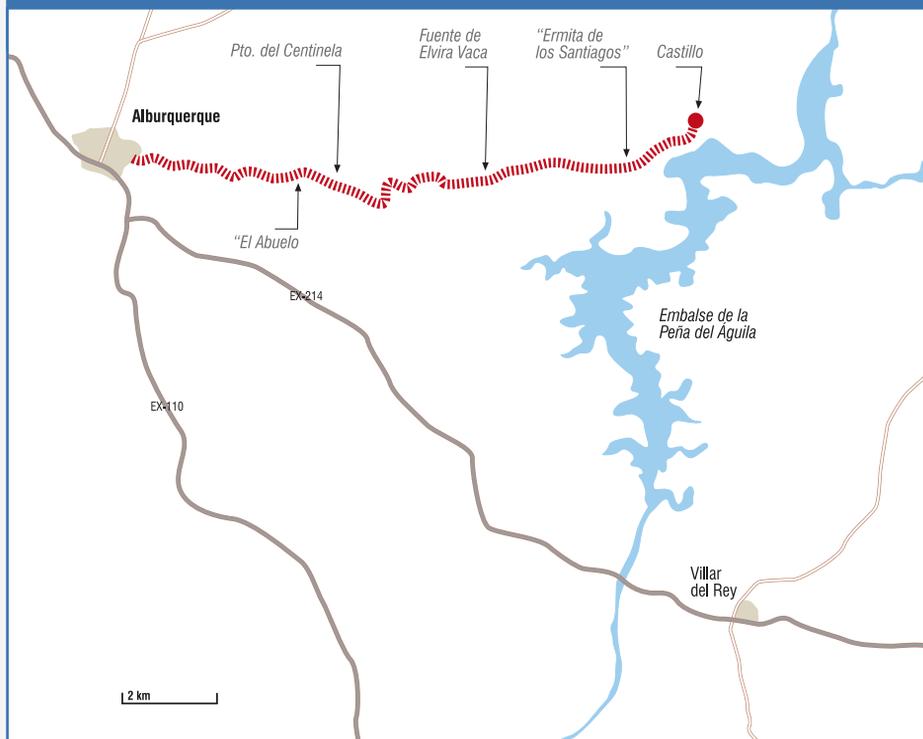
Descrição do roteiro

O roteiro tem 27,4 km de ida e volta desde Alburquerque até ao castelo de Azagala. Convém efectuá-lo em carro e a pé, num único dia. O que mais se destaca deste trajecto é o facto de se encontrar numa área pouco habitada e pouco transformada. Não existem grandes infraestruturas (à excepção da barragem de Peña del Águila) que tenham alterado a zona. Desde o alto da Serra de Santiago observa-se um extenso montado rodeado por serras inferiores aos 600m s.n.m. (apenas Torrico supera o nível do mar com os seus 703m), salpicado por algumas fazendas e quase nenhum poste de electricidade, graças a diferentes intervenções na modificação dos cabos eléctricos executados no âmbito do projecto LIFE pela Direcção Geral do Meio Ambiente, o que nos permite observar muitas espécies de aves numa densidade que parece impensável noutro território da geografia europeia. Este interessante itinerário pela Serra de San Pedro percorre os habitats mais representativos deste espaço natural protegido e com alguma sorte poderemos observar as espécies de aves mais representativas, pois na zona do percurso nidificam vá-

rios casais de *águia-imperial*, *abutre-preto*, *cegonha-preta*, *águia-real* ou *abutre-do-Egipto*.

Partimos da localidade de **Alburquerque**, mais concretamente da rua San Antón, junto à praça de touros (X:0673458; Y:4343090) (esta primeira parte convém ser efectuada em carro, porque adiantamos bastante, por um lado, e por outro, como a estrada não tem bermas, evitamos situações perigosas com os poucos veículos que poderiam utilizá-la). A parte inicial do trajecto percorre um caminho alcatroado entre tradicionais paredes de pedra e uma ou outra vedação de arame, perto de pequenas hortas e quintas familiares encaixadas num montado espectacular de azinheiras e sobreiros. Muito próximo, à direita, temos a serra do Puerto del Centinela; passamos pelo sopé e à esquerda temos o montado e planície com Torrico de San Pedro ao fundo. (X:0675300; Y:4342685) Aqui encontramos à direita o desvio para a entrada do **Convento dos Frailes Viejos** e no alto da serra divisa-se uma grande caverna conhecida como **“El Ojo del Diablo”**. Seguimos em frente, pelo caminho alcatroado e no ponto (X:0676384; Y:4342515) encontramos no eucaliptal, à direita, o desvio para o sobreiro **“El Abuelo”**, que se encontra a 600m de distância, num bonito montado pecuário. Continuamos em frente, pelo caminho alcatroado, à direita temos um eucaliptal e à esquerda um pomar de laranjeiras; um pouco mais à frente, à direita, encontramos a fonte de **“Elvira Vaca”**, com um grande tanque onde poder refrescar-se nos dias mais quentes. Desde aqui temos em frente uma bonita vista panorâmica de grande parte da serra de San Pedro e de um espectacular azinheiral. Continuamos pelo caminho alcatroado até ao ponto (X:068547; Y:4341837) onde apanhamos um desvio à esquerda. Aqui encontramos um sinal em ardósia indicando **“al Castillo”** (ao Castelo). É reco-

Esquema do roteiro e espécies nidificantes



Residentes	Estivais	Invernantes	Migradores de passagem
<ul style="list-style-type: none"> • Águia-imperial • Abutre-preto • Grifo • Águia-perdigueira • Cartaxo comum 	<ul style="list-style-type: none"> • Cegonha-preta • Abutre-do-Egipto • Águia-cobreira • Águia-calçada 	<ul style="list-style-type: none"> • Ferreirinha comum • Dom-fafe • Pombo-torcaz • Grou-comum 	<ul style="list-style-type: none"> • Águia-pesqueira • Papa-moscas-preto • Papa-moscas-cinzeno

mendável deixar aqui o veículo e continuar a pé, pois em determinados troços o caminho encontra-se em mau estado e não é apto para carros. Assim teremos também a oportunidade de ver mais espécies de aves e de apreciar em todos os sentidos a natureza que nos rodeia. Já percorremos quase 6 km, pelo que nos faltam 12, contando ida e volta, que podemos efectuar em poucas horas, parando para comer qualquer coisa ao meio-dia. Continuamos em frente, pelo caminho; vamos ver várias herdades de criação de porco e numerosas ovelhas, bem como algum sinal de ardósia in-

dicando “al Castillo” que não nos deixa perder-nos. Chegamos ao ponto (X:0678840; Y:4343035) onde encontramos um sinal que indica em frente a “**Ermida de los Santiagos**” (que convém visitar) e à direita “al Castillo”. Seguimos por aqui, depois de uma longa caminhada entre montados de diferente densidade de arvoredo com uma importante herdade de criação de porco ibérico, chegamos ao ponto (X:0683882, Y:4342860), onde voltamos a encontrar uma bifurcação assinalada com as indicações à direita “el Pantano” (barragem), e à esquerda “al Castillo”. Ambas opções

são claramente visíveis neste ponto: o castelo encontra-se no alto da pequena serra de Santiago, ladeado pela barragem, encaixada no barranco da desembocadura do Albarragena. Seguimos em direcção ao castelo e alcançamos a sua base. Desde o início do roteiro, em Alburquerque, até aqui, há 13,7 km e o caminho de subida ao castelo é privado, pelo que seria conveniente parar aqui para almoçar, contemplar as vistas da zona e descansar um pouco antes de empreender o caminho de regresso. Desde o alto do castelo de Azalaga pode contemplar-se uma extensa vista panorâmica da maior parte da serra de San Pedro e dos seus contrafortes, do Torrico, da serra de Los Leones, da serra do Puerto del Centinela, da serra de la Caraba, Serra Fria...



Águia-imperial



Valores ornitológicos

A jóia deste trajecto é, sem dúvida, a *águia-imperial*, da qual desde o princípio do percurso e num raio de 15 km encontramos 4 casais reprodutores. É também fácil avistar o *abutre-preto*, com uma abundante população reprodutora nos arredores; a *cegonha-preta*, que além de se reproduzir na zona, utiliza também o extremo da barragem como zona de concentração prévia à migração; a *águia-perdigueira*, com vários casais nidificantes nos penhascos e árvores; o *falcão-peregrino* é muito escasso e embora tenha nidificado durante alguns anos no barranco do Albarragena, actualmente apenas se pode contemplar durante o Inverno; a *águia-real*, contudo, é frequente em qualquer estação; o mesmo acontece com o *grifo*, que apresenta uma importante população repro-

ductora, razão pela qual é fácil avistá-lo desde o começo do percurso. Outras aves rapinas frequentes são a *águia-cobreira*, a *águia-calçada*, o *abutre-do-Egipto*, o *gavião* e o *francelho*, do qual existe também uma importante população reprodutora no centro histórico de Alburquerque. Entre as rapinas nocturnas encontramos o *bufo-real*, espécie rupícola abundante nos penhascos rochosos, inclusive nas proximidades da povoação; a rapina nocturna mais abundante na zona é o *mocho-galego*, que encontramos ao fim da tarde nos azinhais mais abertos e nas zonas de rocha granítica, a *coruja-do-mato*, nos azinhais mais densos, e a *coruja-das-torres* nas diferentes fazendas da zona e nalguns casarões antigos e ruínas da povoação.

Outras espécies comuns na área são a *trepadeira azul*, bastante ligada aos sobreiros maduros e muito frequente nos arredores do sobreiro "El Abuelo", o *charneco*, um corvideiro colonial muito bonito ligado aos montados, a *cotovia-pequena*, a mais florestal da família alaudidae extremeña, fácil de detectar pelo seu canto melódico, a *poupa*, o *cuco*, o *rouxinol*, o *chapim-real*, o *chapim-de-poupa*, o *chapim-rabilongo*...

Abutre-preto (atrás) e Grifo



Fenologia do roteiro

Este roteiro pode realizar-se em qualquer época do ano e não seremos defraudados em nenhuma estação, embora seja conveniente ter algumas considerações. Durante a Primavera e o Verão existem mais espécies para observar, pois contamos com distintas espécies migratórias como a *cegonha-preta*, o *abutre-do-Egipto* ou as *águias calçada* e *cobreira*, mas devemos ter em conta que a Primavera é o período reprodutor e não devemos sair do trajecto e tentar evitar as perturbações que poderiam afectar o sucesso da reprodução. O Verão é muito quente na zona, razão pela qual deve-



Sobreiro “El Abuelo”



Cartaxo

mos evitar as horas centrais do dia (que são também as horas em que as aves estão menos activas e será mais difícil observá-las).

O Outono coincide com a Brama do veado. Nas margens da barragem não será difícil ouvir as bramas que emite e o toque das hastes e desde algum esconderijo poderá observar com facilidade se dispõe de meios ópticos (telescópio terrestre ou binóculos)

O Inverno coincide com a época de caça e temos que ter em consideração que as herdades que circundam o percurso à volta do castelo e da barragem são herdades privadas dedicadas à caça maior e que as montarias costumam efectuar-se entre Novembro e Fevereiro, pelo que convém informar-se na povoação durante estes meses se há uma montaria e evitar sair do caminho.

Não devemos esquecer:

Evitar incómodos às pessoas que vivem ou trabalham nos arredores, a maioria das herdades que circundam o roteiro são particulares portanto não devemos deixar nenhuma cancela aberta e evitar perturbar o gado.



Outros valores ambientais e culturais

A Brama em finais de Agosto e durante o mês de Setembro (a data pode variar em função do clima) geralmente conhecida na Extremadura como “La Berrea”. Os machos lutam por manter o harém de fêmeas para acasalar e nesta altura tornam-se menos desconfiados, abandonando os montes densos até às planícies e montados descobertos.

Sobreiro “El Abuelo”, vale a pena fazer o desvio de 600m para contemplar este majestoso sobreiro, designado pelo botânico Diosdado Simón Villares como “árvore notável”.

Valores etnográficos, existem nos arredores numerosas construções populares que aproveitam os materiais da zona, que valem a pena visitar, como é o caso de paredes de pedra, choupanas tradicionais, fornos de pedra, currais...

Cogumelos, durante o Outono podem encontrar-se várias espécies de cogumelos comestíveis na zona. Alguns deles são: *Boletus aereus*, *Boletus edulis*, *Macrolepiota procera*, e mais escassa a *Amanita caesarea*.

Arte rupestre, existem numerosas expressões de arte rupestre na zona, como é o caso das pinturas de La Cruz de San Blas, ou do barranco do castelo, além de outras de acesso mais difícil em diferentes cavernas entre os penhascos da área. Nos arredores de Alcántara e Valencia de Alcántara existem vários monumentos megalíticos com cerca de uma centena de dólmenes e menires.

Castelos, além do castelo de Azagala onde chega o trajecto podemos encontrar outros três castelos a pouca distância:

Castelo de Luna em Alburquerque, pode efectuar-se visita guiada.

Castelo de Mayorga situado na herdade Galana de Mayorga que encontramos na estrada que liga La Codosera a San Vicente de Alcántara. Está numa propriedade privada, mas a seus pés atravessa uma estrada local que vai até Alcorneo e que nos permite aproximar-nos até à base numa paisagem bem conservada.

Castelo de Piedrabuena situado no montado de Piedrabuena. O acesso efectua-se por um caminho asfaltado que liga a estrada de San Vicente de Alcántara a Alburquerque com a estrada que liga Alburquerque a Herrerueta. O castelo está muito bem conservado, mas como pertence a um particular não é possível visitar o seu interior.

Textos: Juan Pablo Prieto

9 Planícies de Cáceres, Magasca y Trujillo



Localização e acessos

A sul do Rio Tejo estende-se uma vasta peneplanície sulcada pelos rios *Almonte* e *Tamuja*, configurando uma paisagem suavemente ondulante dedicada principalmente ao aproveitamento pecuário das pastagens e ao cultivo de cereais de sequeiro. O roteiro configura-se entre as localidades de **Cáceres, Santa Marta de Magasca e Trujillo**.

O acesso mais fácil é através da auto-estrada A-58 (antiga N-521) que liga Trujillo a Cáceres. A principal via de comunicação para chegar até Cáceres é a auto-estrada A-66, tanto desde Mérida como desde Plasencia. No caso de Trujillo, vamos seguir a E-90 para chegar a esta localidade desde Mérida ou Navalморal de la Mata. Se o nosso ponto de partida é o **Parque Nacional de Monfragüe** dispomos de várias alternativas por estradas menos transitadas e de grande beleza paisagística. À saída de Torrejón el Rubio encontramos um cruzamento desde o qual nos podemos dirigir a Trujillo seguindo pela EX-208 ou a Cáceres pela EX-390, que em nenhum caso defraudarão o visitante.



Descrição do roteiro

O ponto de partida do roteiro começa na saída da auto-estrada A-58 em direcção a *Santa Marta de Magasca* pela CC-99. Se viajamos desde *Cáceres*, encontraremos esta saída 7 km depois do desvio à *Serra de Fuentes* (à direita), e se o fazemos desde *Trujillo*, encontramos a saída a 10 km depois de que a auto-estrada atravesse o *Rio Gibranzos*.

Depois de estarmos na CC-99 continuamos durante cerca de 14 km até chegar à localidade de *Santa Marta*

de Magasca, depois de passar pelo caudal do *Rio Tamuja*. Precisamente na entrada da povoação, depois da paragem de autocarro, apanhamos a estrada que sai ao lado esquerdo e que contorna a localidade. O trajecto adentra-se primeiro numa zona de montado, descendo depois até às margens do *Rio Magasca*, atravessando uma vez mais uma ampla zona de pastagens e cultivos. A 8 km de *Santa Marta de Magasca* vamos chegar a um cruzamento que nos permite ir em direcção a *Monroy* (a 22,2 km de distância) ou a *Trujillo* (a 23,8 km). Se optamos pela primeira possibilidade vamos chegar até às espectaculares margens do *Rio Almonte* (a 18 km do cruzamento) passando antes por zonas de pastagens e montados abertos. Se vamos em direcção a *Trujillo*, vamos encontrar a 18 km o cruzamento com a EX-208, que nos leva directamente à referida localidade. O trajecto termina no centro histórico de Trujillo, em cujas ruas vamos continuar a observar aves interessantes.



Valores ornitológicos

O roteiro percorre umas das áreas mais interessantes da região a nível ornitológico e não é por acaso que atravessamos quatro lugares designados como Zona de Protecção Especial para Aves (ZPEA "*Llanos de Cáceres y Sierra de Fuentes*", ZPEA "*Magasca*", ZPEA "*Riveros del Almonte*" e ZPEA "*Colonias de Cernicalo Primilla (francelho) de Trujillo*").

O trajecto completo permitir-nos-á observar uma grande diversidade de espécies nos habitats mais representativos da comarca, onde existe um claro predomínio das pastagens naturais e dos cultivos dos cereais de sequeiro, intercaladas com zonas de montados de azinhas

Esquema do roteiro e espécies nidificantes



Residentes	Estivais	Invernantes	Migradores de passagem
<ul style="list-style-type: none"> • Abetarda • Sisão • Ganga • Cortiço-de-barriga-preta • Cegonha-branca 	<ul style="list-style-type: none"> • Francelho • Tartanhão-caçador • Rolieiro • Calhandrinha 	<ul style="list-style-type: none"> • Abibe • Tarambola-dourada • Petinha • Laverca 	<ul style="list-style-type: none"> • Chasco-cinzentos • Chasco-ruivo • Cartaxo-nortenho • Petinha-dos-campos

e matagais (principalmente giesta e rosmarinho). O maior contraste paisagístico aparece nas proximidades das margens, passando bruscamente da secura das planícies à frondosidade dos caudais fluviais, cujas ladeiras escarpadas se cobrem por completo de uma densa vegetação de azinheiras e azambujeiros.

Nas zonas de pastagens está presente uma completa representação da avifauna estepária, destacando-se, pela sua abundância, as populações de *calhanda*, *cotovia-escura*, *trigueirão* e *pardal-montês* que nos vão acompanhar ao longo de todo o trajecto, assim como outras espécies como o *mocho-galego*, *cuco-rabilongo*, *poupa*, *cartaxo-comum*, *fuínha-dos-juncos*, *estorninho-preto*, *picanço-real* e *abelharuco*. Se pararmos

o carro e observamos com atenção, também podemos encontrar outras aves que se encontram em menor densidade, como a *calhandrinha* ou o *chasco-ruivo*. Podemos observar *abetardas* durante todo o ano, mas será mais fácil dar-nos conta da sua presença durante a Primavera, quando a sua plumagem as torna mais atractivas. Convém posicionar-se em zonas altas, com muita visibilidade, e perscrutar a zona com os binóculos ou o telescópio para localizar exemplares nestas áreas tão extensas. Os *sisões* também são bastante abundantes, embora possam passar despercebidos nas zonas onde o pasto ou as sementeiras de cereais estão muito altos. O seu chamamento incessante durante a época nupcial costuma delatar a sua presença,



Tartanhão-caçador (macho)

assim como o som do voo, especialmente espectacular quando se trata de um bando numeroso.

Para observar outras espécies habituais das pastagens como a *ganga*, o *cortiçol-de-barriga-preta* e o *alcara-vão* é aconselhável manter-se num local fixo ou fazer percursos a pé, seguindo, por exemplo, as vias pecuárias que atravessam o trajecto.

São também muito abundantes o *rolieiro* e o *francelho*, que ocupam algumas das caixas de ninho nos postes de electricidade.

Em vários troços do roteiro estabelecem-se colónias de *tartanhão-caçador* que nidificam nos cultivos de cereais ao lado da estrada. Mantêm uma intensa actividade a partir de Maio, altura em que nascem as crias e as têm que começar a alimentar.

No final da Primavera e princípio do Verão as populações de *gafanhoto-migrador* e outros ortópteros encontram-se no seu máximo apogeu e as aves aproveitam intensamente este recurso para se alimentarem. Vamos ver frequentemente pousados nos postes e fios eléctricos a *rolieiros*, *francelhos*, *milhafre-preto* e ou-

tras aves que se dedicam a capturar os milhares de invertebrados que atravessam o asfalto, onde são muito mais visíveis que nos terrenos de pasto. Estes animais são também a base de alimentação da *cegonha-branca* e da *garça-vaqueira*, espécies que podem chegar a formar colónias importantes nas poucas árvores disponíveis.

Não nos devemos surpreender pela ocorrência de *abutre-preto*, *grifo*, *corvo* ou *abutre-do-Egipto*, já que a grande quantidade de gado que se mantém nestas pastagens representa o principal recurso para estas aves necrófagas. As importantes colónias de *abutre-preto* que nidificam na ZPEA “Sierra de San Pedro” encontram aqui a sua principal área de alimentação. Da mesma forma, as grandes rapinas como a *águia-imperial*, *águia-real* ou *águia-perdigueira* estabelecem aqui as suas zonas de caça, atraídas pela abundância de presas (coelho, lebre ou perdiz), assim como exemplares jovens dispersos.

Durante a passagem migratória pós-nupcial destaca-se a abundância de *chasco-ruivo*, *chasco-cinzento*, *petinha-dos-campos*, *papa-moscas preto*, *cartaxo-nortenho* e *alvéola-amarela* que vamos observar frequentemente desde o carro.

No Inverno, são frequentes espécies como a *tambola-dourada*, *abibe*, *tartanhão-azulado*, *petinha*, *laverca*, *alvéola-branca* e inclusive *guincho-comum* e *gaivota-d’asa-redonda* que percorrem os numerosos tanques agrícolas. As grandes superfícies de cardos e outras plantas de sementes atractivas para as aves congregam grandes bandos de fringílidios, principalmente *pintassilgo*, *pintaroxo*, *verdilhão* e *chamariz*.

Nas zonas de montado e mato que encontramos antes de chegar aos rios Tamuja e Magasca, a avifauna altera-se completamente, sendo frequentes neste habitat espécies como *águia-d’asa-redonda*, *águia-calçada*, *rola-comum*, *charneco*, *melro*, *tordeio*, *toutinegra-carasqueira*, *toutinegra-dos-valados*, *toutinegra-domato*, *chapim-azul*, *chapim-real*. Nas ladeiras que chegam às margens dos rios, a vegetação tende a ser muito mais densa e frondosa, quase impenetrável. Algumas rapinas aproveitam a segurança desta densidade para nidificar (*milhafre-preto*, *águia-cobreira*, *gavião*, *bufo-real*), *cegonha-preta* e espécies tipicamente florestais (*pombo-torcaz*, *gaio comum*, *carriga*, *trepadeira*, *trepadeira azul*, *felosa-poliglota*). Nos afloramentos rochosos das ladeiras também podemos encontrar *melro-azul*, *chasco-preto* e *cia*.

Calhandra





Tartanhão-caçador

Nos cursos fluviais destacamos a ocorrência de aves que nidificam nas pontes, como a *andorinha-das-rochas* (fácil de ver na ponte que atravessa o Rio Tamuja), *andorinha-dáurica* e *andorinha-dos-beirais*. Nas margens arenosas não faltam o *borrelho-pequeno-de-coleira*, *maçarico bique-bique*, *maçarico-das-rochas*, *alvéola-branca* e *alvéola-cinzenta*.

No fim do roteiro chegamos à localidade de **Trujillo**, um dos poucos núcleos urbanos que conta com a denominação de ZPEA devido às importantes colónias de *francelhos*. Passeando pelas ruas do centro histórico podemos ver numerosos exemplares desta espécie em voo emitindo o seu som característico, e visitar as colónias de criação que se encontram na Plaza Mayor, Convento de San Francisco, Parador de Turismo, rua Encarnación e Palácio de Albaida, Palácio de Luís Chaves e Praça de Touros (situada nos arredores da localidade e que acolhe a maior colónia). Também podemos apreciar os numerosos casais de *cegonha-branca* que constroem os seus ninhos nos telhados e campanários dos edifícios históricos, convertendo-se numa das marcas de identidade de Trujillo. Vale a pena destacar a população nidificante de *andorinhão-pálido* que partilha o habitat com o *andorinhão-preto*.



Fenologia do roteiro

A **Primavera** é o período mais adequado para efectuar este roteiro, pois a composição de avifauna destas zonas conta com muitas espécies estivais. No **Inverno** mantém-se o interesse ornitológico, com a chegada das espécies invernantes. A beleza das paisagens estepárias e

o forte contraste com as margens dos rios tornam este roteiro recomendável em qualquer época, inclusive no Verão (se evitamos as horas mais quentes).

O escasso tráfego destas estradas permite-nos circular a pouca velocidade, o que facilita o avistamento das aves.

Devemos evitar parar durante um tempo excessivo nos arredores das colónias de nidificação (*tartanhão-caçador*, *cegonha-branca*, *francelho*, *garça-vaqueira*) sendo aconselhável manter-nos a uma distância de segurança para evitar incomodar as aves.



Outros valores ambientais e culturais

A visita a **Cáceres**, declarada Património da Humanidade, é obrigatória. A cidade conta com um centro histórico de grande beleza e em excelente estado de conservação, além de uma variada oferta cultural. **Trujillo** tem também um importante atractivo turístico, podendo visitar no centro histórico a Judiaria, a Igreja de San Martín, a Igreja de Santiago, o Castelo árabe e também os museus de Pizarro e do Queijo e do Vinho. Em Cáceres podemos visitar ainda o *Centro de Educação Ambiental "Olivar de los Frailes"*, que dispõe de vasta informação sobre os espaços protegidos na comarca. Na localidade de **Sierra de Fuentes** podemos visitar o *Centro de Recuperação de Fauna e Educação Ambiental "Los Hornos"*.

Textos: Atanasio Fernández García



Localização e acessos

O roteiro localiza-se no maciço montanhoso da Serra das Villuercas, situado no sudeste da província de Cáceres. O roteiro sugerido parte da localidade de **Guadalupe**, à qual se pode chegar, a norte, pela A-5 (Navalmoral de la Mata) pela estrada EX-118; a sul, desde a N-430 pela EX-116 e a EX-102; a leste, pela A-5 (Miajadas); e oeste, desde Talavera de la Reina.



Descrição do roteiro

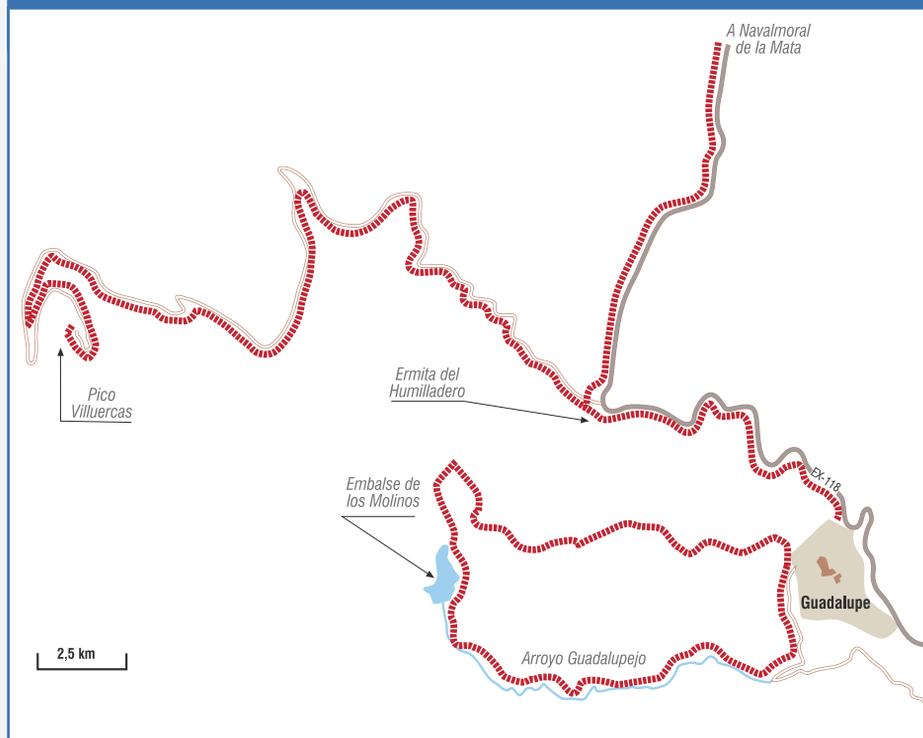
O roteiro tem uma longitude total aproximada de 54 km, ida e volta, num trajecto misto de asfalto e trilhos florestais desde a povoação de Guadalupe até final do itinerário sugerido. Foi pensado para ser feito em carro e num único dia, efectuando paragens e percursos curtos nos pontos e lugares de observação mais interessantes. O itinerário desenvolve-se por habitats variados. Inicialmente adentra-se pelas nascentes dos rios Guadalupe e Ibor, entre densos soutos de amieiros, freixos, aveleiras e choupos, para subir depois às cotas de montanha do Pico Villuercas, o ponto mais elevado da comarca, com 1601m de altura.

Iniciamos o trajecto na localidade de **Guadalupe**, apanhando a pequena estrada que se dirige a ao viaduto da linha de comboio abandonada. Desviamos-nos à direita no ponto (X:0299392, Y:4368912), que coincide com uma curva acentuada. Aqui metemo-nos num caminho de terra, subindo pelo **Rio Guadalupejo**, um espaço natural protegido declarado Corredor Ecológico e de Biodiversidade. Passamos por um souto fluvial muito bem conservado, onde são abundantes os pica-paus: *pica-pau-malhado grande*, *pica-pau-verde* e *pica-pau-*

malhado pequeno e onde é possível observar o rápido voo do *melro-d'água* sobre as correntes, saltando entre as pedras ou mergulhando nas águas limpas e transparentes, tão importantes para a sua sobrevivência, e que mantém nestas serras um pequeno núcleo. Além dos valores naturais e paisagísticos, vamos também apreciar a presença de **moinhos**, **ferrarias** e **pisões**, associados à prosperidade de Guadalupe e do seu Mosteiro, declarados Conjunto Histórico-Artístico e Património da Humanidade, respectivamente. Vamos chegar até à **barragem dos Molinos**, da qual se tem uma vista magnífica do lugar conhecido como **Los Hoyicios**, onde nasce o Rio Guadalupejo. Nos penhascos quartzíticos desta zona nidificam *grifo*, *abutre-do-Egipto* e *falcão-peregrino*. Continuamos o caminho e viramos à direita no ponto (X:0296656, Y:4370768). A partir daqui vamos subir, seguindo ao longo da serra, para admirar uma das vistas panorâmicas mais espectaculares do percurso: um mosaico de frondosos carvalhos-negrais, castanheiros, pinheiros-larícios, carvalhos-cerquinho e bosques ripários de amieiros, freixos e choupos, uma paisagem que se torna ainda mais espectacular durante o Outono, quando as árvores caducifólias se tornam douradas. Durante a Primavera e Verão é possível observar o *bútio-vespeiro*, que tem nestas serras uma pequena colónia reprodutora que é ainda a mais meridional de Espanha. Continuamos o caminho até chegar a Guadalupe.

Aqui devemos apanhar a estrada EX-118 em direcção a Navalmoral de la Mata, para nos desviarmos à esquerda no ponto (X:0297920, Y:4371232) e apanhar o caminho conhecido como a "**Carrera del Caballo**". Este bonito percurso segue junto ao **Rio Ibor** pelo **Camino Real**, um caminho secular de peregrinação de Madrid a Guadalupe. Vale a pena visitar o **Humilladero**,

Esquema do roteiro e espécies nidificantes



Residentes	Estivais	Invernantes	Migradores de passagem
<ul style="list-style-type: none"> • Abutre-preto grifo • Águia-perdigueira • Chapim-preto • Galha-de-bico-vermelho 	<ul style="list-style-type: none"> • Cegonha-preta • Abutre-do-Egipto • Búfio-vespeiro • Águia-cobreira • Águia-calçada • Melro-das-rochas • Andorinhão-real 	<ul style="list-style-type: none"> • Ferreirinha comum • Ferreirinha serrana • Dom-fafe • Pombo-torcaz 	

uma ermida de estilo mudéjar onde os peregrinos se ajoelhavam ao avistar por primeira vez o Mosteiro de Santa Maria de Guadalupe.

Aconselhamos avançar com o carro e estacionar ao pé do moinho de corte situado no ponto (X:02979900, Y:4372083) e continuar a pé pela margem do Ibor,

onde é possível ver, ou ouvir, a **felosa-de-Bonelli**, que na Extremadura está restringida aos cumes do Sistema Central, Villuercas e Serra de Tentudía. E ainda outras espécies de aves típicas de bosques caducifólios e soutos: *papa-figos*, *escrevedeira-garganta-preta*, *rouxinol comum*, *gaio comum*, *chapim-rabilongo*... Com

um pouco de sorte, vamos ver algumas espécies endémicas como a *rã-ibérica* ou o *lagarto-de-água*, além dos *corços* que nos vão ladrar desde os densos castanhais.

Quando o caminho termina, afastando-se do rio, regressamos ao carro. Daqui voltamos ao ponto de partida para apanhar a estrada estreita que sobre até à base militar (actualmente abandonada) e ponto mais alto da comarca: o **Pico Villuercas** (1601m) Durante a subida torna-se patente a alternância de vegetação, as massas florestais de castanheiros, pinheiros, carvalhos, cerquinhos e mostajeiros são progressivamente substituídos por zimbros, giestas e urzes de montanha, onde as condições de vida são mais hostis para a vegetação.

Chama a atenção, igualmente, a beleza geológica das paisagens e o relevo singular, chamado **relevo “Apalachiano”**, uma sucessão peculiar de vales e serras paralelas onde se observam várias pregas, falhas e rochedos residuais, habitat ideal de nidificação para várias espécies: *grifo*, *águia-perdigueira*, *águia-real*, *falcão-peregrino*, *cegonha-preta*, *abutre-do-Egipto*, *bufo-real*..

A título de curiosidade, destacamos que o caminho de subida ao cume constitui a divisória de águas das bacias do Tejo e Guadiana, de tal forma que as correntes



Castelo de Cabañas

que caem à nossa esquerda pertencem ao Guadiana (rios Guadalupejo, Ruecas, Gargáligas...) e as à nossa direita, ao Tejo (rios Viejas, Ibor, Almonte...).

No ponto (X:0295440, Y:4371720) vamos deixar o carro estacionado à nossa esquerda para visitarmos o **“Pozo de la Nieve”**. Este poço, de grandes dimensões, era enchido de neve durante o Inverno para conservar os alimentos e medicamentos do Mosteiro e da Puebla de Guadalupe. Aqui é possível divisar as paisagens imensas do vale do **Rio Guadalupejo** e as **Raías de Cañamero**.

Chegando ao cume, não será difícil observar as espécies características dos matos e rochedos de montanha, entre outras: *chasco-preto*, *rabirruivo-preto*, *ferreirinha comum*, *ferreirinha-serrana*, *melro-azul* e *melro-das-rochas*, um reprodutor estival muito escasso e que em Villuercas nidifica apenas nestes cumes. E ainda os carrósseis estridentes dos *andorinhões-reais*, uma espécie que tem nestas serras as melhores zonas de criação; e a algarra dos bandos de *gralha-de-bico-vermelho*, uma aves de distribuição irregular e localizada na nossa região.

Abutre-preto



Valores ornitológicos

Dada a diversidade de habitats, são muitos e variados os valores ornitológicos deste trajecto. Destacam-se os reprodutores estivais como o *bútio-vespeiro*, *cegonha-preta*, *águia-calçada*, *águia-cobreira*, *melro-azul*, *andorinhão-real* e *abutre-do-Egipto*. As massas florestais caducifólias são o habitat ideal para aves nocturnas como a *coruja-do-mato* e nos pinhais existem isolados de *chapim-preto*. Nos bosques de montanha melhor conservados é frequente a *felosa-de-Bonelli* e o *pica-pau-malhado pequeno*. Nos penhascos e escarpas rochosas nidificam o *falcão-peregrino*, *águia-real*, *águia-perdigueira*, *bufo-real* e *grifo*, entre outras espécies. Nos cumes, entre as rochas e os matagais rastei-

ros encontram-se numerosas espécies como o *chasco-preto*, o *rabirruivo-preto*, a *ferreirinha comum* e *serana*, o *melro-azul* e o *melro-das-rochas*. A *águia-imperial*, que ainda não se reproduz de forma estável nesta comarca, partilha o habitat com outra ave necrófaga, o *abutre-preto*, que começou a nidificar nestas serras de forma regular há pouco mais de uma década, no que parece ser uma expansão das colónias de Monfragüe. Os casais nidificam, actualmente, nos enclaves mais setentrionais da comarca, dando assim continuidade às colónias de Monfragüe.

ros, aconselhamos não sair do itinerário estabelecido. Assim evitamos perturbar as aves durante este período sensível. Apesar de se tratar de uma zona montanhosa em parte do trajecto, o Verão é muito quente, pelo que nos devemos hidratar e proteger convenientemente do sol, evitando as horas centrais do dia, que também são, por outra parte, as menos favoráveis para observação das aves. Durante o Outono, a cor dourada e amarela das caducifólias marca cultural e paisagisticamente esta comarca.



Fenologia do roteiro

Pode realizar-se em qualquer época do ano. A Primavera é a estação mais alegre, com boas temperaturas durante o dia e o regresso das aves estivais: *cegonha-preta*, *abutre-do-Egipto*, *águia-calçada*, *águia-cobreira*, *bútio-vespeiro*... É também o período reprodutor, portanto, como recomendação geral para todos os roteiros,



Outros valores ambientais e culturais

- **Guadalupe e Mosteiro de Guadalupe**
- **Ermida del Humilladero**
- **Pozo de la nieve**

Textos: Víctor Manuel Pizarro Jiménez

Falcão-peregrino





Localização e acessos

O *Rio Guadiana*, na sua passagem por **Badajoz** encontra-se represado por um açude, uma pequena presa de regulação que mantém o caudal num nível praticamente constante. A jusante do açude o Rio Guadiana recupera a naturalidade e depois de um troço de 6,5 km desemboca na sua margem direita o *Rio Caia*. Os acessos às duas margens do rio efectuem-se a partir de Badajoz.



Descrição do roteiro

Para realizar um percurso ornitológico pelo Rio Guadiana podemos optar por qualquer uma das margens, pois ambas contam com bons acessos e temos possibilidade de observar aves.

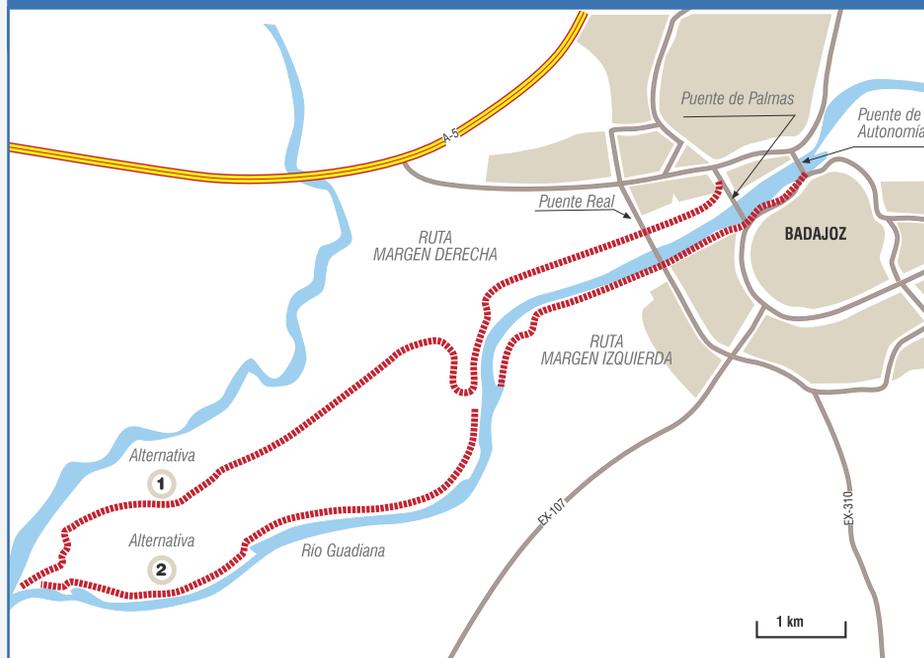
ROTEIRO PELA MARGEM ESQUERDA

Troço 1. O trajecto inicia-se na **Ponte de la Autonomía**, que é a primeira das quatro pontes sobre o Guadiana à medida que avançamos águas-abaixo. O acesso faz-se sem qualquer problema desde qualquer ponto da cidade porque é uma das principais vias de saída em direcção a Cáceres pela estrada EX-100 através da Ronda de la Circunvalación. A entrada à ponte localiza-se nas confluências das ruas Suárez Figueroa, Morales, San Atón e Joaquín Costa, onde encontramos um rotunda com a inconfundível escultura de “*Los Tres Poetas*”. Na ponte podemos apreciar uma bonita vista sobre um dos troços onde se estreita o caudal e que coincide com a desembocadura do Rio Zapatón pela margem esquerda e do Rio Xévorá pela direita, um pouco mais acima. São também espectaculares as vistas panorâmicas da *Alcáçova árabe* e do *Centro his-*

tórico de Badajoz. Desde a cabeceira da ponte podemos percorrer de forma agradável a margem, alcançando um troço de mais de 800m que se encontra perfeitamente adaptado para utilização pedestre e recreativa (bancos, terraços, miradouros, zonas ajardinadas), oferecendo umas bonitas vistas sobre o rio e isolando-nos completamente do bulício da cidade. Avançamos por este passeio até chegar à **Ponte Velha** ou **Ponte de Palmas**, situada em frente à **Puerta Palmas**, uma porta monumental que formava parte da muralha que rodeava outrora a cidade e um dos símbolos de identidade de Badajoz. A Ponte Velha é pedonal, portanto é perfeita para a observação das aves desde uma perspectiva privilegiada, tornando possível ver numerosas espécies na água e pousadas na densa vegetação das margens, assim como o voo de algumas aves percorrendo o rio. Depois vamos prosseguir o trajecto paralelo à margem até chegar à **Ponte da Universidade** (a terceira ponte), onde termina o troço pedonal e começa um trilho estreito que se adentra nos soutos fluviais ao longo de 1 km. O trilho acaba na **Ponte Real** (a quarta ponte), facilmente reconhecível pelos pilares centrais de mais de 80m de altura e os cabos radiais de suporte. Neste ponto termina o primeiro segmento pela margem esquerda, com uma longitude de 1,9 km e que se deve efectuar integralmente a pé.

Troço 2. No cruzamento da rua do Paseo Fluvial e da Avenida do Guadiana parte um caminho de terra que passa por debaixo da **Ponte Real** que ao fim de 250m se une a uma pista asfaltada que segue paralelamente ao rio. A pista tem uma longitude de 1800m e termina numa rotunda situada depois do edifício do **Club de Piragüismo** (Canoagem) de Badajoz. Este trajecto

Esquema do roteiro e espécies nidificantes



Residentes	Estivais	Invernantes	Migradores de passagem
<ul style="list-style-type: none"> • Garça-vaqueira, garça-branca, garça-real, galeirão, pato-real, maçarico-das-rochas 	<ul style="list-style-type: none"> • Rouxinol-pequeno-dos-caniços, rouxinol-grande-dos-caniços, andorinha-dos-beirais, abelharuco, goraz 	<ul style="list-style-type: none"> • Garça-pequena-guincho, gaivota-de-asa-escura, narcejo comum, corvo-marinho 	<ul style="list-style-type: none"> • Papa-ratos, maçarico-bastardo, águia-pesqueira, petinha-ribeirinha

pode realizar-se de carro, fazendo paragens para observar as aves com o telescópio ou efectuar itinerários curtos. Também é possível fazer o mesmo trajecto a pé, seguindo um trilho existente entre a pista asfaltada e a margem do rio, que nos permite estar mais próximo da água e da vegetação ribeirinha. Desde a rotunda sai um caminho de terra de cerca de 270m de longitude que nos leva até ao paredão do açude, onde vamos encontrar um excelente miradouro para contemplar aves. O roteiro pode terminar aqui, ou podemos seguir a pé por um caminho de terra a jusante.

ROTEIRO PELA MARGEM DIREITA

Na Avenida de Elvas (em direcção a Portugal e coincidindo com a N-V), no trajecto compreendido entre a **Ponte da Universidade** e a **Ponte Real** vamos encontrar uma rotunda onde apanhamos a terceira saída (à esquerda), seguindo a direcção que indica "*Cañada Sancha Brava*". Depois de passarmos por baixo da Ponte Real continuamos na estrada até encontrar um desvio à esquerda (a cerca de 1250m da ponte) e um caminho de terra que nos vai levar até outra pista asfaltada que percorre a margem do rio até chegar ao paredão do açude. Desde aqui podemos optar por duas



Dormitório de corvo-marinho

alternativas. A primeira é continuar a jusante, por um caminho de terra em bom estado que segue paralelo à margem durante uns 7 km até chegar à desembocadura do *Rio Caia*. A outra possibilidade seria apanhar a pista de terra que parte do açude e que nos leva até à pista asfaltada (deixando do lado esquerdo uma fábrica de presuntos). Neste ponto vamos seguir a estrada até cruzar um pequeno vau, momento em que a estrada se converte num caminho de terra. Sem nos desviarmos nunca da pista, e depois de percorrermos 1250m, vamos chegar a uma bifurcação onde apanhamos o caminho que segue pelo lado esquerdo e que nos leva outra vez até às margens do *Rio Guadiana* e um pouco depois à desembocadura do *Rio Caia*.



Valores ornitológicos

O **Açude** do Rio Guadiana está declarado como **Zona de Protecção Especial para Aves (ZPEA)** devido à sua importância para inúmeras espécies de aves. Um dos seus principais atractivos são as colónias de reprodução de *garças*, nas quais se congregam mais de 2000 casais de *garças-vaqueiras* e *garças-brancas-grandes* acompanhadas de outras espécies como o *goraz*, *cegonha-branca* e *garça-real*. A principal colónia encontra-se a jusante do açude, sobre as árvores de várias ilhas situadas a meio do caudal. Outras colónias de menor dimensão encontram-se dispersas em várias zonas do rio entre o açude e a **Ponte Velha**, também em ilhas arborizadas. Desde Maio até meados de

Julho estes lugares são espectaculares devido à enorme quantidade de aves que cobrem as árvores e pela sua incessante actividade, muito mais intensa a partir do momento em que nascem as crias. A população nidificante de *goraz* é considerada uma das mais importantes da região. No resto do ano, estes lugares albergam também dormitórios comunitários de *garças-vaqueiras* e *garças-brancas-grandes*, concentrando milhares de aves que compartilham a zona com grandes bandos de *gralhas-de-nuca-cinzenta* e *estorninhos-pretos* e *malhados*. Neste troço do Rio Guadiana é também possível observar outras três espécies de *garças* de grande interesse, como é o caso da *garça-imperial* (nidificante nos densos juncais das margens), o *papa-ratos* (mais frequente de passagem e inclusive no Inverno) e a *garça-branca-grande* (cada vez mais habitual na zona).

Em finais de Agosto começam a chegar os primeiros *corvos-marinhos* ao rio e esta população vai aumentando até alcançar o seu máximo expoente no Inverno. Podem ser vistos em muitos segmentos do rio, a pescar ou a apanhar sol, em especial na Ponte Velha, um lugar muito recomendável para os apreciar. Numa ilha situada a cerca de 1200m a jusante da **Ponte Real** situa-se o primeiro dormitório de *corvos-marinhos*, que congrega várias centenas de exemplares. O lugar é facilmente reconhecível por estarem todos os ramos das árvores "pintados" de branco, resultado dos excrementos, e visível desde ambos lados do rio.

A vegetação das margens é especialmente exuberante entre o açude e a desembocadura do *Rio Caia*, onde o

caudal recupera o seu aspecto mais natural, com densos bosques de salgueiros onde nidificam aves como *papa-figos*, *chapim-de-mascarilha*, *rouxinol comum*, *rouxinol-bravo*, *felosa-poliglota*, *carriça*, *chapim-rabi-longo* ou *tentilhão comum*.

Os juncais, muitas vezes misturados com salgueiros, constituem outro dos habitats mais interessantes para as aves, embora com a sua densa cobertura torna-se mais fácil ouvir os seus cantos que propriamente observá-los. Durante o período reprodutor são frequentes espécies como *garça-pequena*, *frango-d'água*, *galinha-d'água*, *rouxinol-grande-dos-caniços*, *rouxinol-pequeno-dos-caniços*, *bengalim-da-Índia* ou *bico-acre comum*. No Inverno, destaca-se a presença de *pisco-de-peito-azul* e *felosa comum*. Existem vários grupos de *camão* na zona do açude. Nas águas abertas, situadas entre a **Ponte da Autonomia** e o paredão do açude, destaca-se a presença de diferentes espécies de anátidas, como *pato-real*, *pato-trombeteiro*, *frisada* ou *galeirão comum*. No Verão, coincidindo com a passagem migratória, a *águia-pesqueira* percorre as águas mais profundas, tentando capturar peixes. Outras espécies muito representativas dos troços de águas pouco profundas e ilhas que vamos encontrar sem dificuldade são *alvéola-branca*, *alvéola-cinzenta*, *maçarico-das-rochas*, *maçarico bique-bique*, *pernilongo* e *narceja comum* (no Inverno).

Também vale a pena destacar as aves que nidificam nas margens arenosas do rio, como é o caso da *andorinha-das-barreiras*, *abelharuco* ou o *guarda-rios*, dos quais algumas das colónias mais importantes se encontram nas saibreiras perto da estrada que leva ao **Rio Caia**.

Os dois miradouros situados em ambos os extremos do paredão do açude e o troço situado a jusante são, sem dúvida, as zonas de maior interesse do roteiro. Num bom dia, podemos chegar a ver mais de 15 espécies diferentes apenas no paredão do açude.

No Inverno, à medida que avança o dia, o açude converte-se num lugar de concentração de *gaivota-de-asa-escura*, juntando às vezes mais de 2000 indivíduos, acompanhadas também pelo *guincho comum*.

A **Ponte Velha** alberga uma importante colónia de *andorinha-dos-beirais* e também vários casais de *andorinhão-real* que protagonizam um espectáculo impressionante quando voam a escassa distância.



Garça-vaqueira



Fenologia do roteiro

Na **Primavera** é aconselhável visitar as zonas onde se encontram as colónias de *garças*, assim como os sotos fluviais onde os cantos de várias espécies tornam o trajecto muito mais entretido. No **Inverno** devem visitar-se os dormitórios de *corvos-marinhos* e *garças*. Qualquer época do ano é boa para ver aves nos arredores do açude.



Outros valores ambientais e culturais

A cidade de Badajoz oferece uma excelente oferta cultural que se pode compaginar com os percursos ornitológicos. Recomendamos que visite a **Alcáçova árabe** e a **Plaza Alta**, o lugar mais emblemático do centro histórico. Também se podem visitar o **Museu Extremenho e Iberoamericano de Arte Contemporânea** (MEIAC), o **Museu Arqueológico Provincial** de Badajoz ou o **Museu da Cidade "Luís de Norales"**. Percorrendo as ruas de Badajoz podem descobrir-se muitos dos seus valores patrimoniais, como os baluartes da muralha defensiva que outrora rodeava a cidade, as principais portas de entrada (**Puerta de Mérida**, **Puerta Palmas** e **Puerta Pilar**), as casas mudéjares, igrejas e conventos, os inúmeros parques e praças, etc...

Será uma boa ideia planear a visita à cidade coincidindo com as principais festas, como a **Feira de San Juan** (24 de Junho), as procissões da **Semana Santa**, a celebração dos **Carnavais** (que estão entre os mais divertidos e concorridos de Espanha) ou a comemoração da fundação de Badajoz pelos árabes, com o **Festival Al-Mossassa Batalyaws** (entre Setembro e Outubro).

Textos: Atanasio Fernández García



Barragem de Cornalvo



Localização e acessos

Este roteiro encontra-se no coração do **Parque Natural de Cornalvo**, situado entre as “Vegas” (várzeas) do Guadiana e os contrafortes das Serras de San Pedro e Montánchez. Atravessa os perímetros municipais de Mérida e Trujillanos (Badajoz).

O acesso recomendado efectua-se pela auto-estrada da Extremadura (E-90) até à localidade de **Trujillanos**, apanhando a saída 334 (sentido Madrid) ou a saída 325 (sentido Mérida). Antes de entrar em Trujillanos encontramos uma rotunda onde apanhamos a primeira saída à direita, que nos leva directamente à **Barragem de Cornalvo**.



Poupa



Descrição do roteiro

O percurso ornitológico parte do Centro de Interpretação do Parque Natural de Cornalvo, lugar de visita obrigatória onde podemos obter informação adicional sobre este espaço protegido e outros possíveis itinerários. Desde o Centro de Interpretação, depois de percorrer 7 km aproximadamente, vamos encontrar um desvio à direita que nos leva até à **represa** da Barragem de Cornalvo. Se viemos de carro, devemos estacionar antes de chegar à represa e continuar a partir daqui a pé. O trajecto percorre o perímetro da barragem, seguindo sempre por trilhos e caminhos. Vamos começar por cruzar o paredão da represa, continuando por um trilho que atravessa inicialmente um denso sobreiral e segue depois por zonas mais desarvoradas com vista para a barragem. Depois de percorrermos cerca de 2800m chegamos ao extremo da barragem, tendo completado assim quase metade do percurso, e começamos o trajecto de regresso ao ponto de partida. Desde a ponta até ao paredão da represa, o percurso faz-se por um caminho em bom estado e que segue sempre um traçado paralelo à barragem. O percurso ao longo da barragem tem uma longitude de 6800m, embora se possam fazer caminhos alternativos mais curtos, especialmente no segmento da ponta, quando o nível de água diminui.

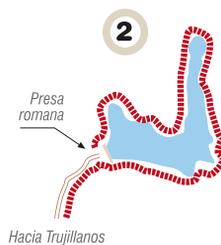
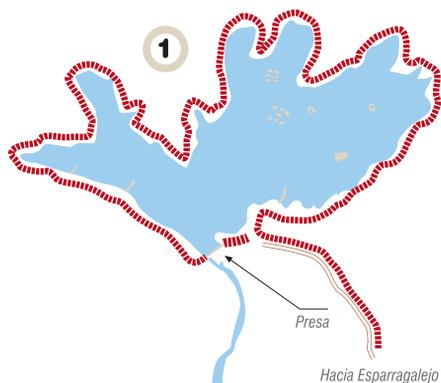


Valores ornitológicos

O Parque Natural de Cornalvo foi um dos primeiros espaços a ser declarado como Zona de Protecção Especial para Aves (ZPEA) na Extremadura, com o nome de “Barragem de Cornalvo e Serra Bermeja”.

Desde o Centro de Interpretação até à Barragem de

Esquema do roteiro e espécies nidificantes



2,5 km

Residentes

Estivais

Invernantes

Migradores de passagem

BARRAGEM DE CORNALVO

- trepadeira-azul
- trepadeira,
- bico-grossudo,
- pica-pau-malhado-pequeno

- cegonha-preta
- rouxinol
- felosa poliglota
- águia-calçada
- milhafre-preto

- ferreirinha
- dom-fafe
- pombo-torcaz
- marrequinha
- frisada

- papa-moscas cinzento
- papa-moscas preto
- rabirruivo-de-testa-branca

BARRAGEM DE LOS CANCHALES

- garça-vaqueira
- garça-real
- mergulhão-de-crista
- galeirão
- pato-real
- maçarico-das-rochas
- borrelho-pequeno-de-coleira

- andorinha-do-mar-anã
- tagaz
- pernilongo
- perdiz-do-mar
- gaivina-de-faces-brancas

- gaivota-de-asa-escura
- guincho comum
- grou comum
- arrabio
- piadeira
- ganso-bravo

- colhereiro
- pilrito-de-bico-comprido
- seixoeira
- perna-verde
- tarambola-cinzenta
- rola-do-mar
- maçarico-bastardo
- águia-pesqueira

Cornalvo, os habitats predominantes são os cultivos de cereais de sequeiro, os olivais e os montados de azinheiras desarvorados, o que torna possível observar espécies que não vamos encontrar mais à frente. A 2,3 km do princípio vamos chegar a uma ponte que atravessa o **Rio Albarregas** onde existe um denso arvoredo e vale a pena parar para observar as aves. No Verão costumam haver alguns charcos de água onde várias espécies são atraídas para beber (*toutinegras*, *chapins*, *fringílidios*, *aláudidos*). Nos cultivos de cereal e nas pastagens que se estendem desde a ponte até ao **Cortijo de Campomanes** há possibilidade de ver *tartanhão-caçador*, *peneireiro-cinzentos*, *mocho-galego*, *alcaravão*, *sisão*, *picanço-real*, *fuinha-dos-juncos* e *cotovia-escura*.

Ao chegar à represa, convém dispor de um telescópio, pois as aves aquáticas costumam estar no meio da barragem. As espécies mais frequentes são: *pato-real*, *pato-trombeteiro*, *frisada*, *arrábio*, *marrequinha comum*, *piadeira*, *galeirão comum*, *garça-real*, *garça-branca*, *mergulhão-de-crista*, *mergulhão-pequeno*, *corvo-marinho*, *gaivota-de-asa-escura*, *guincho comum* e *borrelho-pequeno-de-coleira*. Com sorte, pode ver-se a *cegonha-branca* a comer nas margens, uma das aves emblemáticas deste espaço protegido.



Bico-grossudo

Nas zonas menos profundas (ilhas, enseadas e extremo) podem ver-se várias espécies de *limícolas*, embora muito mais diversas durante a passagem migratória pós-nupcial (de Julho a Outubro), destacando-se a presença de *pernilongo*, *perna-verde-fino*, *pilrito comum*, *pilrito-de-bico-comprido* e *borrelho-pequeno-de-coleira*.

No final da represa começa um trilho que se adentra numa densa ladeira de sobreiros onde se podem observar espécies tipicamente florestais como *trepas*



Mocho-galego

deira-azul, trepadeira comum, rouxinol comum, cariça, tentilhão comum, bico-grossudo, chapim-azul, chapim-de-poupa, chapim-real, melro-preto, pombo-torcaz, gaio comum, pica-pau-malhado-grande ou pica-pau-malhado-pequeno. Nas zonas com predomínio de matagal (especialmente esteva e urze) é fácil observar as aves típicas deste tipo de vegetação, como a *toutinegra-dos-valados*, *toutinegra-do-mato* ou a *ferreirinha comum* (esta apenas no Inverno).

Quando o trilho abandona a ladeira diminui a densidade de azinheiras e sobreiros, surgindo zonas de montados que se alternam com matagais e pastagens, o que facilita a observação das aves. Nas zonas de montado destaca-se a presença de *papa-moscas cinzento*, *charneco*, *poupa*, *cotovia* ou *picanço-barreteiro*. Dispondo de maior visibilidade, podemos divisar mais facilmente os voos das rapinas que nidificam na zona (*águia-calçada*, *águia-de-asa-redonda*, *águia-cobreira* e *milhafre-preto*) e também outras espécies que procuram alimento nos montados como o *grifo*, *abutre-preto* ou inclusive a *águia-imperial*.



Fenologia do roteiro

O trajecto é interessante em qualquer época do ano, mas recomenda-se a Primavera para a observação de aves associadas ao bosque e ao montado. A barragem apresenta maior diversidade de espécies no Inverno e final do Verão.



Outros valores ambientais e culturais

Observatório da Barragem del Muelas. A cerca de 7 km do desvio que leva à Barragem de Cornalvo, seguindo a estrada asfaltada, encontra-se uma pequena represa de regulação onde existe um observatório de aves desde o qual se podem avistar numerosas espécies.

A **represa de Cornalvo** está declarada como Monumento Nacional por ser uma das obras hidráulicas da época romana que melhor se conserva.

Uma visita à cidade de **Mérida**, Património da Humanidade, é o complemento perfeito para o percurso ornitológico pelo Parque Natural de Cornalvo.



Garça-branca

Barragem de Los Canchales



Localização e acessos

A barragem de Los Canchales localiza-se na província de Badajoz, a noroeste das localidades de **La Garrovilla** e **Esparragalejo** e foi construída sobre a Ribeira de Lácara, um curso fluvial que nasce na Serra de San Pedro e desemboca na margem esquerda do Guadiana. O acesso efectua-se pela estrada EX-305 entre Montijo e La Nava de Santiago, com duas entradas, nos pontos quilométricos 8 e 13, que vão até à zona oeste da barragem. É também possível chegar às pontas da barragem apanhando um caminho que parte dos arredores de **Esparragalejo**.

Recomenda-se o acesso desde a EX-209 na sua passagem pela localidade de **La Garrovilla**, onde se encontra assinalada a pista asfaltada que leva directamente ao paredão da represa, o ponto de partida ideal para uma excursão ornitológica.



Descrição do roteiro

O roteiro começa em La Garrovilla e percorre aproximadamente 7,5 km de uma pista asfaltada que chega até ao paredão da barragem de Los Canchales. Este primeiro troço é muito interessante porque atravessa terrenos dedicados ao cultivo de sequeiro de cereal, girassol e olival. Nas proximidades da represa existem vários painéis informativos sobre as normas de visita e os itinerários a seguir.

O resto do trajecto segue ao longo de uma pista perimetral de terra de mais de 23 km de longitude construída sobre a cota de inundação máxima da barragem e que nos permite percorrê-lo integralmente.

A cerca de 80m antes de chegar   represa vamos apanhar a pista   direita, precisamente antes da zona de estacionamento e do **Centro de Interpreta o** da Confedera o Hidrográfica do Guadiana, e que desce directamente   margem. Vamos efectuar a primeira paragem depois de percorrermos cerca de 800m, ao chegar a um dique artificial que se adentra na barragem e que tem um observatório num dos extremos. Cerca de 4 km mais   frente chegamos   ponta da barragem, uma zona de águas superficiais onde ainda se podem ver os sinuosos braços da Ribera de Lácara. Quando o nível de água está muito baixo   possível seguir por um caminho que encurta notavelmente o trajecto. O roteiro continua pela margem direita da barragem, passando por duas das enseadas mais frequentadas pelas aves e situadas em frente a um grupo de ilhas artificiais. A pista afasta-se posteriormente da barragem e leva-nos momentaneamente   estrada EX-305 (Montijo-La Nava de Santiago) e devemos percorrer cerca de 1770m em direc o a Montijo até encontrarmos uma pista   esquerda que nos leva outra vez   barragem. Seguindo o caminho vamos chegar a uma pequena represa construída numa das enseadas da barragem e 600m mais   frente encontramos um

dique para observar as aves e um trilho que se pode percorrer a p  pela margem e que nos leva até uma densa ladeira de matagal e arbustos. A pista sobe por um pequeno cerro nos últimos 3 quil metros, chegando ao paredão da represa, onde finaliza o trajecto.



Valores ornitológicos

A Barragem de Los Canchales está declarada como Zona de Protec o Especial para Aves (ZPEA) e tem ainda a designa o de “Zona Húmida de Importância Internacional”. Apresenta condi oes muito favoráveis para o estabelecimento de inúmeras espécies de aves, pois dispõe de amplas superfícies de águas pouco profundas, mant m diversos tipos de vegeta o associadas   água (*juncais*, *pradarias*, *cani ais* e forma oes de *tamujo*, *freixos* e *salgueiros*) e encontra-se rodeada de montados de azinheira e grandes extensões de cultivos de sequeiro e regadio. A Confedera o Hidrográfica do Guadiana tem ainda realizado várias actua oes para favorecer a presença das aves, como a constru o de ilhas artificiais, charcos e lagoas, diques e represas de reten o de água, melhorias do habitat, etc. Durante o período reprodutor destacam-se as popula oes de aves coloniais que nidificam nas ilhas, entre as quais se encontram importantes popula oes de *perdiz-do-mar*, *tagaz*, *andorinha-do-mar-an * e *pernilongo*.

Rola-do-mar





Grouse

Também nidificam outras aves aquáticas como o *pato-real*, *frisada*, *galeirão comum*, *mergulhão pequeno*, *mergulhão-de-crista* e *guincho comum*. Existem grupos de reprodução de *gaivina-de-faces-brancas* e *negra*. Durante a passagem migratória pós-nupcial alberga numerosas espécies e grandes concentrações de aves, destacando-se a presença das limícolas, das quais é possível observar *pilrito comum*, *pilrito pequeno*, *pilrito-de-bico-comprido*, *seixoeira*, *borrelho-pequeno-de-coleira*, *perna-vermelha comum*, *perna-verde-fino*, *perna-vermelha*, *tarambola-cinzenta*, *rola-do-mar*, *maçarico-bastardo* ou *fuselo*. Nos meses estivais, as concentrações de *cegonha-branca* nas margens são espectaculares, ultrapassando os 500 exemplares. É considerada uma das zonas mais importantes para a invernada e a passagem migratória de *colheireiro*, que também chegou a criar na barragem.

No Inverno, destacam-se as populações de anátidas (*pato-real*, *arrábio*, *piadeira*, *frisada*, *pato-trombeteiro*, *zarro comum*, *marrequinha comum*, *ganso-bravo*) que superam os 10000 exemplares, as concentrações de *gaivota-de-asa-escura* e *guincho comum*, assim como a presença estável de um núcleo de invernada de *grouse*, com mais de 1500 aves cujo dormitório se encontra nas margens da barragem,

Nos sequeiros e montados dos arredores da barragem podem ver-se também espécies muito interessantes (rapinas, aves estepárias) e também é conveniente parar nas frequentes manchas de carrasco, murta e azambujeiro, pois costumam albergar passeriformes inte-

ressantes (*toutinegra-carrasqueira*, *toutinegra-real*, *felosa-poliglota*, *chasco-preto* ou *rouxinol-do-mato*).



Fenologia do roteiro

Qualquer época é aconselhável, mas deve-se ter em conta que a data da visita condicionará as espécies que vamos encontrar. Ao contrário de outros lugares, os meses estivais são muito interessantes para a observação de aves.



Outros valores ambientais e culturais

Desembocadura do Rio Aljucén. Seguindo pela EX-209 em direcção a Mérida, ao passar pela localidade de Esparragalejo, vamos encontrar o curso do Rio Aljucén, um lugar muito aconselhável para a observação de aves (*papa-ratos*, *camão comum* e *garça-imperial*). Dispõe de um observatório.

Dólmen de Lácara. A norte da Barragem de Los Canchales encontra-se este interessante sepulcro colectivo de grandes dimensões e excelente estado de conservação, que data do período Calcolítico. O acesso faz-se pela estrada EX-214 de La Nava de Santiago a Aljucén.

Textos: Atanasio Fernández García



Localização e acessos

O roteiro decorre na zona conhecida como **Zona Centro** e as **Vegas Altas dos Guadiana**, situada no centro-este da comunidade, atravessando territórios englobados nos perímetros municipais de **Obando**, **Navalvillar de Pela**, **Vegas Altas** e **Madrigalejo**, onde os antigos montados quase não conservam vestígios da primitiva e extensa superfície que ocuparam outrora, como resultado da transformação e implementação do Plano de Regadios da Zona Centro, algo que, por outro lado, motivou o aparecimento de novas espécies. O acesso ao início do roteiro efectua-se pela estrada EX-116 que liga Navalvillar de Pela ao sul, com Guadalupe ao norte. À esquerda (desde o sul), pelo caminho do canal sai o acesso à barragem de Cubilar, onde se inicia o trajecto. Até Navalvillar de Pela podemos chegar pela estrada N-430, que parte da N-V em Torrefresnada a oeste e continua até à província de Cidade Real a leste.



Descrição do roteiro

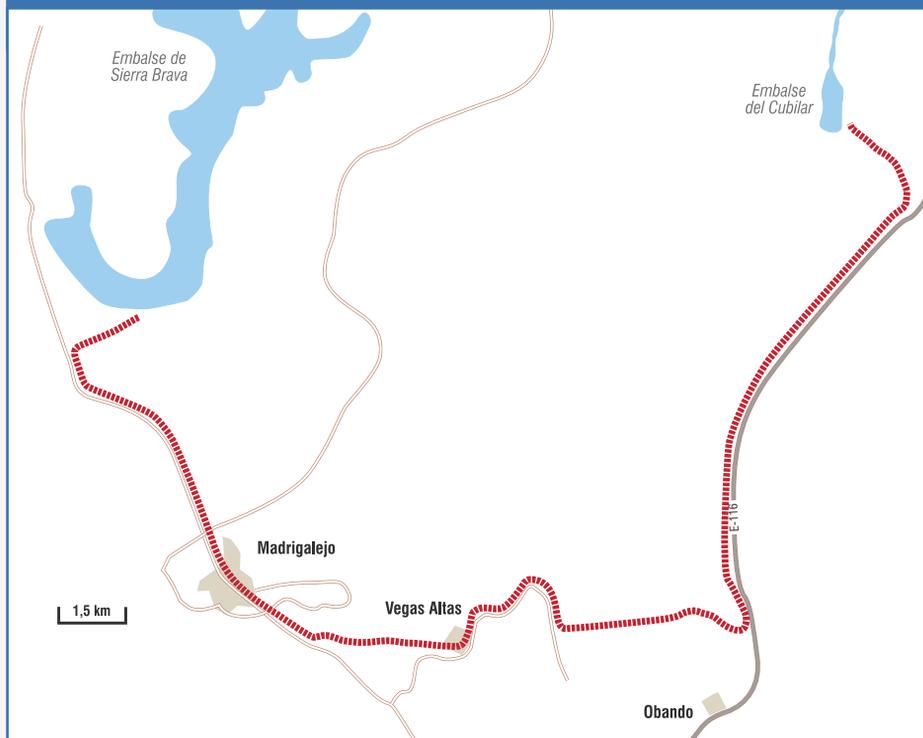
O roteiro tem 37 km desde a barragem de Cubilar à barragem de **Serra Brava**. Pode ser efectuado num único dia, de carro, com pequenos passeios, e terminar em Serra Brava, à hora de almoço, onde, depois de comer, podemos passear pelas margens até chegar ao extremo da barragem, lugar onde vamos ver mais espécies. Durante o trajecto vamos encontrar diferentes habitats, a maioria muito transformados, dedicados às actividades agrícolas e pecuárias, que ampliam o leque de espécies de aves fáceis de observar. Partimos de uma pequena barragem encaixada nos montados, percorremos dife-

rentes cultivos, como milho, trigo, cevada, pomares de fruta... e arroz, o qual merece uma atenção especial pela forma de cultivo de inundação que, ao criar uma massa de água pouco profunda, atrai inúmeras espécies limn colas e aquáticas   procura de alimento, além de servir de dormitório a grandes bandos de *grou*, *magarisco-bico-direito* ou *tartanhão-ruivo-dos-pauis* e *azulado*. Também percorremos montados, pastagens e vamos terminar numa barragem (Serra Brava), no meio de uma grande planície.

Partimos no ponto X:286357, Y:4346346 na barragem de Cubilar. Aqui vale a pena passear um pouco pelos arredores da barragem e observar desde um ponto elevado (o próprio paredão da represa   um bom observatório) com um telescópio terrestre as várias espécies de anátidas (*patos* e *gansos*), ardeidas (*garças*) e limn colas (*maçaricos*, *pilritos*, *borrelhos...*) do entorno; a maioria utiliza como dormitório nos meses invernantes, assim como um importante número de *grous*, razão pela qual o amanhecer na represa durante o Inverno pode surpreender o amante das aves.

Continuamos de carro até passar por cima do canal e no ponto X:286435, Y:4345535, viramos   esquerda, rodeando o canal. Desde aqui, se olhamos   esquerda, vemos diferentes culturas de cereais, além de contemplar desde o alto o bosque de ribeira que rodeia o Rio Cubilar e ao fundo os montados. Seguimos pela pista do canal, semeada de pinheiros-mansos que constituem a atalaia de numerosas rapinas como *gaviões*, *peneireiros-vulgares*, *peneireiros-cinzentos* e * guia-de-asa-redonda* até chegar ao ponto X:289100, Y:4344836, onde atravessa a estrada EX-116 que liga **Navalvillar de Pela** a **Guadalupe**, viramos   direita, em direc o a Navalvillar de Pela. Desde a estrada vamos ver cultivos de arroz   esquerda e montados de

Esquema do roteiro e espécies nidificantes



Residentes	Estivais	Invernantes	Migradores de passagem
<ul style="list-style-type: none"> • pato-real • frisada • pato-trombeteiro • peneireiro-cinzento • águia-de-asa-redonda • tartanhão-ruivo-dos-paús • peneireiro vulgar • abetarda • sisão • cortiçol-de-barriga-preta • ganga 	<ul style="list-style-type: none"> • cegonha-preta • águia-calçada • tartanhão-caçador • tagaz • perdiz-do-mar • abelharuco 	<ul style="list-style-type: none"> • grou comum • ganso-bravo • arrabio • magarisco-de-bico-direito • tartanhão-azulado • coruja-do-nabal 	<ul style="list-style-type: none"> • marreco • pato-branco • pato-ferrugíneo • alfaite • águia-pesqueira

pecuária à direita; no ponto X:288196, Y:4343543 encontra-se a entrada à “Dehesa de Zarzalejos”, um itinerário alternativo que poderíamos seguir para

observar *peneireiros-cinzentos*, *águas-de-asa-redonda*, *charnecos*... E durante o Inverno, grupos familiares de *grous* alimentado-se e comendo bolotas.

Mas continuamos em frente até ao ponto X:284836, Y:4338512 onde encontramos um caminho à esquerda, com um observatório ornitológico, que nos permite aceder a um um charco de rega de grande extensão, onde podemos apreciar numerosas espécies de aves aquáticas. Sob este charco nos extensos cultivos, existe, durante o Outono e Inverno, um importante dormitório de *grou*, *patos* e *tartanhões-ruivos-dos-paús*.

Continuamos até ao ponto X:284720, Y:4336634, à esquerda temos o **Centro de Interpretação Moheda Alta** (dentro do Parque Periurbano de Conservação e Ócio de 150 has.) que convém visitar e à direita, um caminho em direcção à herdade Gorbea. Apanhamos este caminho, deixando a estrada alcatroada e seguimos por um magnífico montado, testemunho do habitat que existiu antes da implementação do regadio. Depois de passar o montado, surgem cultivos de cereal de sequeiro e arrozais que servem de dormitórios invernantes a *grou*, *tartanhão-ruivo-dos-paús* e *tartanhão-azulado*. Chegamos ao ponto X:280287, Y:4335636 e viramos à direita, continuamos até deixar a povoação de **Vegas Altas** à nossa direita e chegamos ao ponto X:276936, Y:4333062 onde nos cruzamos com a estrada EX-102 e viramos à direita em direcção a **Madrigalejo**, passamos por esta localidade e continuamos pela estrada que vai até **Zorita**, mas no ponto X:269822, Y:4343274 desviamos-nos à direita e em



Bico-de-lacre

apenas 800m chegamos à barragem de Serra Brava, destino final do nosso percurso. Aqui convém fazer o caminho perimetral que sai à esquerda antes da represa e percorrer os extremos da barragem com um telescópio terrestre, onde podemos ver inúmeras espécies de aves aquáticas em grupos muito numerosos.



Valores ornitológicos

A espécie mais representativa talvez seja o *grou* (durante o Outono e Inverno); podem ver-se mais de 30000 aves nos diferentes dormitórios e encontrar muitas delas anilhadas, pelo que é possível efectuar a leitura daquelas que dispõem de um código de cores. Outras espécies que se destacam durante a invernada, pelo seu número em charcos e barragens, são os *gansos-bravos*, diferentes espécies de patos como o *arrábio*, *frisada*, *pato-trombeteiro*, *pato-bico-vermelho*, *zarro comum*, *zarro-negrinha*, *marrequinha comum* ou outras espécies de aquáticas como o *mergulhão-de-crista*, *mergulhão pequeno* e *mergulhão-de-pescoço-preto*, nos arrozais aparecem a *narceja comum* e limícolas como *magarisco-bico-direito*, *borrelho-grande-de-coleira*, *pernilongo*, *tarambola*, os *pilritos pequeno* e *comum*, *maçarico bique-bique* ou *maçarico-bastardo*. Entre as rapinas invernantes destaca-se, pelo seu número, o *milhafre-real*, *esmerilhão* e a *coruja-do-nabal*, sendo possível encontrar *açores* e *gaviões* de cores mais claras e maiores, como acontece com a *águia-de-asa-redonda* que vê o seu número aumentar durante a invernada com a chegada de indivíduos nortenhos. Como curiosidade, várias *cegonhas-pretas* permanecem na zona durante toda a invernada, sem viajar até aos territórios subsarianos mais cálidos.

Coruja-do-nabal



Como reprodutores, salientam-se o *peneireiro-cinzento*, a *tagaz* (Serra Brava), a *perdiz-do-mar comum*, o *tartanhão-caçador*, o *bengalim-da-Índia*, o *bico-de-lacre*, o *chameco*, o *peneireiro-vulgar*, o *francelho*... Nas planícies que rodeiam a barragem de Serra Brava é possível divisar espécies tipicamente estepárias, como a *abetarda*, o *sisão*, o *alcaravão*, o *cortiçol-de-barriga-preta* ou a *ganga*.

De passagem, aparecem espécies “raras” noutros lugares, como é o caso do *pisco-de-peito-azul*, o *marreco*, o *alfaiate*, o *pato-branco* ou a *pêrra*.

Outras espécies foram avistadas na zona, como o *ganso-grande-de-testa-branca*, o *ganso-campestre*, o *papa-ratos*, a *gaivina-de-faces-brancas*, a *garça-branca-grande*, a *íbis*, o *maçarico-real* ou a *águia-pesqueira*.



Fenologia do roteiro

Este roteiro pode efectuar-se em qualquer época do ano, pois existem numerosas espécies de interesse na zona. Contudo, durante o Outono e Inverno, o elevado número de aves como o *grou* (a maior densidade da Península ao longo de toda a invernada), os *gansos-bravos*, o *magarisco-de-bico-vermelho*, o *abibe sociável*... farão as delícias de qualquer amante da ornitologia, praticamente sem qualquer esforço nem necessidade de nos

afastarmos do itinerário e com escasso material óptico. A Primavera também é uma época agraciada, pois além das espécies nidificantes que virão à zona, aparecem várias espécies “de passagem” até meados de Abril.



Outros valores ambientais e culturais

Azinheira “El Convenio” destaca-se pela sua altura entre as demais deste montado. Lamentavelmente, acabou por secar. Sob a sua copa foi realizado o convênio de venda e divisão da herdade Gorbea. Os conselhos ganadeiros eram realizados antigamente debaixo dos seus ramos.

Serapias perez-chiscanoi fácil de encontrar nos arredores do Centro de Interpretação Moheda Alta, é uma espécie catalogada Em Perigo de Extinção no Catálogo Regional de Espécies Ameaçadas da Extremadura, descoberta pelo farmacêutico extremeño José Luís Pérez Chiscano.

Outras orquídeas nas proximidades aparecem outras espécies do género *serapias*, a *Serapias lingua*, *S. vomeracea* e outros géneros como *Orphys tenthredinifera*, *O. conica*, *Orchis morio*...

Textos: Juan Pablo Prieto Clemente

Abelharuco





Localização e acessos

A **Barragem de Orellana** é o último das três grandes barragens que regulam o Rio Guadiana na sua entrada na Extremadura e encontra-se entre as comarcas de Badajoz de **La Serena** e **Vegas Altas** do Guadiana. A paisagem está dominada pelas águas mansas da barragem, flanqueadas por serras de altura mediana (Serra de Pela, 274m; Serra del Castillo, 697m) que sobressaem sobre grandes extensões de montados, pastagens e cultivos de sequeiro.

A principal via de acesso é através da **N-430**, que permite chegar às localidades **Orellana la Vieja** (apanhando a BA-105), **Navalvillar de Pela** e **Casas de Don Pedro**, onde vamos encontrar fácil comunicação com **Talarrubias** e **Puebla de Alcocer** através das estrada EX-105, EX-103 e BA-137.



Descrição do roteiro

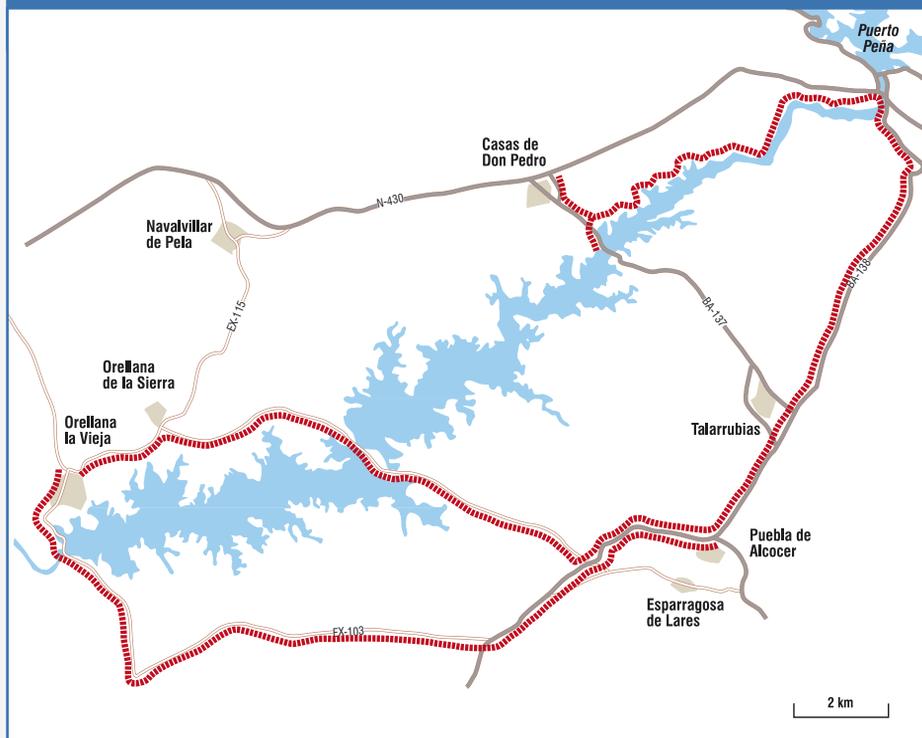
Troço 1. Casas de Don Pedro-Puerto Peña. O roteiro começa na localidade de Casas de Don Pedro, onde apanhamos a estrada BA-137 que rodeia a povoação a leste e continuamos em direcção a Talarrubias. A apenas um quilómetro depois de termos passado as últimas casas da localidade vamos encontrar um cruzamento com uma estrada asfaltada que segue paralela ao Canal de las Dehesas. Podemos desviar-nos uns minutos e virar à direita no cruzamento até chegarmos ao Açude de Casas de Don Pedro, um lugar interessante para observar aves aquáticas. Para chegar aí devemos conduzir pelo caminho de serviço do canal durante cerca de 2250m até encontrarmos à esquerda um caminho de terra (em frente a uma das comportas

de regulação) que desce até ao açude, embora seja recomendável deixar o carro no canal e descer a pé os 500m até à margem, evitando assim espantar as aves. Vamos regressar depois outra vez ao cruzamento com a BA-137 e seguimos pelo caminho de serviço do canal ao longo de mais de 15 km, até chegarmos a um cruzamento que nos permite voltar à N-430 ou ao Parque de Campismo “Puerto Peña”. Ao lado do Parque de Campismo encontra-se o Centro de Interpretação da Fauna Rupícola de Puerto Peña, com painéis informativos interessantes e câmaras de controle remoto para observar as aves dos rochedos. Vamos continuar o trajecto deixando o Canal de las Dehesas e seguindo em direcção a Valdecaballeros por uma estrada que atravessa debaixo da N-430. Chegaremos imediatamente ao “Miradouro de Puerto Peña”, uma paragem obrigatória para observar as aves dos rochedos de Puerto Peña.

Troço 2. Puerto Peña-Puebla de Alcocer. Depois do miradouro vamos seguir em direcção a Peloché-Herrera del Duque, atravessando o paredão da represa de García Sola; 200m mais à frente apanhamos um desvio à direita pela estrada BA-138 em direcção a Talarrubias. Sem entrar na povoação, vamos continuar até nos incorporarmos na EX-103 em direcção a Puebla de Alcocer. Nos arredores de Puebla de Alcocer e à esquerda da estrada (800m depois da bomba de gasolina) encontram-se as ruínas do Convento de Nossa Senhora de la Asunción, que alberga uma espectacular colónia de *francelhos*. Também podemos percorrer as ruas da localidade e subir até ao castelo, onde é possível ver várias aves.

Troço 3. Puebla de Alcocer-Cogulludo-Orellana la Vieja. Continuando pela EX-103, em direcção a Orellana la Vieja e Castuera, a cerca de 3,8 km de Puebla de

Esquema do roteiro e espécies nidificantes



Residentes	Estivais	Invernantes	Migradores de passagem
<ul style="list-style-type: none"> • abetarda • sisão • águia-perdigueira • águia-real • grifo • calhandra 	<ul style="list-style-type: none"> • cegonha-preta • abutre-do-Egipto • francelho • tartanhão-caçador • rolieiro • andorinha-do-mar-anã 	<ul style="list-style-type: none"> • petinha • marrequinha • piadeira • negrinha • mergulhão-pescoço-preto • gaivota-de-asa-escura 	<ul style="list-style-type: none"> • chasco-cinzeno • chasco-ruivo • águia-pesqueira

Alcocer vamos encontrar um caminho de terra em bom estado que sai do lado direito, pouco depois de passar o cruzamento a Esparragosa de Lares. Seguimos pelo caminho sem nunca nos desviarmos, e ao cabo de uns 12 km chegamos ao lugar de Cogolludo onde uma ponte atravessa a Barragem de Orellana. Continuamos depois durante 8 km até chegar à estrada que liga Navalvillar de Pela com Orellana la Vieja /EX-115), virando à esquerda até chegar a esta última localidade.

Troço 4. Orellana la Vieja-Puebla de Alcocer. Desde Orellana la Vieja apanhamos a EX-115 em direcção a Campanario e La Coronada, passando pelo paredão da represa da Barragem de Orellana e depois de percorrer uns 5 km vamos chegar ao cruzamento com a EX-103, que nos leva directamente a Puebla de Alcocer. Se quisermos, também podemos fazer o mesmo percurso seguindo por uma via pecuária paralela à EX-103 e que parte do mesmo cruzamento.



Valores ornitológicos

Todos os roteiros propostos encontram-se dentro da Zona de Protecção Especial para as Aves (ZPEA) “**Barragem de Orellana e Serra de Pela**” que foi um dos primeiros lugares na Extremadura a contar com esta denominação. A Barragem de Orellana foi também incluída na Lista de Zonas Húmidas de Importância Internacional do Convénio de Ramsar devido à importância dos seus habitats e das espécies aí presentes. No primeiro troço do trajecto vale a pena visitar o açude de **Casas de Don Pedro**, onde se podem concentrar durante o Verão e Inverno grandes populações de aves aquáticas, em particular anátidas. Existem ilhas artificiais para a nidificação de espécies coloniais e na Primavera podemos encontrar nesta zona *andorinha-do-mar-anã*, *tagaz*, *pernilongo*, *perdiz-do-mar comum* ou *borrelho-pequeno-de-coleira*. É de salientar também a nidificação da *frisada*. O trajecto pelo canal de montados até **Puerto Peña** atravessa principalmente zonas de montado e pastagens, onde ocorrem espécies representativas como *peneireiro-cinzento*, *águia-de-asa-redonda*, *águia-perdigueira*, *águia-calçada*, *milhafre-preto*, *grou-comum*, *charneco*, *poupa*, *picanço-barreteiro*, *cotovia-escura*, etc. Desde a estrada do canal vamos ter constantemente uma excelente vista da Barragem de Orellana, incluindo o troço da ponta (que se assemelha a um rio quando o nível de água é baixo) e algumas enseadas interessantes. É aconselhável efectuar algumas paragens em lugares com boa visibilidade e tentar localizar as aves com telescópio, principalmente anátidas e ardeidas, assim como as espécies coloniais que nidificam nas ilhas. A cerca de 5 km antes de chegar ao Parque de Campismo

Puerto Peña



Grifo comum

encontra-se uma enorme colónia de *garças* que alberga mais de 2000 casais, na qual nidificam *garça-vaqueira*, *garça-branca*, *goraz*, *garça-real*, *papa-ratos* (confirmada apenas em alguns anos) e *cegonha-branca*. A colónia situa-se numa grande ilha coberta de tamargueiras, onde também se podem ver *borrelho-pequeno-de-coleira*, *guincho comum*, *tagaz* e *andorinha-do-mar-anã*. É possível chegar até à margem da barragem por um caminho sinalizado pelos proprietários da herdade. Quando o nível da água baixa em finais do Verão, podem observar-se nesta zona da barragem concentrações pós-nupciais de *cegonha-preta*, às vezes ultrapassando os 100 exemplares.

Este primeiro troço termina no observatório de Puerto Peña, um dos enclaves mais espectaculares da Extremadura para a observação de aves. Trata-se do único lugar onde nidificam até 4 casais de *cegonha-preta* no mesmo rochedo, estando ainda acompanhadas por outras rapinas como *águia-perdigueira*, *grifo*, (mais de 20 casais), *abutre-do-Egipto*, *falcão-peregrino* e *peneireiro vulgar*. Podem ainda ver-se outras espécies características dos rochedos, como *chasco-preto*, *melro-azul*, *andorinhão-real*, *andorinha-das-rochas*, *corvo* ou *gralha-de-bico-vermelho*. Há também um grupo invernal de *frepadeira-dos-muros* nesta serra e a presença de *ferreirinha-serrana* parece ser mais regular neste período. O pouco tráfego no segundo troço do roteiro vai-nos permitir apreciar o trajecto sossegado até chegar a **Talarrubias** passando por diversos habitats (montados, olivais, pastagens) e deixando atrás os rochedos de Puerto Peña e Serra de Golondrinos. Um dos pontos de visita obrigatória é a colónia de *francelhos* que existe nas ruínas do **Convento de Nossa Senhora de la Asunción**, que alberga mais de 40 casais e onde é possível observar estas rapinas. Também nidificam no mesmo edifício *cegonha-branca*, *mocho-galego*, *coruja-das-torres* e *andorinhão-pálido*. Para completar o trajecto, podemos subir ao castelo de **Puebla de Al-**



Guincho comum

cocer, onde temos a hipótese de ver numerosas aves rupícolas, além de uma vista impressionante sobre as comarcas de La Serena e La Siberia.

Na terceira parte do trajecto vamos abandonar a estrada para circular por um caminho tranquilo que atravessa pastagens e montados até chegar a **Cogolludo**, um curioso lugar onde duas serras apertam o caudal do Rio Guadiana e uma ponte liga ambas margens. As serras, cobertas por uma densa vegetação de azinheiras, sobreiros, zambujeiros e medronheiros, estão coroadas por rochedos de quartzita onde nidificam *bufo-real*, *abutre-do-Egipto*, *cegonha-preta*, *águia-real* e *águia-perdigueira*. Há também uma pequena colónia de *gralhas-de-bico-vermelho*, que costumam estar acompanhadas de *gralhas-de-nuca-cinzenta*. A *andorinha-dos-beirais* tem uma grande colónia nos arcos da ponte de Cogolludo, mas também nidifica nos penhascos perto das *andorinhas-dos-rochas*. Da ponte temos uma vista excelente para a barragem e aves. No Inverno ocorrem várias anátidas (*pato-real*, *pato-trombeteiro*, *frisada*, *arrábio*, *piadeira*, *marrequinha comum*, *ganso-bravo*, *zarro comum*, *zarro-negrinha*, *pato-de-bico-vermelho*), grandes bandos de *galeirão comum*, *mergulhão-de-crista*, *mergulhão-pequeno* e *mergulhão-de-pescoço-preto* (muito abundante). Existem importantes dormitórios de *corvo-marinho*, *gai-vota-de-asa-escura* e *guincho comum*.

O último troço é o melhor para a observação de aves estepárias, pois a maior parte do trajecto pela EX-103 atravessa zonas de pastagens naturais e cultivos de cereal. Durante o período reprodutor podemos observar facilmente aves tão emblemáticas como a *abetarda* (com a possibilidade de avistar exemplares luzindo a sua plumagem nupcial), *sisão*, *francelho* ou *tartanhão-caçador*, este último com uma importante colónia de criação que se pode ver desde a estrada. Também é fácil avistar o *rolieiro* (frequente nos postes de electricidade), *poupa*, *mocho-galego*, *alcarvão* e,

com um pouco mais de tempo, *ganga* e *perdiz-do-mar*. Nas pastagens são muito abundantes a *calhandra*, *cotovia-escura*, *fuínha-dos-juncos*, *trigueirão* e *pardal-espanhol*. No Inverno, destaca-se a presença de *tarambola dourada*, *abibe*, *petinha comum* e *alvéola-branca* nestas mesmas pastagens.



Fenologia do roteiro

A melhor época para as zonas estepárias e rochedos é a Primavera, já que a maior parte da avifauna é de carácter estival e não ocorre no Inverno. Contudo, a barragem alberga mais espécies e em maior número, tanto no período de passagem migratória pós-nupcial como no Inverno, destacando-se as concentrações de anátidas durante o período de muda.



Outros valores ambientais e culturais

Entre as festas populares, a mais conhecida é “**La Encamisá**” de Navalvillar de Pela, em honra de San Antón Abad, que se celebra anualmente a 16 de Janeiro. Ao cair da noite, centenas de cavalos sumptuosamente adornados percorrem as ruas da povoação, entre fogueiras e uma multidão de gente, habitantes e visitantes. A festa está declarada de Interesse Turístico Regional. Nas imediações de Cogolludo encontram-se as ruínas da antiga cidade de **Lacimurga Constantia Iulia**, um assentamento romano de carácter suburbano e rural, que vale a pena visitar com atenção. São muito interessantes as **pinturas rupestres esquemáticas** na herdade “Hoyo de Pela”, no perímetro municipal de Orellana la Vieja.

Textos: Atanasio Fernández García



Localização e acessos

Este itinerário tem como núcleos de referência La Albuera e Valverde de Leganés, ambos muito próximos da capital de província, Badajoz. Como melhor acesso à zona, recomenda-se a N-432 (Badajoz-Granada), que se pode apanhar em direcção a La Albuera, quer na própria cidade de Badajoz, a norte, quer em Zafra, vindo da auto-estrada A-66 a sul.

Folhas 1:50.000 números 801 e 802 do IGN.



Descrição do roteiro

A proposta de percurso ornitológico está composta em duas partes, considerando a diferente localização geográfica e, sobretudo, as características ecológicas que definem as mesmas (lagoas e planícies estepárias, respectivamente). **Lagoas de La Albuera:** Este complexo de zonas húmidas naturais de carácter endorreico constitui a melhor representação deste tipo de habitats (lagoas temporárias mediterrâneas) na Extremadura. O espaço natural designado como “Complexo Lagunar de La Albuera”, constituído por uma séries de lagoas e pântanos temporários de carácter mediterrâneo (Lagoas Grande, Llana, Marciega, Chica, del Burro, del Carril, entre outras de menor importância), pequenas superfícies de habitats estepários salinos, e montados desarvorados de azinheiras, encontra-se declarado como Lugar de Importância Comunitária (LIC), assim como Zona de Importância Internacional para a Avifauna aquática (Área Ramsar). Ao lado das planícies agrícolas entre esta localidade, Badajoz e Valverde de Leganés (ver depois) forma também parte da ZPEA “Planícies e Complexo Lagunar de La Albuera”. O percurso ornitológico de acesso

ao Complexo lagunar tem o seu início na localidade de La Albuera e pode efectuar-se em meio dia, uma parte de carro e outra pedestre. Desde esta localidade, deve apanhar a própria N-432 em sentido sul, direcção Zafra, e cerca de 6 km mais à frente, no ponto quilométrico 29,400 (neste ponto encontra-se um painel informativo do Espaço Natural; 29S-694770-428368) entrar num pequeno caminho de terra no lado esquerdo da estrada. Deixe o carro perto da estrada e percorra a pé os cerca de 2 km que nos vão levar em linha recta ao núcleo central do complexo lagunar formado pelas lagoas de Marciega, Grande e Llana, todas elas localizadas entre as azinheiras da Dehesa del Caballo. De regresso ao carro, e a uns 100m da estrada, apanhe à esquerda outro caminho que nos leva à Lagoa Chica depois de percorrido 1 km e passando pelo Cortijo de las Nateras Altas. Para chegar à Lagoa del Burro, zona húmida muito superficial, apanhamos o caminho designado na cartografia como Carril de las Vacas, o qual, perpendicular à própria N-432 e no mesmo sentido que o anterior, parte no ponto quilométrico 27,300 (29S-693025-428479); deixando o carro ao pé da estrada, e depois de percorrer a pé 1,7 km, encontramos a referida lagoa à direita. As outras lagoas do sistema lagunar encontram-se junto à N-432, nos pontos quilométricos 31,500 (Lagoa del carril) e 33,000 (lagoa de la Gitana). **Planícies estepárias de La Albuera-Valverde de Leganés:** o itinerário ornitológico aqui proposto (20 km) para atravessar estas planícies agrícolas ou pseudo-estepes, com uma duração de meio dia (de carro e a pé), compreende, em largos traços, a estrada que une as localidades de La Albuera e Valverde de Leganés (BA- 006, 15 km). Assim sendo, uma vez que se encontre na primeira das localidades e depois de atravessar a mesma pela antiga travessia da N-432 que atra-

Esquema do roteiro e espécies nidificantes



Residentes	Estivais	Invernantes	Migradores de passagem
<ul style="list-style-type: none"> • abetarda • sisão • cortiçol-de-barriga-preta • alcaravão • peneireiro-cinzento • mergulhão-de-crista • mergulhão-pequeno 	<ul style="list-style-type: none"> • tartanhão-caçador • francelho, rolieiro • toutinegra-real • pernilongo • gaivina-de-faces-brancas 	<ul style="list-style-type: none"> • grou-comum • tartanhão-caçador • tarambola-dourada • anátidas 	<ul style="list-style-type: none"> • colheiro • marreco • limícolas

vessa a povoação, encontra-se à esquerda a referida via interurbana local, ao lado do silo de cereais. Desde este ponto do núcleo urbano e depois de percorrer 5,700 km, ao chegar a uma quinta ou curral de porcos que fica a 200m no lado direito da estrada, apanhar (a pé, deixando o carro junto à estrada) o chamado Carril del Conde, respectivamente à direita e esquerda da mesma (29S-683726-428685). Pela direita, esta via pecuária leva-nos à zona denominada de **El Adobal**, uma magnífica representação do típico sistema agrícola que domina este Espaço Natural, entre cultivos de sequeiro (vinhas, cereais) e regadio (alfafa, girassol, etc). Recomenda-se percorrer uns 3-3,5 km até um grande charco de rega à direita do caminho (Charca de El Adobal), muito perto do cruzamento com o Carril de las Lanas. À esquerda da estrada, por outro lado, o caminho

leva-nos ao lugar chamado El Campillo-Valdesevilla (2 km). Depois de completados estes percursos pedestres, apanhe outra vez a estrada em direcção a Valverde de Leganés; depois de percorrer 3,2km e de uma grande curva à esquerda. Aparece um novo caminho (29S-680654-428723) que nos leva a uma herdade semi-ruinada (Cortijo de la Campana, a uns 250m da estrada). Ao longo deste caminho pode também efectuar um percurso pedestre, apreciando o habitat estepário característico da comarca. Voltando à estrada, siga novamente em direcção a Valverde de Leganés (fim do itinerário, 6,5 km) efectuando, opcionalmente, alguma paragem ou outro passeio, se assim o desejar.



Valores ornitológicos

Lagoas de La Albuera: A comunidade de aves aquáticas que ocupa este conjunto de zonas húmidas ao longo de um ciclo anual, segregando-se fenologicamente diferentes comunidades e/ou espécies (residentes, estivais, invernantes ou migradores de passagem) é catalogada como de elevada diversidade e importância em conservação. No total foram inventariadas mais de 150 espécies de aves, o que demonstra o valor deste sistema de zonas húmidas. Durante o período primaveril ou reprodutor, as aves mais representativas e nidificantes na zona são *mergulhão-de-crista*, *mergulhão-pequeno*, *galeirão comum*, *frisada* e *pato-real*. Destaca-se a comunidade de limícolas reprodutoras, composta por espécies como o *pernilongo*, *gaivina-de-faces-brancas*, *perdiz-do-mar* e *abibe* (sendo esta área uma das escassas localidades reprodutoras da espécie na região). O *tartanhão-ruivo-dos-pauis* também se reproduz na lagoa alguns anos. Durante a invernada, destacam-se as importantes populações de diferentes espécies de anátidas (*ganso comum*, *marrequinha comum*, *arrábio*, *pato-trombeiteiro*, *piadeira*, *pato-de-bico-vermelho* ou *zarro* comum, reprodutor nalguns anos). A área constitui também um núcleo tradicional de invernada e alimentação de *grou-comum* (mais de 1000 indivíduos) que utilizam a Lagoa Grande como dormitório. Quanto aos migradores de passagem destaca-se a presença de alguns bandos de *colhereiro*, *cegonha preta e branca*, *marreco*



Tartanhão-caçador

e espécies de limícolas (*maçaricos*, *pernas-verde e vermelha*, *combatentes*, *pilritos*). Nos montados de azinheira dos arredores das lagoas são frequentes como espécies reprodutoras *taxa* o *peneireiro-cinzento*, a *águia-calçada*, *águia-de-asa-redonda*, *charneco*, *toutinegra-real*, *poupa*, entre muitas outras espécies orníticas.

Planícies de La Albuera-Valverde de Leganés: O sistema agrícola pseudo-estepário com que nos vamos agora ocupar é uma das melhores representações deste tipo de meio na Extremadura, apesar da sua reduzida extensão superficial, avistando-se a maioria das espécies de “aves estepárias”. Destaca-se a presença como reprodutores de *abetardas* (250 exemplares na Primavera e mais de 1000 na invernada), *sisão*, *cortiçol-de-barriga-preta*, *alcaravão*, *rolieiro*, *tartanhão-caçador*, *francelho*, *calhandra* ou *calhandrinha*). Durante a invernada, a zona alberga também contingentes invernantes de *tartanhão-azulado*, *esmerilhão* (com interessantes dormitórios comunitários), *abibe*, *tarambola-dourada*, *cotovia*, *petinha-dos-campos*, entre outras espécies. Nos poucos retalhos de montados e azinheiras dispersos que ainda existem na zona existe uma abundante população reprodutora de *peneireiro-cinzento* (uma das melhores da região, 10-15 casais); reproduz-se também nestes montados cultivados o *bufo-pequeno*.

Abetarda



Fenologia do roteiro

Este roteiro pode efectuar-se em qualquer época do ano, com excepção, talvez, do tórrido Verão. Não obstante, recomenda-se quer na Primavera (Março-Maio), quer no Inverno (Dezembro-Fevereiro). Deve-se ter em

conta, contudo, que durante este último período, o estado dos caminhos é, em geral, muito deficiente, devido ao carácter argiloso do terreno, com barro e água. Desta forma, convém salientar que as lagoas apenas se mantêm com água durante o período chuvoso, nos anos hidrológicos normais, com abundantes chuvas no Outono e Primavera; caso contrário, permanecem totalmente secas durante todo o ano.



Ganga fêmea bebendo



Outros valores ambientais e culturais

Valores ambientais. A **Ribeira de Nogales-Los Limonetes**, que atravessa a ZPEA, encontra-se declarada como LIC pela importância da sua ictiofauna autóctone e o bom estado de conservação das galerias ribeirinhas (freixos, loendros, tamujos). As serras próximas (**Serras de Alor, Monsalud, María Nadrés**, etc.) de carácter calcário, albergam endemismos botânicos e ricas comunidades de orquídeas. Na estrada de Valverde de Leganés a Badajoz encontra-se um interessante **bosque misto de azinheira, sobreiro e pinheiro-manso**, com fauna ornitológica abundante e valiosa (cegonhas, milhafres, águias-calçadas, bufos-pequenos, corujas-do-mato). O **aterro de Badajoz**, na

referida estrada, é outra zona com grande abundância e diversidade de aves, sendo possível visitá-la.

Valores Histórico-culturais. Vale a pena visitar os centros históricos de **Badajoz** (alcáçova árabe, muralhas, ponte medieval, catedral, igrejas, casco antigo, museus), **Olivença** (ponte da Ajuda, fortaleza, quartéis, igrejas, arquitectura popular e religiosa portuguesa, museu etnográfico) e **Zafra** (castelo-palácio, conventos, praças, arquitectura popular). Em Valverde de Leganés e Barcarrota existe grande abundância de **monumentos megalíticos** (dólmenes e menires) com folhetos informativos editados pelas respectivas câmaras municipais para facilitar a visita.

Textos: Casimiro Corbacho Amado

Fim de tarde nas lagoas de La Albuera





Localização e acessos

Este roteiro localiza-se no centro da província de Badajoz e as localidades de referência são Almendralejo, Alange, Oliva de Mérida e Hornachos. Os acessos são vários e fáceis: tanto a auto-estrada A-5 Madrid-Badajoz (E-90) como a auto-estrada Vía de la Plata (A-66) levamos facilmente à zona. Folhas 803, 804 e 830 do IGN.

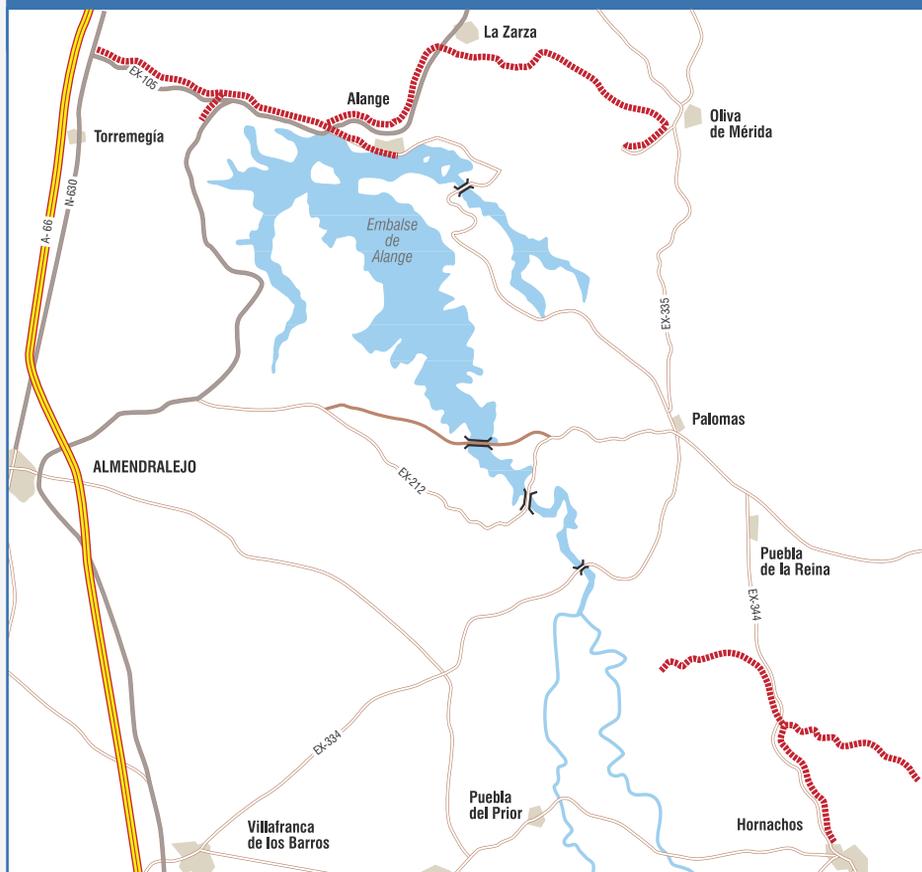


Descrição do roteiro

O trajecto sugerido é longo, devido à dispersão dos lugares de interesse ornitológico e enlaces necessários que os ligam; foi desenhado para ser efectuado em carro, com pequenos percursos a pé, em dois dias completos. Pode iniciar-se com uma visita à “**Igreja de la Purificación de Almendralejo**”, um edifício religioso declarado ZPEA por albergar uma importante colónia de *francelhos* (+100 casais). Depois, seguimos caminho pela histórica Vía de la Plata, sentido Mérida, atravessando a fértil planície de Tierra de Barros, entre vinhas e olivais. 2,5 km depois da localidade de Torremejía, e antes do Puerto de Sevilla que divide a serra, vamos desviar-nos à direita (EX-105: Alange-Don Benito). Vamos encontrar-nos já no sopé de algumas serranias que formam o Espaço Natural a visitar, a **ZPEA da “Barragem de Alange e Serras Centrais de Badajoz”**. Mais concretamente, rodeamos a soalheira **Serra Gragera (Grande e Chica)**, coberta por densos matagais termófilos (lentiscos, zambujeiros, estevas, etc.) deixando atrás a **Serra Moneda**. Pouco depois de superar esta serra, a pouco mais de 4 km do início desta estrada, vamos chegar a um cruzamento onde viramos à direita, em direcção a Almendralejo, embora paremos a

500m, onde vamos encontrar no lado direito, junto à estrada, a **Lagoa de Melchor Gómez**, antes de um enorme parque solar. Esta pequena zona húmida coberta de vegetação aquática (*Scirpus*, *Eleocharis*, *Juncus*) apenas apresenta água depois de invernos muito chuvosos. Seguimos depois pela estrada anterior, alcançando o paredão da represa da **Barragem de Alange** a uns escassos 4 km mais à frente; atravessamos este paredão e estacionamos no parque do lado direito, por debaixo das escarpas do **Cerro del Castillo de Alange** (a este ponto pode chegar-se também directamente e facilmente desde Mérida, pela estrada EX-089 Mérida-Alange). Aqui, óptimo lugar de observação ornitológica, recomenda-se efectuar o percurso pedestre do castelo até **Alange** (2 km). Neste trajecto, com magníficas vistas para a massa de água da barragem, podemos parar numa **Jazida Arqueológica** do período Calcolítico, situada na mesma calçada. É também idóneo um passeio ornitológico pela estrada do paredão da represa. Seguimos depois caminho pela mesma EX-105, em direcção a **La Zarza** (6 km), depois de contornar o Castelo pela sua umbria e deixando à direita os contrafortes da Serra de Peñas Blancas, cujo extremo oposto será o nosso destino. Precisamente antes de chegar a La Zarza, depois de cruzar o Arroio de la Calera, seguimos pela estrada de circunvalação à direita (ZA-30) durante 1,9 km e no ponto mais alto da mesma (29S-742435-430013), ao lado de um desvio asfaltado para a povoação, apanhamos outra vez à direita o chamado Camino Juan Bueno (“Janbueno”), que nos leva às **Minas de Tierrablanca** de La Zapatera (caulim ou ardósia sercítica utilizada para branquear as paredes), num percurso onde podemos apreciar magníficas vistas da **Serra de Peñas Blancas**, coberta de olivais alinhadas e amendoeiras, solo rochoso e penhascos

Esquema do roteiro e espécies nidificantes



Residentes

- grifo
- águia-perdigueira
- águia-real
- bufo-real
- melro-azul
- chasco-preto
- cia

Estivais

- abutre-do-Egipto
- andorinhão-real
- chasco-ruivo
- gaivina-de-faces-brancas
- pernilongo

Invernantes

- ferreirinha-serrana
- grou-comum
- corvo-marinho
- gaivota-de-asa-escura
- guincho

Migradores de passagem

- colhereiro

quartzíticos. Uma vez chegados a Las Minas, um enorme socavão mineiro a céu aberto, encontramos um par de caminhos à direita (29S-743796-429979), mas vamos continuar pelo principal (à esquerda), sem nos

desviarmos, passando pelas terraplanagens da exploração. Depois de superarmos estes e a própria mina, ao mesmo tempo que descemos em frente à Cueva de la Zapatera na **Serra de Juan Bueno**, seguimos pelo

mesmo caminho, (agora mais estreito) durante uns 400m até chegarmos a uma pista de terra em bom estado (29S-74488-430019). Nessa pista viramos à direita e seguimos até **Oliva de Mérida** (6 km), sempre com a serra, muito degradada pelas repovoações florestais de Eucalipto, ao nosso lado esquerdo. Chegamos a uma estrada, à saída da localidade, com a **antiga Ermida del Espíritu Santo**, em ruínas, à nossa frente, sede de uma bonita colónia de *francelhos*. Seguimos agora à direita, em direcção a Palomas (EX-335), paralelos à **Cañada Real Leonesa Occidental**; 20 km depois apanhamos o desvio pelo traçado da antiga estrada, atravessando Arroio Higuereja e parando debaixo dos penhascos de **Serra Utrera** (“*abutreira*”), na área de repouso. Como o próprio nome indica, a serra alberga uma grande colónia de *abutres*, além de outras grandes rapinas (ver depois). Depois de uma merecida paragem de observação ornitológica, continuamos o caminho para Palomas (10 km), em direcção ao nosso destino: a Serra de Hornachos (25 km). Opcionalmente, podemos fazer uma breve incursão pela zona soalheira, coberta de magníficos zambujeiros termófilos entre rochedos; para isso, depois de passarmos o **Puerto Palomas** e deixar atrás a Ermida de San Isidro, aparece a pouca distância (200m) à nossa direita um caminho onde vamos encontrar perspectivas espectaculares e visivelmente diferentes da Serra de Peñas Blancas. De regresso à estrada, chegamos a Palomas e vamos em direcção a Puebla de la Reina (EX-210); depois desta, seguimos até Hornachos (EX-344). O Espaço Natural

“**Serra Grande de Hornachos**” (ZPEA, LIC e ZIR), destino ornitológico de grande magnitude, alberga uma excepcional riqueza avifaunística. Propomos dois itinerários a pé, que têm como objectivo as duas serranias que formam esta maravilhosa serra: Serra de Pinos e Serra Grande. Situando-nos em Hornachos, na parte baixa da povoação, junto a um pilar no cruzamento de várias estradas, apanhamos a EX-344, sentido Puebla de la Reina; depois de percorrer 2,8 km seguimos pela pista do lado direito (29S-75382-427412), a qual se encontra 100m mais à frente da entrada (à nossa esquerda) da Ermida de San Isidro. No acesso encontramos um painel informativo. 2,2 km depois na mesma pista, e ao chegar a um cruzamentos de caminhos (29S-755364-4275325), seguimos pelo que vai pelo lado direito. Este caminho (recomenda-se efectuar a pé), com magníficas vistas panorâmicas, vai-nos levar pela **Umbria de Serra Grande**, coberta por um denso bosque e matagal mediterrâneo, salpicado de rochas e que culmina com enormes penhascos de quartzita. Podemos seguir por este caminho, tendo como referência a vedação de arame do nosso lado direito (aparecem também alguns trilhos à esquerda, mas não devemos abandonar este em que seguimos) durante 4-5 km, até chegarmos a uns bonitos sobreirais. De regresso, pela estrada em direcção a Puebla de la Reina, depois de cruzar a serra com uma bonita vista panorâmica do Vale Bejarano, vamos abandonar esta a pouco mais de 4 km, virando à esquerda no desvio assinalado para a casa rural Serra del Mampar (29S-75291-4277720). Deixando o carro na berma do caminho, continuamos a pé até contornarmos a impressionante **Serra de Pinos**, demarcada por numerosos penhascos e coberta por um impenetrável bosque mediterrâneo. Voltando ao carro, terminamos o nosso trajecto ornitológico; obviamente, se vimos de Puebla de la Reina, estes dois itinerários podem ser efectuados no sentido contrário.

Milhafre-preto



Valores ornitológicos

As serranias que ocupam o centro da província de Badajoz (Serras de San Serván, Grajera, Peñas Blancas, del Conde-Vistalegre, Machita e Hornachos), verdadeiros “ecossistemas-ilhas” num meio agrícola muito degradado, apresenta como principal valor ornitológico a **comunidade de grandes rapinas**. Ao longo do trajecto e em cada um dos pontos de paragem-observa-

ção e/ou trilhos pedestres propostos (Cerro del Castillo-Represa de Alange, Minas de Tierra Blanca, Serra Utrera, Serra Grande e de Pinos) podemos apreciar este conjunto de espécies. Destacam-se, sem dúvida alguma pela sua transcendência em conservação, a população de *águia-perdigueira* (10 casais), *águia-real* (9 casais), *abutre-do-Egipto* (8 casais) ou *grifo* (+100 casais); outras espécies valiosas (*águia-cobreira*, *buf-real*, *peneireiro vulgar* e *francelho*, *gavião*, etc.) assim como as mais generalistas (*milhafre-preto*, *águia-calçada* ou *águia-de-asa-redonda*) também não faltam na lista de espécies observadas ao longo do percurso. Destacam-se ainda outros *taxa* de interesse, especialmente em latitudes mediterrâneas como esta, como é o caso do *chasco-preto*, *chasco-ruivo*, *melro-azul*, *cia*, *toutinegra-real*, *carrisqueira* e *do mato*, entre muitas outras ligadas a rochedos, bosque mediterrâneo ou montados. Durante a invernada aparecem espécies como a *ferreirinha-serrana* ou uma pequena população de *grou-comum* que se alimenta nos montados e utiliza as barragens como dormitório. Sobre o paredão da barragem de Alange assenta a maior colónia de *andorinhão-real* da Extremadura (+300 aves, também presentes nalguns penhascos serranos da zona), além de um grande número de *andorinhas-dos-beirais*, *gralhas-de-nuca-cinzenta*, etc. Nas zonas húmidas da área, em particular na Barragem de Alange (de difícil acesso pelo seu grande tamanho), um grande contingente de aves aquáticas utiliza o entorno durante todo o ciclo anual, fundamentalmente durante a invernada (*podicipedidae*, *rallidae*, *anátidae*, *ardeidae*, *laridae*, *sternidade*, *corvidae*, etc.), mas também na época reprodutora (especialmente anátidas e limícolas coloniais). Na Lagoa de Melchor Gómez reproduzem-se regularmente *pernilongo*, *mergulhão pequeno* ou *galeirão comum*, e ocasionalmente, *gaivina-de-faces-brancas*, *perdiz-do-mar* e *abibe*. No período migratório, a comunidade é enriquecida com outras espécies (fundamentalmente limícolas), podendo avistar-se também o *colhereiro*. Definitivamente uma grande riqueza ornitológica, como corresponde a uma área diversa e heterogênea.



Pernilongo

obstante, o período central do Inverno (Dezembro-Janeiro) também será muito recompensador.



Outros valores ambientais e culturais

Valores ambientais. Na área de influência da zona encontra-se outra série de **Espaços Naturais da Rede Natura 2000** (LICs Guadiana alto, Rio Matachel, Rio Palomillas, ZPEAs Colónia de Francelhos da Igreja de Guareña, ou do Parque Natural de Cornalvo; pode obter mais informação em <http://www.extremambiente.es>). A área conta ainda com outros interessantes valores botânicos, como as melhores e praticamente únicas populações ibéricas de **gerânio “de roca”** (*Erodium muretii*), ou as excelentes populações de **Orquídeas** e **Narcisos** (*Narcissus spp.*). A **Barragem de los Molinos** (Hornachos) é outra zona que pode ser visitada (dormitório de *grou*, concentrações pós-nupciais de *cegonha-preta*, *anátidas*, etc.).

Valores histórico-culturais. As serras mencionadas constituem sem exceção uma das melhores concentrações de **arte rupestre esquemática** do sudoeste ibérico; na Zarza existe um percurso sinalizado para a visita das famosas **“Pinturas rupestres de la Caldeirita”**. Os centros históricos ou **conjuntos monumentais** de **Mérida** (Património da Humanidade), **Alange** (termas romanas-estância termal, castelo, igreja paroquial, ermidas) e **Hornachos** (“enclave mourisco”: al-cáçova árabe, pilares e fontes, pomares e canais de irrigação, solares, ermidas) são valores históricos a destacar. Vale a pena visitar as **igrejas mudéjares** de Palomas, Puebla de la Reina e Hornachos.

Textos: Casimiro Corbacho Amado



Fenologia do roteiro

O período primaveril é o momento idóneo para levar a cabo este trajecto ornitológico, quer pela riqueza de espécies faunísticas como botânicas (ver depois). Não



Localização e acessos

La Serena é uma comarca situada no leste da província de Badajoz, cuja principal marca de identidade são as extensas terras de pasto que predominam como paisagem. O **Rio Zújar** e seus afluentes sulcam esta peneplanície xistosa com uma orografia suavemente ondulada. A peneplanície está flanqueada a sul e leste por uma sucessão de serras que não chegam a ultrapassar os 950m de altitude, apresentando uma densa vegetação de bosque e mato mediterrâneo.

Para visitar a zona, recomenda-se seguir pela EX-104 tendo como referência a localidade de Villanueva de la Serena. Esta estrada passa pelas principais localidades da comarca, incluindo **La Coronada, Campanario, Castuera e Cabeza del Buey**. Também se pode chegar pela N-430, através de Acedera (BA-105, em direcção a Orellana la Vieja), Navalvillar de Pela (EX-115, em direcção a Orellana la Vieja) ou Casas de Don Pedro (BA-197, em direcção a Talarrubias e Puebla de Alcocer).



Descrição do roteiro

O roteiro tem um trajecto aproximado de 77 km, dos quais 53 se efectuam por estradas em bom estado e com pouca circulação, enquanto que o resto decorre por caminhos perfeitamente transitáveis com um veículo convencional.

Troço 1. Desde Campanario até à EX-035. O roteiro começa na localidade de Campanario, onde chegámos pela EX-104 desde Villanueva de la Serena. Imediatamente antes de entrar na povoação, apanhamos um cruzamento à esquerda para seguir pela EX-349, que nos leva em direcção à Barragem de La Serena. Encontramos

o cruzamento com a EX-115 em direcção a Orellana la Vieja a 850m, mas seguimos em frente, sem nunca nos desviarmos, adentrado-nos numa das zonas estepárias de maior beleza de La Serena. Passamos primeiro pela Ermida de Piedra Escrita (km 5,5) e depois sobre o Rio Guadalefra (km 6,1) e chegamos finalmente à estrada EX-103, onde viramos à esquerda, em direcção a Orellana la Vieja e Puebla de Alcocer, até encontrar um cruzamento à direita a 1200m, continuando pela BA-035. Três quilómetros depois vamos passar pelos extremos da Barragem do Zújar e outros 3 km mais à frente chegamos a outro cruzamento no qual viramos à direita em direcção a Cabeza del Buey (continua a ser a BA-035).

Troço 2. Desde a BA-035 até à Ermida de Belén. Este segmento tem uma longitude de 22 km, sendo uma estrada muito recta e que atravessa na totalidade pastagens e terras de cultivo. É popularmente conhecida como a “Carretera de las Golondrinas” (estrada das andorinhas). No seu final, chegamos novamente à EX-104 e viramos à direita em direcção a Castuera. Depois de 3,7 km e de termos passado a pequena povoação de Almorchón, encontramos um desvio ao lado direito que nos leva até à Ermida de Belén.

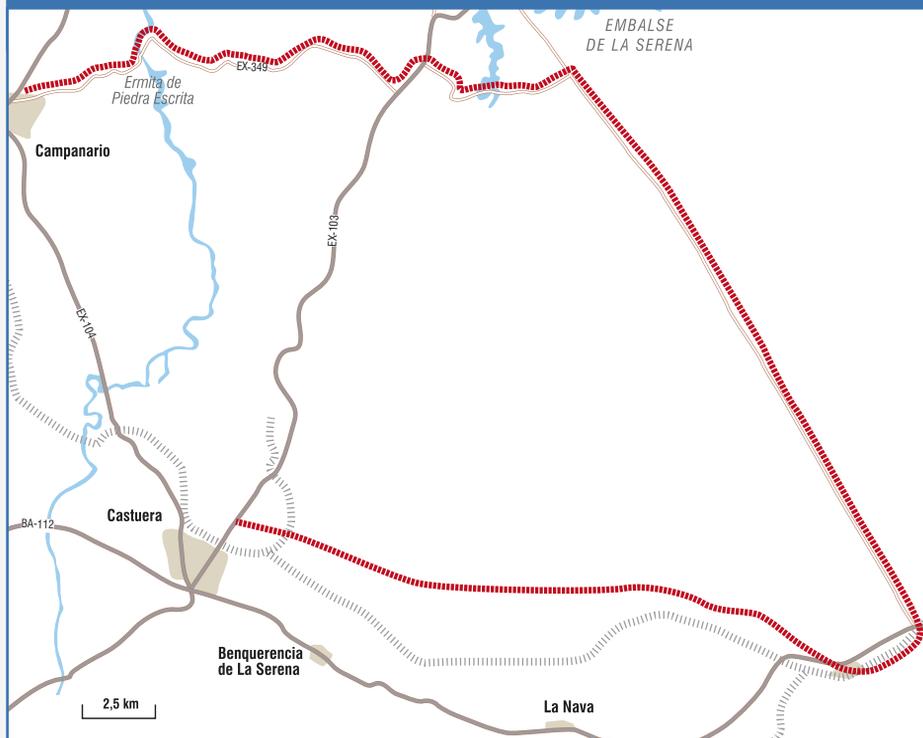
Troço 3. Desde a Ermida de Belén até Castuera. Desde a Ermida de Belén o percurso continua por um caminho de terra ao longo de mais de 25 km, que vamos seguir sempre recto. Os primeiros 5,5 km seguem paralelos à linha do comboio e depois afasta-se desta para continuar pelas pastagens situadas na umbria da serra. O caminho chega até Castuera, finalizando na EX-104, junto ao cemitério desta localidade.



Valores ornitológicos

La Serena é, sem dúvida, uma das zonas estepárias de

Esquema do roteiro e espécies nidificantes



Residentes	Estivais	Invernantes	Migradores de passagem
<ul style="list-style-type: none"> • abetarda • sisão • ganga • cortiçol-de-barriga-preta • águia-perdigueira • águia-real 	<ul style="list-style-type: none"> • cegonha-preta • abutre-do-Egipto • francelho • tartanhão-caçador • rolieiro • calhandrinha 	<ul style="list-style-type: none"> • abibe • tarambola dourada • grou-comum • petinha • laverca • tartanhão-azulado 	<ul style="list-style-type: none"> • chasco-cinzento • chasco-ruivo • cartaxo-nortenho

maior importância da Península Ibérica, quer pela sua extensão, quer pela importância dos habitats e espécies que podemos encontrar. As aves associadas aos terrenos de pasto e cultivos agrícolas de sequeiro têm aqui uma excelente representação, alcançando algumas delas importantes populações com grande valor em termos de conservação. Por tudo isto, conta com a designação de Zona de Protecção Especial para Aves

(ZPEA), sendo também a zona protegida de maior superfície em toda a Extremadura, ultrapassando as 150.000 has.

Nos **Troços 1 e 2**, que percorrem algumas das melhores zonas de pastagem, vamos ter várias oportunidades de observar aves estepárias. A *cotovia-escura*, muito mais abundante aqui que a *cotovia-de-poupa*, é uma

das espécies mais frequentes e está presente em todo o território. Vai ser fácil observar muitas aves pousadas nas vedações de arame e de pedras, e nos “dientes de perro” (dentes de cão), denominação que recebem nesta zona os afloramentos de quartzo, que nalguns casos chegam a ultrapassar os 2m de altura, como é o caso do *chasco-ruivo*, *picanço-real*, *trigueirão*, *poupa*, *mocho-galego* ou a *perdiz*. A ausência de árvores faz dos postes e fios de electricidade lugares de pouso muito utilizados pelas aves, o que vamos comprovar frequentemente com exemplares de *francelho*, *peneireiro*, *águia-de-asa-redonda*, *águia-cobreira* ou *rolieiro*. O canto e voo rápido da *calhandra* delatam-nas nas pastagens e pousios e nalgumas destas zonas, em especial nos pousios, é também possível encontrar a *calhadriinha*. Dada a escassa cobertura arborizada, devemos prestar especial atenção às zonas de juncais, tomilhais ou matagais e arbustos (retamas, zambujeiros, pilriteiros, pereiras-bravas, silvas) onde vamos encontrar outras espécies como *pintassilgo*, *pintaroxo*, *fuinha-dos-juncos*, *cartaxo*, *felosa poliglota*, *toutinegra-tomilheira*, *toutinegra-dos-valados*, *toutinegra-real* e *rouxinol-domato* (estas últimas principalmente nas manchas de zambujeiros). Nalgumas sementeiras de cereais estabelecem-se colónias de *tartanhão-caçador*, nas quais também podemos encontrar casais de *tartanhão-ruivo-dos-pauis*. Em ambos troços são ainda frequentes a *ganga* e o *cortiço-de-barriga-preta*, duas espécies emblemáticas das zonas estepárias, embora para observar estas aves seja aconselhável parar o carro e tentar ouvi-las enquanto voam, pois o seu canto é muito sonoro e facilmente reconhecível. Ao entardecer será mais fácil

ver ou ouvir o *alcarravão* e o *noitibó*, muito mais abundantes do que se poderia imaginar.

As *abetardas* podem surpreender-nos a qualquer momento do percurso, especialmente no troço da BA-035, onde há muitas possibilidades de contemplar alguns exemplares exibindo a sua plumagem nupcial durante a Primavera. Os *sisões* estão mais repartidos pelo território, e na época de reprodução devemos procurá-los nas zonas de cultivo de cereal e pastagens. Serão mais facilmente localizáveis se prestamos atenção ao chamamento peculiar dos machos para marcar o território.

Nos rios e arroios que encontramos pelo caminho, podemos observar espécies como o *pato-real*, *borrelho-pequeno-de-coleira*, *maçarico-bique-bique*, *maçarico-das-rochas*, *guarda-rios* e *alvéola-branca*. Nos que têm mais caudal ((Zújar e Guadalefra) também ocorrem *garça-branca*, *andorinha-do-mar-anã*, *guincho comum* e *gaivota-de-asa-escura*. Durante os meses estivais os charcos que conservam água costumam concentrar um grande número de espécies e vale a pena dedicar algum tempo a visitar estes recantos.

As herdades e casas de lavoura também são lugares interessantes para as aves, com buracos e telhados que servem como lugares de nidificação para muitas espécies, estabelecendo-se colónias de *francelho* assim como casais de *cegonha-branca*, *mocho-galego*, *mocho-d'orelhas*, *rolieiro*, *gralha-de-nuca-cinzenta*, *poupa*, *estorninho-preto* e inclusive *gralha-de-bico-vermelho*. As *garças-vaqueiras* também costumam rondar as zonas de gado, em estábulos e currais.

No período migratório são muito abundantes *chasco-cinzento*, *chasco-ruivo*, *cartaxo-nortenho*, *felosa-musical* ou *petinha-dos-campos*. No entanto, a alteração mais espectacular na composição da avifauna dá-se no Inverno, quando se integram nas pastagens importantes populações de espécies como *tarambola-dourada*, *abibe*, *tartanhão-azulado*, *petinha*, *laverca*, ou *alvéola-branca*. Algumas das espécies sedentárias tornam-se gregárias neste período e deslocam-se em bandos, como acontece com o *pardal-espanhol*, *pintassilgo*, *pintaroxo* ou *calhandra*. O *grou*, embora se encontre habitualmente nos montados, estabelece os seus dormitórios em pequenos charcos situados no meio das pastagens.

O **Troço 3** do roteiro inicia-se na Ermida de Belén e atravessa pastagens e e cultivos, mas oferecendo-nos, na maior parte do trajecto, vistas sobre a umbria da Serra de Tiros, que se estende desde as imediações de Al-

Cotovia-escura





Francelho

morchón até Castuera. As serras apresentam uma densa vegetação, predominando nalgumas zonas o bosque mediterrâneo (de azinheira e sobreiro), noutras os estevais e na parte mais baixa das ladeiras costumam aparecer montados abertos. Nos cumes destacam-se os grandes rochedos de quartzito. Esta complexa rede de habitats enriquece notavelmente a composição das comunidades de aves, estabelecendo-se espécies tipicamente florestais (*milhafre-preto*, *águia-de-asa-redonda*, *águia-calçada*, *pica-pau-malhado grande*, *tordeia*, *rouxinol*, *gaio*, *charneco*, *picanço-barreteiro*, *cariça*, *pardal-francês*, *tentilhão* ou *bico-grossudo*) e as representativas dos rochedos, como *melro-azul*, *chasco-preto*, *andorinha-das-rochas* ou *ferreirinha-serrana* (no Inverno). Vale a pena destacar a grande importância das serras para a nidificação da *águia-perdigueira*, *águia-real*, *abutre-do-Egipto*, *grifo*, *bufo-real*, *falcão-peregrino* e *cegonha-preta*, espécies que encontram nas paredes de quartzito um refúgio seguro e que utilizam as zonas estepárias como lugar de alimentação.



Fenologia do roteiro

Este trajecto não nos vai defraudar em nenhuma época do ano, embora a Primavera e o Inverno nos permitam avistar um maior número de aves. No Verão, as aves são muito activas ao amanhecer, devendo evitar efectuar os itinerários nas horas centrais do dia. Os tons amarelos e ocres dos pastos agostados também são espectaculares.

Aconselha-se não abandonar nunca as estradas e ca-

minhos, evitando entrar nas pastagens e cultivos. Esta precaução deve extremar-se na Primavera, pois podemos incomodar as aves que nidificam nestes habitats. No caso de avistar *abetardas* exibindo a plumagem nupcial é conveniente manter-se à distância.



Outros valores ambientais e culturais

Em **Castuera** encontra-se o **Centro de Interpretação da Natureza “Comarca de La Serena”**, que dispõe de diversos painéis informativos e um interessante audiovisual. Situa-se ao lado do “*Museu del Turrón*”, produto típico desta localidade, cuja visita é também recomendada. Vamos encontrar ainda várias fábricas do famoso “*Queijo de La Serena*”, com denominação de origem e elaborado de forma tradicional com leite cru de ovelha-merina.

Ao finalizar o roteiro, podemos seguir pela EX-104 até **Cabeza del Buey** e visitar os **castelos de Benquerencia de la Serena e Almorchón** (de origem almóada, séculos XII-XIII) e inclusive seguir até ao castelo de **Zarzacapilla**. Graças à sua privilegiada localização, podemos apreciar extraordinárias vistas panorâmicas em qualquer um deles.

Depois de Benquerencia de la Serena vamos chegar a Puerto Mejoral, uma pequena povoação onde a ADE-NEX tem uma **Aula da Natureza** e um excelente observatório para ver o voo dos *grous* ao entardecer, desde os montados até aos dormitórios.

Textos: Atanasio Fernández García



Localização e acessos

O roteiro localiza-se nos montados de Jerez de los Caballeros, no sudoeste da província de Badajoz, onde se encontra uma das massas florestais de azinheira e sobreiro mais extensas e melhor conservadas da Península Ibérica. Os caminhos sugeridos partem da localidade de Jerez de los Caballeros, à qual chegamos pelo norte e sul pela estrada N-435; a leste e oeste, pela EX-112, desde a A-66 (Zafra) e Villanueva del Fresno, respectivamente.



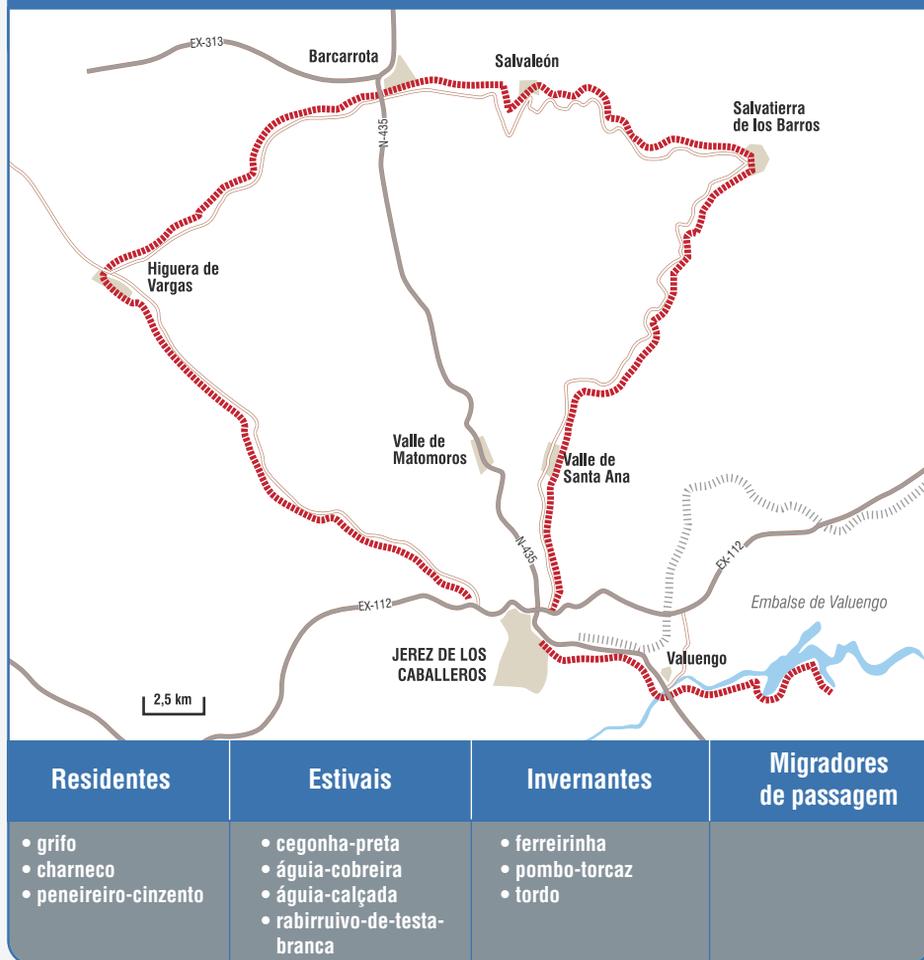
Descrição do roteiro

O roteiro é um percurso misto de asfalto e caminhos de terra, com uma longitude total aproximada de 105 km, dos quais apenas 10 se realizam por caminho. O itinerário parte da localidade de **Jerez de los Caballeros** à qual regressamos no final do trajecto. Foi pensado para ser efectuado de carro, num único dia, com paragens e trajectos curtos nos pontos e lugares de observação mais interessantes. À excepção dos cultivos de regadio do **Ardila** e da **barragem de Valuengo**, o itinerário decorre maioritariamente por paisagens onde predominam os azinhais e sobreirais, que se apresentam em massas puras ou mistas, formando montados ou formações mais densas de bosque, muitas vezes acompanhadas por pereiras-bravas ou carapeteiros. Esta comarca natural das serras de Jerez de los Caballeros mostra-nos em todo o seu esplendor a essência da paisagem extremeña: o montado. Um imenso mar de azinheiras e sobreiros com numerosos bosques maduros em excelente estado de conservação reveste os relevos ondulados dos

contrafortes extremeños da Serra Morena e constitui, ao lado das vizinhas comarcas andaluzas, o maior conjunto de bosque esclerófilo contínuo do sudoeste espanhol. Esta região constitui, de facto, a principal reserva de arvorado autóctone da Extremadura, com umas 350.000 has, que representam 40% da superfície arborizada da região, correspondendo os montados de Jerez de los Caballeros a umas 100.000 has. A qualidade dos bosques e montados e a riqueza de espécies reprodutoras como a *cegonha-preta*, justificam a declaração como Zona de Protecção Especial para as Aves.

Começamos o percurso na localidade de **Jerez de los Caballeros**, apanhando a estrada N-435 em direcção a Fregenal de la Sierra. Antes de atravessarmos a ponte sobre o Rio Ardila, viramos à esquerda, no ponto (X:0699392, Y:4241573) para apanhar a estrada que nos leva à povoação de Valuengo, apanhando a estrada à direita, no ponto (X:0700264, Y:4242231). Já na barragem, desde o paredão a jusante observam-se *garças-reais*, *garças-brancas-grandes* e *corvos-marinhos* a pescar ou apanhar sol sobre as lousas de ardósias. Com alguma sorte e paciência, podemos ver alguma *lontra* a brincar ou divertir-se na água. Daqui continuamos por um caminho de terra que percorre todo o perímetro da barragem, com vista para amplas zonas e ângulos onde se podem observar importantes concentrações Invernantes de anátidas (*pato-real*, *piadeira*, *pato-trombeteiro*, *galeirão...*), *corvo-marinho*, *mergulhão-de-crista* e *mergulhão pequeno*. Nos eucaliptos da margem em frente há um importante dormitório de *corvos-marinhos* e no final do Verão é possível observar grupos de *cegonhas-pretas* concentradas, antes de empreenderem a sua viagem migratória de regresso à África.

Esquema do roteiro e espécies nidificantes



O trajecto termina na ponta da herdade de La Parrilla, de onde regressamos a Jerez de los Caballeros pelo mesmo caminho. Aqui apanhamos a estrada EX-112 em direcção a **Oliva de la Frontera** para nos desviarmos à nossa direita, em direcção à localidade de **Higuera de Vargas** no ponto (X:0691600, Y:4244694). Neste itinerário torna-se muito evidente a estreita relação entre a vida selvagem e os sistemas de produção tradicionais equilibrados com o meio.

As temperaturas benignas do Inverno tornam agradável qualquer passeio pelos montados onde é frequente

a imagem das quadrilhas de podadores e as carvoeiras ou “*boliches*”, construções laboriosas destinadas à produção artesanal de um carvão vegetal de excelente qualidade que dá fama à localidade de **Zahinos**. Junto a isto, a verdadeira fonte de riqueza pecuária das povoações destas serras: o porco preto, cuja passagem pelo regime de montanha é decisivo para a engorda e refinamento dos seus enchidos conhecidos popularmente como “*pata negra*”. No caminho, vamos observar alguns *charnecos*, estranhamente escassos, e nos bosques mais maduros, densos e melhor conserva-

dos, o *pica-pau-malhado pequeno* e o *rabirruivo-de-testa-branca*, um reprodutor estival pouco frequente que tem o seu núcleo principal nesta zona da geografia extremenha. Chegando a **Higuera de Vargas**, viramos à esquerda para apanhar a estrada EX-311 em direcção à N-435 e daí à direita em direcção à localidade de **Barcarrota**. Aqui apanhamos a estrada em direcção às povoações de **Salvaleón** e **Salvatierra de los Barros**, famosa povoação oleira que vale a pena visitar. O trajecto é paisagisticamente espectacular, pois percorre a umbria da “**Serra de Peña Utrera**”, com alguns enormes sobreiros e carvalhos-cerquinhos e belas vistas para os vales circundantes e “**Serra de Valbellido**”, em cujo penhascos se podem ver *grifos*. Ao chegar a Salvatierra apanhamos a estrada BA-3021 em direcção ao **Vale de Santa Ana** e à N-435, no que será talvez o caminho mais espectacular de todo o trajecto. Durante um pouco mais de 25 km a estrada atravessa uma paisagem revestida de arvorado e onde não será estranho ver a *cegonha-preta* planando a baixa altitude ou a pescar nalgum ribeiro ou charco de algum montado.



Valores ornitológicos

Os azinhais e sobreirais albergam ricas comunidades de aves, com um interesse especial para espécies ameaçadas como a *cegonha-preta*, que encontra nestas vastas extensões de arvorado o melhor aliado para passar despercebida durante o período reprodutor. Durante o Inverno, uma pequena fracção da população passa esta época em pares ou pequenos grupos repartidos pelos inúmeros charcos pecuários da zona e durante o Verão produzem-se as chamadas concentrações pré-migratórias ou pós-nupciais, prévias à viagem de migração ou regresso aos quartéis de invernada na África subsariana. Durante a Primavera podemos dar as boas-vindas também às *águias-calçadas*, *águias-cobreiras* e outras estivais vindas de África, ao lado de uma longa lista de avezinhas pequenas que passam despercebidas entre as ramagens das árvores. Os ruidosos *charnecos* são muito comuns nos azinhais onde instalam as suas colónias de criação, assim como a *cegonha-branca*, *pombos-torcazes*, *cucos-rabilongos*, *tordeias*, *estorninhos* e *poupas* que também mantêm populações numerosas na zona. Com a passagem dos anos, as azinheiras e sobreiros

centenários dos bosques mais maduros oferecem refúgio a uma grande quantidade de espécies animais nos buracos dos seus troncos e ramos. Por esta razão, são particularmente abundantes as rapinas nocturnas como *corujas* e mamíferos como a *geneta* e o *ratodos-pomares*. Estes velhos bosques maduros constituem o habitat mais favorável para o *pica-pau-malhado pequeno* e o *rabirruivo-de-testa-branca*.

A barragem de Valengo regista importantes concentrações invernações de *mergulhão-de-crista* e existe um dormitório invernal de *corvo-marinho* nos eucaliptos da margem. Cabe salientar que nesta barragem foi registado um dos primeiros avistamentos desta espécie como reprodutor no ano de 1993.



Fenologia do roteiro

Pode realizar-se em qualquer época do ano. Como foi assinalado noutros roteiros, a Primavera é a estação mais favorável, com boas temperaturas durante o dia e o regresso das aves estivais: *cegonha-preta*, *águia-calçada*, *águia-cobreira*... A Primavera é também o período reprodutor e, como recomendação geral para todos os roteiros, não devemos abandonar o itinerário estabelecido. Assim evitamos perturbar as aves neste período sensível. O Verão é muito quente, pelo que nos devemos proteger e hidratar convenientemente, evitando as horas centrais do dia, que são, por outro lado, as menos favoráveis para observar aves.



Outros valores ambientais e culturais

Conjunto histórico-artístico de Jerez de los Cabaleros

Poço de neve, castelo e Museu de olaria de Salvatierra de los Barros

Textos: Víctor Manuel Pizarro Jiménez



Peneireiro-cinzent

19 Barragem de Arroio-Conejos e Campiña Sur



Localização e acessos

Llerena e Azuaga (início e fim do roteiro), no sul da província de Badajoz, ambas sobre a estrada N-432 (Badajoz-Granada), são as localidades de referência. O acesso à zona efectua-se facilmente desde a auto-estrada Vía de la Plata (A-66), apanhando o desvio para os referidos núcleos urbanos em Zafra.

Folhas 1:50.000 números 855, 856,877 e 878.

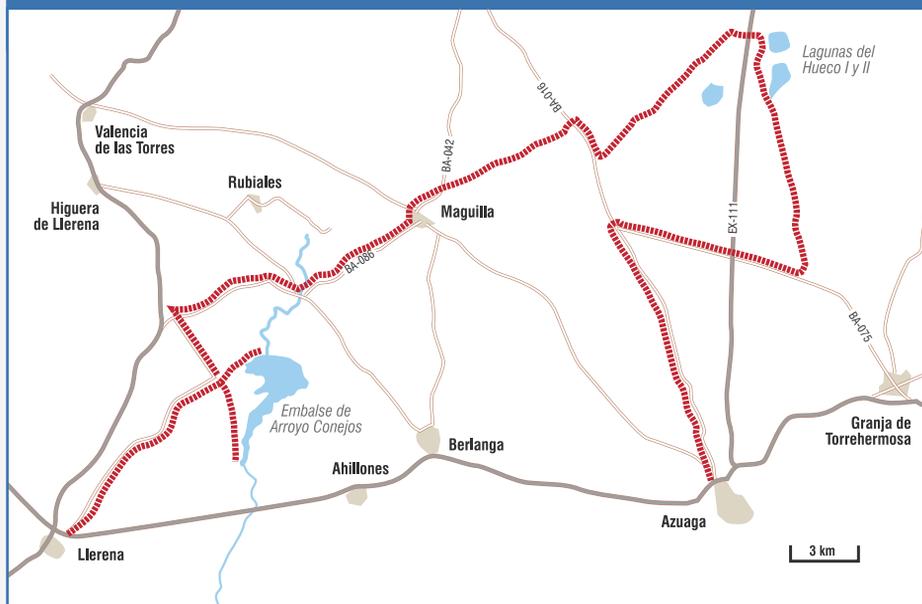


Descrição do roteiro

O itinerário atravessa a ZPEA “**Campiña Sur e Barragem de Arroio Conejos**”, uma enorme planície agrícola cerealífera (+250 000 has.) no sul da Extremadura, de grande importância para as populações orníticas, especialmente estepárias e aquáticas. O trajecto sugerido é de traçado longo e completo, um pouco mais de **80 km**, e foi desenhado para ser efectuado num **dia inteiro**. Começa em **Llerena**, onde apanhamos a estrada local (“Carretera de los Labradores” ou “del Pantano”) que nos leva até ao paredão da Barragem de Arroio Conejos (ou de Llerena, 12,5 km). Sugerimos visitar também a ponta da barragem, para o que teremos que regressar por esta estrada durante cerca de 2,8 km até chegar a um cruzamento (30S-242988-4244234); neste ponto viramos à esquerda e seguimos durante 3,5 km até alcançarmos o caudal do Arroio Conejos e o limite da barragem. Voltando ao anterior cruzamento, seguimos agora em frente, até ao final da via (2,5 km) e chegamos ao **Caserío de Casas de Pila** (30S-241322-4246132), uma representação típica das herdades rurais de La Campiña. Aí apanhamos a pequena estrada local BA-086 (Llerena-Maguilla) à direita, que

coincide com a **Cañada Soriana** durante o primeiro segmento. 6,5 km mais à frente, depois de atravessarmos as **Dehasas** (montados) **de Las Tiendas, Casablanca e Malajuncia**, que albergam importantes populações de *grous* durante a hibernação, chegamos a um cruzamento de pequenas estradas locais, precisamente no lugar de passagem do Arroio Conejo depois da represa. Neste ponto devemos seguir o sentido para a pequena localidade de Maguilla, deixando o **Cortijo del Tío Piche** e algumas minas abandonadas ao nosso lado esquerdo, no alto de um cerro. Depois de percorrermos 6,5 km entre olivais, vinhas, cultivos de cereais e atravessarmos o **Arroio de las Veguillas** rodeado por um magnífico olmal declarado LIC, chegamos à referida povoação. Já em **Maguilla**, depois de atravessarmos a localidade, apanhamos a estrada de Campillo de Llerena (BA-042). 1,5 km à frente, no ângulo de uma curva aberta (30S-253122-425145) aparece à nossa direita uma pista asfaltada (“Carrera” ou Caminho de Zalameda) que vamos apanhar até à intersecção (6,5 km) com a estrada **Campillo-Azuaga** (BA-016). Durante este trajecto, e até ao final do roteiro, vamos atravessar uma vasta planície e campina agrícola (olivais, vinhas, cereais), com pequenos retalhos de montado de azinheira, salpicada por fazendas e pombais caídos. Em qualquer ponto deste itinerário é possível avistar aves estepárias (*abetardas, sisões, cortiçol-de-barriga-preta, tartanhão*, etc.) ou bandos de *grous* (tanto nos montados, como em plena planície), razão pela qual se recomenda perscrutar atentamente o imenso território, parando sempre que se considere necessário. Na estrada que se referiu anteriormente, viramos à direita, em direcção a Azuaga, e seguimos durante 2,8 km (30S-259756-4252775) até virarmos à esquerda numa pista asfaltada (**Carretera**

Esquema do roteiro e espécies nidificantes



Residentes	Estivais	Invernantes	Migradores de passagem
<ul style="list-style-type: none"> • abetarda • sisão • cortiçol-de-barriga-preta • alcaravão • peneireiro-cinzento • cegonha-branca • gralha-de-bico-vermelho 	<ul style="list-style-type: none"> • tagaz • andorinha-do-mar-anã • perdiz-do-mar • pernilongo • tartanhão-caçador • francelho • rolieiro 	<ul style="list-style-type: none"> • grou-comum • tartanhão-azulado • esmerilhão • tarambola-dourada • anátidas 	<ul style="list-style-type: none"> • marreco • chasco-ruivo

de Palomero ou Pista dos Alcornocales). Esta pista de pouco mais de 7,5 km de longitude vai-nos levar até uma nova estrada (EX-111:Azuaga-Zalamea de la Serena), depois de virarmos à direita, no cruzamento com um trilho de terra (30S-266159-4256465). Pouco antes de chegar a esta cruzámos um **bosque de sobreiros** já maduros, resultado da plantação efectuada já há algumas décadas e uma estampa pouco característica das planícies cerealíferas. Ao alcançarmos a referida estrada EX-111, atravessamos a mesma, para apanhar a pista que sai precisamente em frente ao cruzamento; 250m mais à frente, viramos à direita no pri-

meiro cruzamento com outra pista-caminho que encontramos (30S-26654-428368) e seguindo no sentido sul. Próximo deste mesmo cruzamento encontram-se várias lagoas temporárias (**Lagoas del Huevo I e II, del Lentiscal, Tres Chicas, Juan Andrés**), outro dos elementos mais típicos e importantes de La Campiña, embora, na maioria dos casos, muito alterados por processos de drenagem, agricultura, utilização inadequada, etc. De qualquer maneira, podem albergar, especialmente durante a invernada e épocas migratórias, interessantes contingentes e espécies de aves aquáticas (ver depois) depois de períodos de chu-

vas intensas. Encontrando-nos outra vez na pista, seguimos durante 10 km até que esta termine, na estrada local BA-075 que nos leva às estradas mencionadas anteriormente (EX-111 e BA-016) desde **Granja de Torrehermosa**. Atravessámos neste último segmento alguns dos pontos de toda a comarca mais atraentes para as aves estepárias em geral, e para as *abetardas* em particular. Na referida estrada, em cujo cruzamento se encontra outra lagoa (**Lagoa del Alguacil**), viramos à direita e seguimos durante 4,5 km até chegar a um pequeno montado (**Dehesa de Llera**, lugar apetecido para os *grous*) no cruzamento com a estrada de Azuaga-Zalamea. Aqui, temos duas opções, dependendo de se as nossas “expectativas ornitológicas” se viram cumpridas até ao momento, ou não. Ou viramos à esquerda, em direcção a Azuaga (9 km) para finalizarmos o trajecto nesta localidade; ou seguimos em frente, avançando um pouco mais. Se escolhemos esta segunda possibilidade, depois de cruzarmos a EX-111, seguimos recto pela mesma estrada local anterior durante 5,5 km até chegarmos outra vez à estrada de Campillo (BA-16). Uma vez aqui, depois de termos passado por outra zona muito desejada pelas *abetardas*, viramos à esquerda e apanhamos esta estrada que nos leva a **Azuaga** (12 km) e ao fim do nosso roteiro. Opcionalmente, e em alguns outros cruzamentos com as estradas principais (desaconselhamos totalmente apanhar estradas secundárias, pelo mau estado em que se encontram, especialmente depois de períodos de chuva) podem efectuar-se percursos alternativos, regressando depois ao itinerário sugerido.



Gangas em vôo



Valores ornitológicos

São muito numerosos e variados os valores ornitológicos que vale a pena destacar nesta comarca do sul da Extremadura. Começamos pela Barragem de Arroio-Conejos, outra das zonas húmidas extremenhas catalogada como de grande importância para a **avi-fauna aquática**. Durante a época reprodutora, destaca-se a comunidade de limícolas coloniais que se instala regularmente nas ilhas da barragem: *tagaz*, *perdiz-do-mar*, *andorinha-do-mar-anã* e *pernilongo*. Ao lado destas espécies, reproduzem-se na zona também *mergulhão-de-crista*, *mergulhão-pequeno*, *fri-sada*, *pato-real* e *galeirão*, etc. Durante o período invernal, esta massa de água é muito utilizada por um numeroso contingente de aves aquáticas, destacando-se espécies como o *ganso-bravo*, *marrequinha*, *pato-trombeteiro*, *piadeira*, *pato-de-bico-vermelho* ou *zarro*. De passagem migratória, salienta-se, tanto na barragem como nas lagoas temporárias espalhadas pela campina cerealífera, a ocorrência de alguns exemplares de *colhereiro*, *marreco* (especialmente de passagem pré-nupcial), agrupamentos muito numerosos de *cegonha-branca* e diferentes espécies de **limícolas**. O *grou*, espécie para a qual La Campiña constitui a segunda área em importância numérica na Extremadura, albergando em conjunto mais de 10.000 exemplares, utiliza profusamente tanto os montados e planícies (áreas de alimentação) como as zonas húmidas (dormitórios). Neste sentido, a Barragem de Arroio-Conejos pode servir-nos perfeitamente para observar a chegada dos *grous* ao seu dormitório, procedentes dos montados mencionados anteriormente e localizados a oeste da barragem; colocando-nos sobre o paredão da represa vamos ter uma excelente perspectiva deste espectacular e ruidoso evento. Quanto à **avi-fauna estepária**, La Campiña Sur constitui, ao lado

Mergulhão





Francelho

das Planícies de Cáceres e de La Serena, um dos principais refúgios extremenhenhos para este tipo de espécies. Destaca-se a presença como reprodutora, da *abetarda* (+500 exemplares; +1.000 na invernada), *sisão*, *cortiçol-de-barriga-preta*, *alcaravão*, *rolieiro*, *tartanhão-caçador*, *calhandra* ou *calhadrinha*. Ao longo da invernada, é de salientar a presença de *tartanhão-azulado*, *esmerilhão*, *abibe*, *tarambola-dourada*, *laverca*, *petinha-dos-campos*, entre outras espécies. O *francelho*, abundante em toda a comarca, estabelece importantes colónias reprodutoras nos núcleos urbanos (a colónia da igreja de Llerena está declarada como ZPEA) e construções rurais, aqui ao lado do *rolieiro*. Por último, a *gralha-de-bico-vermelho* é outra espécie característica e muito abundante na zona, encontrando-se muito ligada às antigas explorações mineiras de chumbo, actualmente abandonadas. Finalmente, a avifauna ligada aos dispersos **bosques de montados** compõe-se de espécies interessantes como, além dos já mencionados *grous*, o *peneireiro-cinzentos*, *charneco*, *bufo-pequeno*, etc.



Fenologia do roteiro

Embora este roteiro se possa realizar em qualquer época do ano, recomenda-se a Primavera (Março-Maio) ou o Inverno (Dezembro-Fevereiro), tendo especial cuidado nesta altura com o mau estado dos caminhos (barro e água).

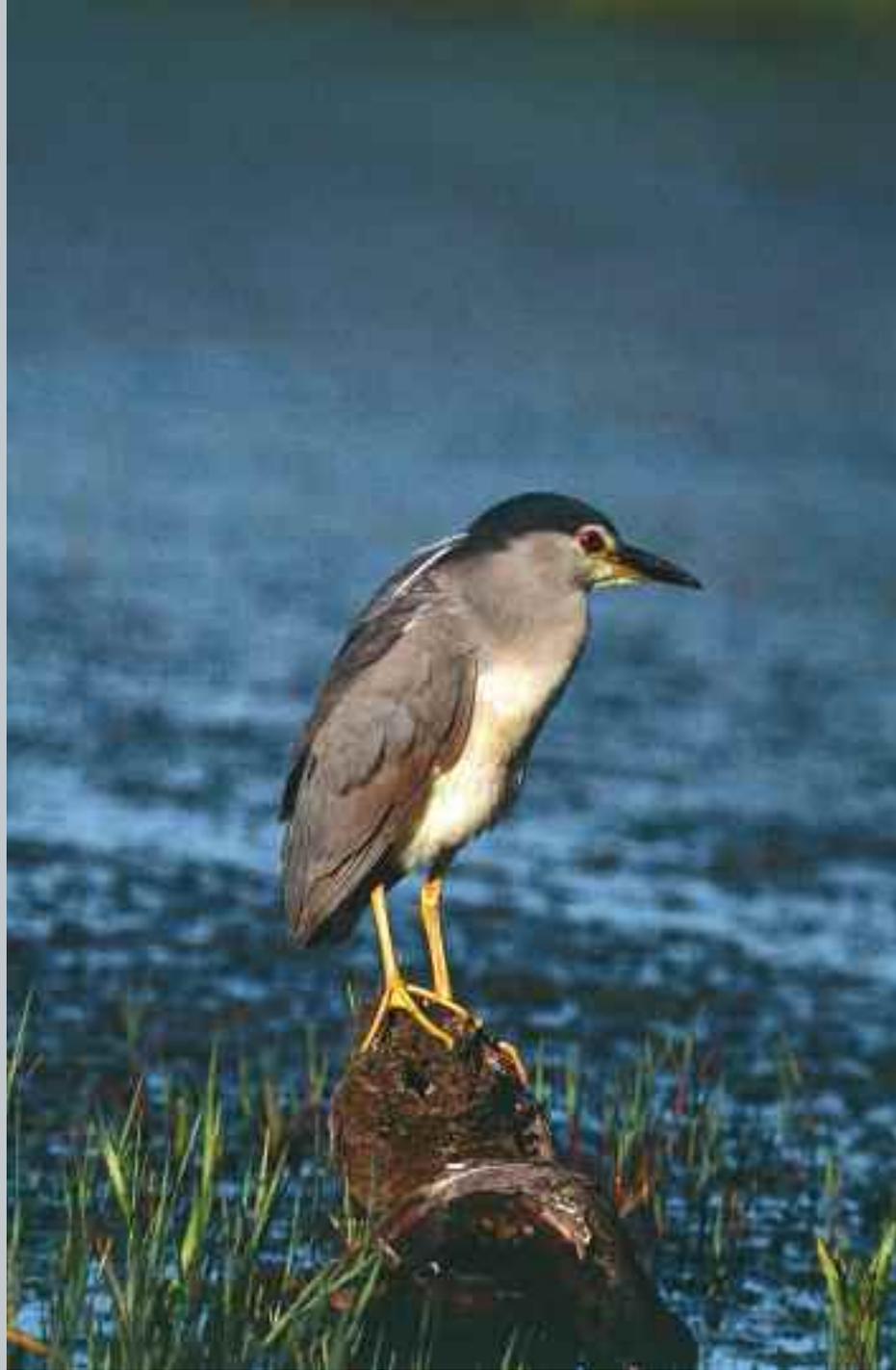


Outros valores ambientais e culturais

Valores ambientais. Na comarca e arredores encontramos vários **Espaços Naturais da Rede Natura 2000** que valem a pena ter em consideração. Referimo-nos aos LICs das zonas altas de cabeceira dos rios Matachel, Retín ou Membézar; o Olmal do Arroio de las Veguillas (Maguilla) ou as Serras de Bienvenida e La Capitana (Bienvenida); a “**Mina de la Jayona**” (Fuente del Arco), que se encontra declarada como Monumento Natural, tendo sido restaurada e adaptada para visita (mais informação em <http://www.extremambiente.es>). Por último, a **Serra del Recuero** e os contrafortes da Serra Morena (Azuaga) albergam importantes valores naturais, particularmente grandes rapinas.

Valores histórico-culturais. Conjuntos monumentais de Llerena (Igreja de Nossa Senhora de Granada, Plaza Mayor, casa mudéjares, muralhas) e Azuaga (Castelo de Miramontes, Igreja de Nossa Senhora de la Consolación, ermidas, solares). Igrejas de estilo mudéjar de Granja de Torrehermosa, Berlanga ou Valverde de Llerena. Impressionantes testemunhos do passado romano e árabe são, respectivamente, o **Teatro** e a **cidade romana de Regina** (Casas de Reina) e a **Alcáçova árabe de Reina**. Em Cardenchoa, localidade do município de Azuaga, existem vários monumentos megalíticos, entre os quais um menir situado no próprio centro urbano.

Textos: Casimiro Corbacho Amado



Goraz



Tentilhão comum



JUNTA DE EXTREMADURA
Consejería de Cultura y Turismo



UNIÓN EUROPEA
Fondo Europeo de
Desarrollo Regional

"Una manera de hacer Europa"

www.turismoextremadura.com